

**FERNANDO PAULO ROSA DE FREITAS**

**O SALTO COM VARA NA ESCOLA: SUBSÍDIOS PARA O SEU  
ENSINO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade Humana.

**DRA. SARA QUENZER MATTHIESEN  
(ORIENTADORA)**

**RIO CLARO**

**2009**

**FERNANDO PAULO ROSA DE FREITAS**

**O SALTO COM VARA NA ESCOLA: SUBSÍDIOS PARA O SEU  
ENSINO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade Humana.

Comissão examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Irene Conceição Andrade Rangel

---

Prof. Dr. Nelson Prudêncio

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sara Quenzer Matthiesen

Rio Claro, 23 de março de 2009

## DEDICATÓRIA

A minha filha Nicole, razão maior de nossa vida.

## AGRADECIMENTOS

- À estimada Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sara Quenzer Matthiesen, pela oportunidade e orientação.
  - Aos Professores Doutores Irene Rangel e Nelson Prudêncio, integrantes da banca avaliadora, pela honra e privilégio de terem aceitado esse convite.
  - Aos Professores Doutores da Unesp, que, em suas disciplinas, dividiram comigo muito mais do que o conhecimento. De cada um, uma forte lembrança: Sara – responsabilidade; Tati – carinho; Suraya – amizade; Afonso – força; Samuel – solidariedade; Dagmar – gentileza; Gisele: simpatia; Emerick – juventude; Lorenzeto – generosidade; Wilson – competência. Aprendi muito com todos.
  - Aos funcionários da Unesp, por toda a ajuda e atenção.
  - Aos companheiros de curso, das disciplinas e do GEPPA, pelos bons momentos e pelas conquistas que alcançamos juntos.
  - Aos amigos da D.E. de Limeira, Liliane Tank e todo pessoal do “Bolsa Mestrado”.
  - A todos os professores, colegas de profissão e, em especial, ao amigo Germano.
  - Às entidades e amigos que colaboraram com imagens e informações para esta pesquisa: Centro Pró-Memória Hans Nobiling do E.C. Pinheiros; Bar do Mané e Zélia, de Guaratinguetá; Prof. Gilberto Bortoloci e Sinibaldo Gerbasi.
  - À supervisão, direção, coordenação, funcionários e professores da E.E. Prof. Odilon Corrêa, por compartilharem comigo este espaço de trabalho e esperança.
  - A todos os alunos, em especial, à 8ª serie 3 de 2008, pela participação nota 10.
  - Ao Ivan: de bom aluno a amigo de confiança e trabalho.
  - À Dra. Márcia Casella (in memoriam); amiga; professora e exemplo de fé.
  - Ao meu pai, Paulo, pela força de seu trabalho, à minha mãe, Miriam, pelo exemplo de honestidade e a saudosa Tia Lúcia.
  - À minha mulher Carla, meu amor.
  - Finalmente, a Deus, o Verdadeiro Mestre. Em todas as histórias da minha vida, somente o Senhor dividiu comigo cada momento. Peço Pai, que abençoe a todos esses queridos e aos outros que, de alguma forma, compartilharam dessa caminhada.
- P.S. A Napoleão: sub-mestre neste mesmo trabalho, pelas muitas horas de fiel companhia sob a mesa de trabalho.

## RESUMO

Oriundo de atividades realizadas na natureza, o salto com vara, até chegar à forma esportiva pela qual é conhecido atualmente, passou por diversas modificações que merecem ser conhecidas. A fim de disseminar esse conhecimento em aulas de Educação Física, esta pesquisa teve como objetivo verificar a possibilidade e as contribuições do ensino do salto com vara a partir de sua história, no campo escolar. Após ampla pesquisa bibliográfica sobre a história do salto com vara, foi organizado um texto concentrando informações e imagens sobre os principais atletas e marcas, bem como sobre as modificações ocorridas nas técnicas e nos implementos dessa prova. Numa segunda etapa, foram elaboradas oito aulas de Educação Física visando o ensino do salto com vara na escola. Com base na pesquisa-ação, a aplicação das aulas com uma turma de 8ª série do Ensino Fundamental de uma Escola Pública da cidade de Rio Claro, demonstrou a viabilidade do ensino do salto com vara a partir de sua história. Espera-se que os resultados provenientes da pesquisa bibliográfica e das aulas de aplicação possam subsidiar o trabalho de outros professores de Educação Física, interessados no ensino do salto com vara na escola.

**Palavras – Chave:** Salto com vara; História; Educação Física Escolar; Atletismo.

## **ABSTRACT**

Stemming from activities accomplished in the nature, the pole vault, until reaching the sporting pattern as it is known nowadays, passed through several modifications that deserve to be known. In order to disseminate that knowledge in Physical Education Classes, this research had as a purpose verify the possibility and the pole vault teaching contributions from its history on, in the school field. After wide bibliographical research on the pole vault history, a text was organized centralizing information and images on the main athletes and marks, as well as on the modifications happened in that proof techniques and implements. In a second stage, eight Physical Education Classes were elaborated taking aim the pole vault teaching at school. Based on the action research, the classes application in the 8<sup>th</sup> series group at Fundamental Education belonging to a Public School in Rio Claro city, showed the pole vault teaching viability from its history on. We expect that the proceeding results from the bibliographical research and from the application classes can subsidize the work belonging to other Physical Education teachers interested in the pole vault teaching at school.

**Key Words:** Pole vault; History; School Physical Education; Athletics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	Página
Figura 1: Salto de Gilberto Bortoloci em Pedreira – SP .....	30
Figura 2: Prof. Gilberto Bortoloci auxilia aluno durante aula .....	31
Figura 3: Salto com vara sobre cavalos .....	47
Figura 4: O salto sobre touros realizado na Ilha de Creta .....	47
Figura 5: Em um anel, o registro do salto sobre touros em Creta .....	48
Figura 6: “Salto de la Garrocha”, gravura da série “tauromaquia”, de Goya .....	48
Figura 7: “Recortador” salta sobre touro .....	49
Figura 8: O “salto de la garrocha” atual .....	49
Figura 9: Ânfora grega retratando o salto com vara sobre cavalos .....	50
Figura 10: No Wushu, há golpes combinados com o salto com vara .....	51
Figura 11: Desfile de abertura dos Jogos Tailteanos de 1928 .....	52
Figura 12: Cercas de pedra em paisagem britânica .....	54
Figura 13: Fazendeiro holandês com uma vara de saltos (final século XIX) .....	55
Figura 14: A origem do <i>fierldjeppen</i> .....	55
Figura 15: Vista aérea de uma competição de <i>fierldjeppen</i> .....	55
Figura 16: Passagem inglesa sobre a barra em posição sentada .....	57
Figura 17: Johann Bernhard Basedow .....	58
Figura 18: Johann Christoph Friedrich GutsMuths .....	58
Figura 19: Rara ilustração do salto com vara do livro de GutsMuths .....	58
Figura 20: Salto com vara em uma rua de Canistota – Dakota do Sul .....	59
Figura 21: William Welles-Hoyt, o primeiro campeão olímpico da prova .....	60
Figura 22: Atividades na natureza.....	61
Figura 23: Lenço marca o salto em distância.....	61
Figura 24: Sequência completa e descrição das fases do salto com vara .....	62
Figura 25: Hugo Svenson salta 3,28 metros, na Suécia, em 1911.....	63
Figura 26: O estilo arco de M.S.Wright .....	64
Figura 27: O estilo voador de Charles Hoff .....	64
Figura 28: Albert Tyler com uma vara de madeira, em 1896 .....	65
Figura 29: Jogos Olímpicos de 1900: varas de bambu .....	65

Figura 30: Imagem da prova em 1900 .....	65
Figura 31: Cornelius Warmerdam, “The Dutch” .....	67
Figura 32: Vista superior e lateral da caixa metálica do encaixe .....	68
Figura 33: Don Bragg, recordista mundial com vara de metal .....	69
Figura 34: Atleta prepara uma área de queda, no ano de 1910 .....	70
Figura 35: Área de queda na década de 1930 .....	71
Figura 36: Jogos Olímpicos de 1948: caixa de areia.....	71
Figura 37: Bob Richards em 1952 .....	72
Figura 38: Área de queda na vila olímpica de Melbourne, 1956 .....	72
Figura 39: Área de queda dos Jogos Olímpicos de Melbourne, em 1956.....	72
Figura 40: Área de queda feita com serragem e cercada por fardos de feno .....	73
Figura 41: Área improvisada com colchões .....	73
Figura 42: Área de queda com formato irregular.....	74
Figura 43: Don Gordon, suposto inventor do “fosso de espuma” .....	74
Figura 44: Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964: área com tiras de espuma .....	75
Figura 45: Área de queda atual: amortece as quedas e previne acidentes .....	76
Figura 46: Exemplo de uma vara de material sintético .....	76
Figura 47: Salto com uma vara rija (bambu ou metal) .....	77
Figura 48: Salto com vara flexível (sintética) .....	77
Figura 49: A incrível flexão suportada por uma vara sintética.....	78
Figura 50: Cornelius Warmerdam destacou-se utilizando varas de bambu .....	79
Figura 51: “Bob” Richards celebra a vitória nos Jogos Olímpicos de 1952 .....	80
Figura 52: Sergei Bubka, em 1988, durante os Jogos Olímpicos de Seul .....	80
Figura 53: Earle Meadows (EUA), entre Nishida e Ohe em 1936 .....	82
Figura 54: A medalha da amizade.....	82
Figura 55: Ohe (esquerda) e Nishida (direita) .....	83
Figura 56: Ysinbayeva ultrapassando a marca dos 5,00 metros .....	90
Figura 57: Walter Rehder, atleta rio-clarense da prova do salto com vara .....	94
Figura 58: Lúcio de Castro ao lado do campeão japonês Sueo Ohe .....	94
Figura 59: Ícaro de Castro Mello .....	95
Figura 60: Sinibaldo Gerbasi em treinamento .....	96
Figura 61: Foto de Sinibaldo Gerbasi com este pesquisador.....	97
Figura 62: Fabio Gomes da Silva nos Jogos Pan-Americanos de 2007 .....	98
Figura 63: Fabiana Murer nos Jogos Pan-Americanos de 2007 .....	99

Figura 64: Grupos reunidos para a avaliação inicial.....	104
Figura 65: A empunhadura para os alunos destros.....	107
Figura 66: Largada da estafeta .....	108
Figura 67: Diagrama da estafeta .....	109
Figura 68: Saída com a vara de madeira .....	109
Figura 69: Salto horizontal com vara de bambu.....	109
Figura 70: Salto vertical com a vara de metal .....	110
Figura 71: Vara sintética e colchões, ao fundo .....	110
Figura 72: Diagrama do circuito dos quatro implementos .....	111
Figura 73: Momento de reflexão .....	112
Figura 74: Teste da empunhadura com varas de pesos diferentes .....	113
Figura 75: Saída para o local da coleta das varas .....	117
Figura 76: O corte dos bambus .....	117
Figura 77: Corte dos galhos e da ponta do bambu .....	117
Figura 78: Retirada das varas .....	118
Figura 79: Retorno com o material coletado .....	118
Figura 80: As 13 varas de bambu coletadas .....	118
Figura 81: Medindo os implementos individuais .....	118
Figura 82: O corte dos implementos individuais .....	119
Figura 83: Identificação dos implementos .....	119
Figura 84: Anotação do peso e do tamanho de cada implemento .....	119
Figura 85: Suportes para armazenar as varas .....	120
Figura 86: Varas colocadas na vertical para secagem .....	120
Figura 87: Comparação das varas: secagem incompleta .....	123
Figura 88: Extremidades superiores que racharam com a secagem .....	123
Figura 89: Aquecimento: alunos prontos para a atividade .....	125
Figura 90: Exercícios de aquecimento com as varas .....	125
Figura 91: Quedas em áreas sem amortecimento .....	126
Figura 92: Queda frontal nas espumas .....	127
Figura 93: Queda de costas nas espumas .....	127
Figura 94: Preparação para o salto .....	127
Figura 95: Queda sobre o encerado .....	127
Figura 96: Altura do recorde mundial feminino .....	128
Figura 97: “V6” em relação à altura do recorde .....	128

Figura 98: Construção do encaixe .....	129
Figura 99: Tijolos como anteparo do encaixe .....	129
Figura 100: “C6” encaixa, mas não “engrupa” .....	129
Figura 101: “V4” erra o lado de entrada .....	129
Figura 102: Grupo Preto afofa a areia .....	130
Figura 103: “A2” salta sobre a caixa de areia .....	130
Figura 104: Grupo Azul eleva a caixa de areia .....	130
Figura 105: Salto de “A2” sobre caixa elevada .....	130
Figura 106: Grupo Cinza: área de queda com as espumas e o encerado .....	131
Figura 107: “V4” se aproxima para o salto .....	131
Figura 108: “C6” faz a rotação antes da queda .....	131
Figura 109: Tentativa do professor .....	132
Figura 110: Salto com vara descendente .....	135
Figura 111: Salto descendente para o pátio .....	135
Figura 112: Salto descendente no encerado .....	135
Figura 113: A transposição do “rio” .....	136
Figura 114: A “cobrinha” .....	137
Figura 115: A passagem da corda .....	137
Figura 116: A passagem do bambu .....	137
Figura 117: O salto sobre os pneus .....	138
Figura 118: Obstáculo em movimento .....	138
Figura 119: Largada da prova da corrida das padiolas .....	142
Figura 120: Padioleiros contornam o cone .....	142
Figura 121: Chegada da corrida das padiolas .....	142
Figura 122: “V5” segura o alvo .....	143
Figura 123: “A3” em pleno vôo .....	143
Figura 124: “A7” passa próxima do alvo .....	143
Figura 125: “A2” acerta e balança o alvo .....	143
Figura 126: Rei da mesa 1: “A1” x “V4” .....	144
Figura 127: Rei da mesa 1: “A5” x “V7” .....	144
Figura 128: “P4” coloca pressão para o lado direito .....	144
Figura 129: Grupos Azul e Cinza treinam seus <i>katás</i> .....	145
Figura 130: Aquecimento para a aula 6 .....	147
Figura 131: Parada de mão na parede .....	148

Figura 132: “P2” executa uma estrela .....	148
Figura 133: Transposição com estrela por “C3” .....	148
Figura 134: “C6” escala o mastro .....	149
Figura 135: “V2” escala a corda com nós .....	150
Figura 136: “A7” escala a corda com a ajuda dos pés .....	150
Figura 137: “A4” pronto para saltar com a corda .....	151
Figura 138: “A2” “engrupa” e estende .....	151
Figura 139: Entrada do salto sobre a “mesa” .....	152
Figura 140: Momento de apoio para o salto .....	152
Figura 141: Caindo de costas para o corredor .....	152
Figura 142: “C6” no momento do encaixe .....	153
Figura 143: “A4” na técnica inglesa (sentada) .....	153
Figura 144: “C4” inicia reversão do corpo .....	153
Figura 145: “C4” finaliza reversão do salto .....	153
Figura 146: Área de queda montada para a prova .....	156
Figura 147: “V1” salta na prova masculina .....	156
Figura 148: “C5” acerta a empunhadura .....	157
Figura 149: Apresentação do PowerPoint e dos vídeos .....	160
Figura 150: “A2” salta 1,60 metros .....	163
Figura 151: Festa de confraternização .....	165
Figura 152: Grupos reunidos para a avaliação final .....	166

## LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 1: Progressão dos recordes mundiais da prova do salto com vara (homens), anteriores a criação da IAAF.....	84
Tabela 2: Progressão dos recordes mundiais da prova do salto com vara (homens) reconhecidos pela IAAF .....	86
Tabela 3: Progressão dos recordes olímpicos da prova do salto com vara (homens) .....	87
Tabela 4: Progressão dos recordes mundiais da prova do salto com vara (mulheres), reconhecidos pela IAAF .....	91
Tabela 5: Progressão dos recordes olímpicos da prova do salto com vara (mulheres) .....	93
Tabela 6: Campeões do Troféu Brasil de Atletismo na prova do salto com vara (masculino e feminino) .....	100
Tabela 7: Atletas brasileiros medalhistas em Campeonatos Sul-Americanos de Atletismo na prova do salto com vara (Homens).....	101
Tabela 8: Atletas brasileiras medalhistas em Campeonatos Sul-Americanos de Atletismo na prova do salto com vara (Mulheres) .....	102
Tabela 9: Porcentagem de peso perdido pelos implementos durante o processo de secagem .....	122
Tabela 10: Resultados individuais da avaliação/competição masculina .....	158
Tabela 11: Resultados individuais da avaliação/competição feminina .....	159
Tabela 12: Aspectos históricos do salto com vara mencionados na avaliação final.....	170

## LISTA DE SIGLAS

ACD .....	Atividade Curricular Desportiva
ALE .....	Alemanha
AOC .....	Alemanha Ocidental
AOR .....	Alemanha Oriental
ARG .....	Argentina
AUS.....	Austrália
AUT .....	Áustria
BEL .....	Bélgica
CB .....	Ciclo Básico
CHI .....	Chile
CHN .....	China
COS .....	Coréia do Sul
DIN.....	Dinamarca
E.E. ....	Escola Estadual
ESP .....	Espanha
EUA.....	Estados Unidos da América
FIN .....	Finlândia
FPA .....	Federação Paulista de Atletismo
FRA .....	França
GBR .....	Grã Bretanha
GEPPA .....	Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisa em Atletismo
GRE .....	Grécia
HOL.....	Holanda
HUN .....	Hungria
IAAF .....	International Association of Athletics Federations
ING.....	Inglaterra
ITA.....	Itália
JAP.....	Japão
MEX .....	México
MON.....	Mônaco
NOR .....	Noruega

NZE .....Nova Zelândia  
PCN ..... Parâmetros Curriculares Nacionais  
POL .....Polônia  
RUS.....Rússia  
SUE.....Suécia  
SUI ..... Suíça  
TCH..... Tchecoslováquia  
UCR ..... Ucrânia  
URS..... União Soviética

## SUMÁRIO

	<b>Página</b>
1. INTRODUÇÃO .....	17
2. OBJETIVO.....	22
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....	23
3.1. O esporte como fenômeno da Modernidade e como conteúdo das aulas de Educação Física .....	23
3.2. O Atletismo nas escolas .....	27
3.3. O salto com vara nas escolas: casos raros .....	30
3.4. A importância do conhecimento histórico .....	34
4. METODOLOGIA .....	39
4.1. Definições .....	39
4.2. Desenvolvimento da pesquisa .....	42
4.2.1. Fase 1: Levantamento e organização bibliográfica da história do salto com vara .....	42
4.2.2. Fase 2: Contato, discussão da proposta e consentimento legal ....	44
4.2.3. Fase 3: Aulas de aplicação .....	44
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	46
5.1. A história do salto com vara .....	46
5.1.1. O salto com vara na Antiguidade .....	46
5.1.2. O salto com vara na Europa Moderna .....	53
5.1.3. O salto com vara na América .....	59
5.1.4. A evolução: espaço físico, material, regras e técnicas do salto com vara .....	61
5.1.5. Os destaques masculinos da prova do salto com vara .....	78
5.1.6. A evolução dos recordes da prova do salto com vara masculino .....	83

5.1.7. A participação feminina no salto com vara .....	88
5.1.8. A evolução dos recordes da prova do salto com vara feminino .....	91
5.1.9. O salto com vara no Brasil .....	93
5.1.10. A evolução dos recordes da prova do salto com vara no Brasil .....	100
5.2. Aulas de aplicação .....	103
5.2.1. Aula 1 .....	103
5.2.2. Aula 2 .....	116
5.2.3. Aula 3 .....	123
5.2.4. Aula 4 .....	133
5.2.5. Aula 5 .....	141
5.2.6. Aula 6 .....	146
5.2.7. Aula 7 .....	155
5.2.8. Aula 8 .....	164
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	172
7. REFERÊNCIAS .....	176
8. ANEXOS .....	187
8.1. ANEXO A - Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido entregue aos alunos participantes da pesquisa .....	187
8.2. ANEXO B – Cópia do Ofício de aprovação do Comitê de Ética em pesquisa – CEP – IB – UNESP – Rio Claro .....	189

## 1- INTRODUÇÃO

São muitos os motivos que levam o ser humano em direção a um determinado objetivo. Grosso modo, poderia classificá-los em três grupos: razão, emoção e acaso. Quanto aos dois primeiros, razão e emoção, parece não haver muitas dúvidas acerca de seus significados. Já em relação ao acaso, as interpretações podem levar a questões relacionadas à sorte, ao destino ou à providência divina. Considero que neste trabalho houve uma combinação desses três fatores. Mas, levando-se em conta as demandas que a Ciência tem pela racionalidade, espero que a razão alcançada ao final desta pesquisa possa refletir, ao menos em parte, toda a fé e emoção que me levaram a realizá-la.

Esta pesquisa envolve assuntos que me interessam desde a infância: história e esportes. Como deve ser comum em nosso país, as primeiras memórias que me ocorrem sobre o esporte são do futebol, sobretudo, dos jogos na rua e da Copa do Mundo de 1974. Em relação aos outros esportes, a lembrança é dos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976. Na época, então com 10 anos, o atletismo foi uma das modalidades esportivas que mais chamou minha atenção. Depois de ter visto aqueles Jogos, lembro-me de ter montado uma pista improvisada no quintal de casa para brincar de corrida com obstáculos. Atletismo naquela época era isto, brincadeira, como as corridas de pega-pega, pular metro, entre tantas outras. Até a 6ª série, essas foram as experiências mais próximas que tive com o atletismo, já que, nas aulas de Educação Física, o futebol era a modalidade esportiva predominante.

A partir da 7ª série, passei a estudar em um colégio adventista, que dispunha de uma pista de carvão, onde os professores ensinavam o atletismo e promoviam uma competição anual. Nessa época, porém, meus interesses estavam longe do campo esportivo. O interesse pelos esportes só voltou a aumentar a partir dos dois últimos anos do Colegial, atual Ensino Médio, quando frequentei o curso Técnico em Agropecuária em um internato no norte do Paraná. Naquela época, comecei a correr junto a um grupo de amigos e a participar de algumas provas. O interesse pelos esportes nesse período levou-me a optar pela graduação em Educação Física, ao invés de uma faculdade relacionada ao Curso Técnico que havia concluído.

Já na faculdade, em São Carlos, comecei a trabalhar com lutas. Dar aulas de boxe e ginástica ajudou-me a pagar parte da graduação e da moradia. Porém, ao final do curso, em 1987, exerci esse mesmo trabalho por pouco tempo, e acabei trabalhando em outras atividades fora do campo de formação profissional.

Voltei a trabalhar com a Educação Física somente em 1995, e por conta do acaso. A pedido de minha esposa, dirigi-me a algumas escolas a fim de inscrevê-la para aulas livres ou substituições. Foi quando me perguntaram se também não gostaria de me inscrever. Acabei aceitando, e logo fui chamado para algumas aulas.

Dessa primeira experiência no campo escolar, lembro-me da apreensão ao saber que daria aulas para turmas do antigo Ciclo Básico<sup>1</sup>, já que, minha experiência como professor, se resumia às academias. Não estava familiarizado com os conteúdos adequados para o trabalho escolar, nem com a faixa etária dos alunos. A timidez e o receio inicial, porém, acabaram passando rápido. Pena que, como professor eventual, tivesse poucas aulas. Mesmo assim, tive tempo para formar um time de basquete e participar dos Jogos Escolares, hoje, Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo, e de realizar uma competição interna de atletismo, incluindo uma corrida de rua. Isso tudo ocorreu na E.E. Pedro Raphael da Rocha, da vizinha cidade de Santa Gertrudes.

Em 1998, a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo abriu concurso para professores. Tive a felicidade de ser aprovado, e pude assumir o cargo no início do ano de 2000, na E.E. Prof. Antonio Perches Lordello, em Limeira. Já naquele ano, pretendia inscrever a escola em duas modalidades dos Jogos Escolares, o basquetebol e o handebol. Na reunião inicial para aqueles jogos, porém, o professor José Luiz Germano sugeriu que a escola também fosse inscrita no atletismo.

Poderia dizer que este “acaso” influenciou de maneira positiva meu trabalho com o atletismo. Naquele mesmo ano, a equipe da escola venceu a fase da Diretoria de Ensino. Em 2001, com um pouco mais experiência, venceu o *Meeting* de Atletismo da Unimep, em Piracicaba, e, posteriormente, a Final Estadual dos Jogos Escolares. Em 2002, porém, por mudanças nas regras da competição, a escola não pôde participar dos Jogos Escolares e, no ano seguinte, fui removido para uma outra escola, em minha cidade, Rio Claro.

---

<sup>1</sup> Ciclo Básico ou CB, atualmente o Ciclo I do Ensino Fundamental, isto é, da 1ª a 4ª séries.

Em uma realidade bem diferente da que encontrara na escola anterior, trabalhar com outros conteúdos que não fossem o futebol, foi um verdadeiro desafio. A cultura local estava voltada totalmente para o “jogar bola”. Mesmo assim, foi possível desenvolver algumas aulas com o atletismo, e participar com uma pequena equipe de um festival dessa modalidade esportiva.

Por outro lado, as dificuldades encontradas no trabalho pedagógico, somadas ao fato de estar trabalhando na cidade onde resido, facilitaram a minha aproximação com esta Universidade, a Unesp. Passei a frequentar algumas aulas como aluno ouvinte das disciplinas de Pós-Graduação, além de participar de alguns cursos e congressos. Tomei a decisão de afastar-me das outras atividades profissionais, para investir na carreira de professor, assumindo um maior número de aulas e buscando uma melhor formação.

O retorno à vida acadêmica, porém, trouxe algumas surpresas. Contando com alguns anos de experiência no trabalho escolar e, com vinte anos desde minha graduação na extinta Escola de Educação Física de São Carlos, tinha muitos conceitos sedimentados devido à prática diária de um professor. Necessitava, obviamente, de uma “reciclagem” em muitos conteúdos e abordagens. Em relação aos esportes, porém, acreditava ter informações suficientes, tanto pela minha formação acadêmica, predominantemente voltada para este conteúdo, quanto pelas vivências como atleta e técnico esportivo. Na Universidade, porém, as discussões sobre o esporte e competições escolares, estavam voltadas mais para críticas do que para elogios. Essa foi a primeira impressão, um tanto frustrante, eu diria. Aos poucos, pude compreender a situação: as críticas não eram feitas ao esporte como conteúdo das aulas ou contra as competições escolares, mas sim, à forma de realizá-las.

No ano de 2006, tive a oportunidade de ingressar em um grupo de estudos, o GEPPA (Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisa em Atletismo). O grupo estava iniciando um trabalho com essa modalidade esportiva, que consistia em resgatar a história de cada uma das provas do atletismo para, posteriormente, aplicá-las em aulas de Educação Física.

Minha opção foi trabalhar com a prova do salto com vara, pois já havia realizado um trabalho com esse conteúdo, porém, em uma perspectiva da saúde<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Sobre o assunto, consultar: Freitas (2007) e Freitas et al. (2007).

Houve grande motivação entre os participantes para desenvolver esse projeto desde o seu início, pois já se podia imaginar como seria transformar os fatos históricos de cada uma das provas em atividades para as aulas. Tenho, desde então, o prazer de trabalhar com o GEPPA e ver essa experiência ser aplicada na escola onde leciono atualmente. Já são três anos de pesquisa e aplicação até o momento, e muitos resultados já podem ser observados, um dos quais, é esta dissertação.

Ainda neste processo de formação e trabalho com a Educação Física e, particularmente, com o atletismo, tive a oportunidade de concluir um curso de treinadores pela *International Association of Athletics Federations* (IAAF) e um curso de arbitragem pela Federação Paulista de Atletismo (FPA). Dei início, também, a um trabalho social com o atletismo junto à Secretaria Municipal de Esportes de Rio Claro, além de desenvolver essa modalidade esportiva na E.E. “Prof. Odilon Corrêa”, tanto nas aulas regulares, quanto em uma turma de Atividade Curricular Desportiva (ACD). Apesar dos bons resultados alcançados nessas atividades, a abordagem dessa modalidade esportiva, o atletismo, com fins pedagógicos, é o que tenho visto de mais interessante na profissão.

Ensinar o salto com vara na escola, por outro lado, ainda é uma proposta um tanto incomum, dado que, em boa parte delas, o atletismo tem sido deixado em segundo plano, até mesmo no que diz respeito às provas menos técnicas. Diante dessa situação, o tema dessa pesquisa poderia soar tanto como uma proposta inovadora, quanto exótica. É preciso, porém, considerar os motivos que levam a esses pré-julgamentos. Primeiramente, diria que o salto com vara é uma prova exigente, tanto em termos técnicos, quanto em recursos. Soma-se a tais dificuldades o distanciamento que essa prova teve em relação a nossa cultura esportiva.

O professor de Educação Física que tenha a intenção de incluir essa prova em suas aulas ainda poderá deparar-se com dificuldades relacionadas à sua própria formação<sup>3</sup>, dado a pouca ou nenhuma importância que essa prova recebe nos cursos de graduação, ou mesmo, pela dificuldade de encontrar uma bibliografia que lhe sirva de referência, já que são raras as experiências, pelo menos documentadas, do salto com vara no campo escolar. Nota-se que a bibliografia que trata da prova

---

<sup>3</sup> Embora não se conheçam estudos sobre a incidência do ensino do salto com vara em cursos de Educação Física, pode-se imaginar que, os mesmos motivos que o torna ausente no ambiente escolar, tais como: o distanciamento cultural, os custos dos implementos, entre outros, também o afasta dos cursos de graduação.

do salto com vara está geralmente restrita aos seus aspectos técnicos e é destinada à formação de atletas <sup>4</sup>.

Apesar de todas essas dificuldades, alguns acontecimentos apontam para uma possível mudança desse quadro: coincidindo com o desenvolvimento dessa pesquisa, alguns atletas brasileiros da prova do salto com vara vêm alcançando importantes resultados em competições internacionais, com destaque nas mídias de todo o país.

Outra grata surpresa foi recebida no início do ano letivo de 2008: os Cadernos do Professor, parte integrante da Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Nesse documento, o atletismo é um dos conteúdos propostos, abrangendo-se diversas de suas provas, inclusive, a do salto com vara<sup>5</sup>. Partindo de dois princípios básicos, a “cultura do movimento” e o “se-movimentar”, a nova proposta busca integrar teoria e prática, incluindo-se aí o processo histórico. Nesse contexto, esta pesquisa cujo objetivo é desenvolver o ensino do salto com vara em aulas de Educação Física a partir de sua história, poderá prestar sua colaboração.

Espero que essa pesquisa possa alterar a concepção de que o salto com vara é uma prova tão complexa e exigente que se inviabiliza no campo escolar. Para tanto, serão apresentadas informações e atividades que podem servir como subsídio aos professores que queiram desenvolver esse conteúdo em suas aulas, mesmo contando com espaços restritos e falta de material, comuns à maioria das escolas. Uma pequena colaboração no imenso campo da Educação Física Escolar, mas que é destinada aos que acreditam que essa disciplina poderá ser sempre melhor e, também, diferente.

---

<sup>4</sup> Faganello (2008), em sua pesquisa sobre publicações no campo do atletismo, identifica uma predominância de livros “técnicos”, voltados à formação de atletas, em relação aos livros denominados “pedagógicos”, mais direcionados aos objetivos da Educação Física na atualidade.

<sup>5</sup> Sobre o assunto, consultar: São Paulo (2008a, p. 21).

## 2- OBJETIVO

### **Objetivo Geral:**

Verificar e analisar as possibilidades e contribuições do ensino do salto com vara a partir de sua história, em aulas de Educação Física Escolar.

### **Objetivos Específicos:**

- 1) Resgatar a história do salto com vara.
- 2) Implementar, a partir dessa história, o ensino do salto com vara em aulas de Educação Física Escolar.

### 3- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

#### 3.1 O esporte como fenômeno da Modernidade e como conteúdo das aulas de Educação Física

O que é o esporte?

Mal deve passar pela cabeça do grande público a quantidade de discussões e classificações que essa pergunta tem suscitado no meio acadêmico. Mais fácil é imaginar que o esporte é o que é: um grande conjunto de atividades, que vai desde a corrida no parque até as mais espetaculares demonstrações olímpicas. O senso comum passa, inclusive, pelas origens desse fenômeno. Segundo Pilatti (2002):

Outro equívoco existente é a tendência de se considerar os esportes gregos como antecessores dos esportes modernos. Para Guttmann, a conformação desses esportes está muito mais próxima das atividades dos povos primitivos que das olimpíadas da era moderna. Nos jogos gregos, o caráter religioso nunca ficou em dúvida. Apesar desse caráter, já era possível localizar entre os gregos a emergência do esporte como um fenômeno secular, que gradualmente vai se tornando ordinário (p.66).

Na realidade, a gênese dos esportes com suas características atuais, como “[...] secularismo, igualdade, especialização, racionalização, burocratização, quantificação e recordes [...]” (PILATTI, 2002, p.65), ocorreu na Inglaterra, mais especificamente, nas escolas reservadas aos filhos das elites. Foi a partir do século XIX, nessas escolas, que antigos jogos populares se transformaram em esportes (BOURDIEU, 1983).

Hobsbawn (1988) concorda com a informação de que o esporte tenha nascido na Inglaterra, mas, credita também à classe média tal fato. Esse autor analisa ainda o processo histórico do fenômeno esportivo em seus primeiros tempos, identificando diferentes aspectos, como o educativo, o patriótico e, até mesmo, o militar.

Atualmente, alguns autores têm ampliado bastante o entendimento do esporte em seus diferentes aspectos. Tubino (2001) é um dos autores brasileiros que trata com maior frequência do tema do esporte na atualidade. Ele observa que, no campo social, o esporte apresenta três principais vertentes: o “esporte-educação”, o

“esporte-participação” e o “esporte-performance”. Cita, também, outros autores que ajudaram a ampliar o entendimento desse fenômeno em diferentes características e segmentos, quais sejam: Antonelli, que menciona diferentes características do esporte, como: jogo, movimento, competição, ético-social, psicopedagógico e psicoprofilático; Cagigal, que entende o esporte em duas vertentes: o espetáculo e a *práxis*; Clayes, que identifica o fator de inclusão dos esportes e Manuel Sérgio, que relaciona o esporte à cultura (TUBINO, 2001).

Bracht (2002) faz uma análise do fenômeno esportivo pelo viés ideológico, quando identifica, na História e na Filosofia do esporte, duas correntes que parecem antagônicas:

- a) A perspectiva de que o esporte moderno é um mero reflexo das estruturas mais amplas que caracterizam a sociedade moderna, ou, no viés marxista, como reflexo da sociedade industrial capitalista;
- b) Como mundo próprio, como que transcendendo todas as formas de organização social, como constante antropológica [...] (p. 192).

Bracht (2002) entende, porém, que essas análises estão mais para complementares do que para antagônicas, considerando problemática a redução em apenas uma delas ou que se permaneça “[...] na perspectiva da naturalização do esporte”, o que, segundo ele, “tem um significado ideológico devastador” (p. 193).

Ao apresentar algumas características do esporte, Bracht (2002) relaciona as questões do rendimento e da competição esportiva com elementos da ordem social capitalista, mostrando que o esporte “destilado das práticas corporais da aristocracia/burguesia inglesa e das classes populares, é protótipo da Modernidade” (p.192).

Na impossibilidade de esgotar um assunto tão vasto quanto este, entende-se, porém, que é necessário ao professor de Educação Física uma compreensão do esporte, para além do senso comum. Caso contrário perderá de vista, tanto as possibilidades de aplicação em diferentes abordagens, quanto os objetivos que se pretendam alcançar por meio de seu ensino. A idéia é que o esporte adotado na escola, não se reduza a reprodução de determinada modalidade, mas, que englobe aspectos de reflexão e contextualização, tão importantes para as atuais propostas de formação do cidadão crítico e autônomo. Como exemplo, pode-se citar Tubino (2001), que acredita que o esporte na escola deva seguir princípios sócio-educativos, sugerindo que se abordem assuntos como a violência, o valor excessivo

à vitória, a exploração dos atletas, a discriminação da mulher e o uso ideológico do esporte.

Outros autores como Assis de Oliveira (2001) e Kunz (1994) entendem que, no ambiente escolar, a transformação do esporte pode ser o caminho para a superação de velhas práticas reprodutivistas.

O entendimento do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física e o *status* que recebe nesse meio, tem passado por algumas mudanças ao longo dos anos. As discussões ideológicas sobre o esporte, por exemplo, não se faziam presentes até o final dos anos 1970. Segundo Darido e Sanches Neto (2005), nesse período em que o Brasil vivia o Regime Militar, a Educação Física tinha adotado o sistema esportivista, também conhecido como “mecanicista, tradicional ou tecnicista” (p. 4). O esporte nas aulas de Educação Física era incentivado pelo sucesso no campo esportivo e pelas políticas educacionais da época. O esporte foi, durante este período, o principal, senão único, conteúdo das aulas.

A partir dos anos 1980, o sistema esportivista passou a ser bastante criticado, ao mesmo tempo em que surgiam novas abordagens ou tendências para a disciplina. Dentro dessas novas abordagens, surgiram diferentes propostas para o esporte na escola, como, por exemplo, transformá-lo ou adequá-lo pedagogicamente [como na abordagem crítico-superadora]; integrar uma grade de conteúdos mais diversificada [como nos PCN ou na atual Proposta Curricular do Estado de São Paulo] ou, simplesmente, não integrava a proposta [como aconteceu na abordagem da psicomotricidade].

Darido e Sanches Neto (2005) relacionam algumas dessas tendências que influenciaram a Educação Física nessa época, bem como seus principais autores, quais sejam: a psicomotricidade, do francês Jean Le Bouch; a abordagem desenvolvimentista, de Go Tani; a abordagem construtivista-interacionista, de João Batista Freire; a abordagem crítico-superadora, de Soares et. al. (Coletivo de Autores); a abordagem crítico-emancipatória, de Elenor Kunz; a saúde renovada, de Markus Vinícius Nahas, entre outras. Notam, porém, que o modelo esportivista ainda está presente em boa parte das aulas de Educação Física da atualidade (DARIDO; SANCHES NETO, 2005).

Algumas das razões para que a presença do esporte continue sendo predominante nas aulas de Educação Física escolar são apontadas por Betti (1995), como a relação que os próprios alunos fazem desta disciplina com o esporte; a

insegurança que alguns professores têm em adotar conteúdos que não dominam; ou a falta de materiais e espaços adequados para se realizarem atividades diferenciadas.

Em algumas escolas particulares, chega-se a substituir as aulas de Educação Física por uma modalidade esportiva à escolha do próprio aluno, o que gera uma descaracterização total da disciplina, mas que, como em qualquer sistema, atende a certos objetivos, em detrimento de outros.

Já nas escolas da Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo, o documento que orientou o trabalho dos professores de Educação Física nos últimos anos, foram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Embora este documento reconheça as diferenças regionais, sendo bastante flexível em suas propostas, deixa claro que o esporte é apenas mais um dos conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas de Educação Física.

Na Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo, o esporte pode ser desenvolvido em dois momentos distintos: nas aulas regulares de Educação Física e nas turmas de ACD. Nas aulas regulares, o esporte faz parte da grade de conteúdos juntamente com as lutas, os jogos, a ginástica e as danças e atividades rítmicas. Já nas turmas de ACD, os professores têm a oportunidade de trabalhar uma modalidade esportiva específica, principalmente se tiverem como objetivo a participação em competições inter-escolares. Nos dois casos, embora os participantes e os locais sejam os mesmos, os objetivos são diferentes.

Houve em comum entre as realidades da Educação Física das Redes Particular e Pública do Estado de São Paulo, pelo menos até o ano de 2007, predominância do esporte como conteúdo das aulas de Educação Física, além da limitação do número de modalidades desenvolvidas nessas aulas<sup>6</sup>.

Implementada a partir de 2008, a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2008c) é o documento de orientação mais recente para a disciplina de Educação Física na Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo. Partindo de um enfoque cultural, observam-se aspectos considerados positivos na abordagem do esporte como conteúdo das aulas, como a diversidade e a contextualização, especialmente no que se refere ao processo histórico.

---

<sup>6</sup> Betti (1995) verificou em uma pesquisa realizada em oito escolas da Rede Pública e Particular da cidade de Rio Claro “que o conteúdo desenvolvido [nas aulas] raramente ultrapassa a esfera esportiva” (BETTI, 1995, p. 25). Destaca, ainda, as poucas modalidades esportivas utilizadas, como o futebol, o basquetebol e o voleibol.

Esta pesquisa, que teve por objetivo desenvolver o ensino do salto com vara a partir de sua história atendeu, como poderá ser observado, muitas das questões relativas ao esporte escolar mencionadas na referida Proposta Curricular.

### **3.2 O atletismo nas escolas**

Diante da grande quantidade de conteúdos passíveis de serem desenvolvidos nas aulas de Educação Física Escolar, quais as vantagens e benefícios em se optar pelo atletismo?

Inicialmente, poderia se dizer que, se explorado em sua riqueza de aspectos e provas, o atletismo pode atender aos três princípios educacionais básicos para a Educação Fundamental, propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais: princípio da diversidade; princípio da inclusão; dimensões dos conteúdos (BRASIL, 1998).

O princípio da diversidade, na Educação Física (BRASIL, 1998), visa

[..] ampliar as relações entre os conhecimentos da cultura corporal de movimento e os sujeitos da aprendizagem. Busca-se legitimar as diversas possibilidades de aprendizagem que se estabelecem com a consideração das dimensões afetivas, cognitivas, motoras e socioculturais dos alunos (p. 19).

O princípio da diversidade aplicado ao conteúdo curricular do atletismo, pode ser entendido tanto em número, quanto em qualidade. Dessa forma, o atletismo atende ao princípio da diversidade em número, quando se proporcionam diferentes vivências para os alunos, ao se abordarem as diferentes provas; na questão da qualidade, quando essas diversas provas são desenvolvidas por meio de diferentes perspectivas, como é o caso dessa pesquisa, que propõe o ensino de uma de suas provas a partir de uma perspectiva histórica.

Como já foi mencionado, os conteúdos trabalhados nas aulas de Educação Física Escolar estão restritos, na maioria das vezes, a poucas modalidades esportivas. Há um predomínio dos esportes de quadra em relação ao atletismo, uma das modalidades esportivas mais tradicionais, embora raramente desenvolvida nas

aulas de Educação Física. Entretanto, quando isso ocorre, seu ensino fica limitado à corrida de velocidade, à de resistência e a alguns tipos de saltos (BETTI, 1995). O arremesso, os lançamentos e outras provas mais técnicas raramente são desenvolvidos (MATTHIESEN, 2005).

Pela variedade de provas, o atletismo pode também atender ao princípio educacional da inclusão. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o princípio da inclusão é descrito como a busca por “[...] reverter o quadro histórico da área de seleção entre indivíduos aptos e inaptos para as práticas corporais, resultante da valorização exacerbada do desempenho e da eficiência” (BRASIL, 1998, p. 19).

Em experiências anteriores com o atletismo, na mesma escola onde foi feita a aplicação dessa pesquisa, notou-se que há uma maior probabilidade de identificação e apreciação dessa modalidade esportiva pelos alunos, se forem desenvolvidas suas diferentes provas; entre os saltos, as corridas e os lançamentos, sempre havia alguma prova que se adaptava mais a algum aluno, dado a seus diferentes interesses e características individuais. Em relação a algumas provas mais técnicas, como foi o caso com os saltos com vara, as corridas com barreiras e o lançamento do martelo, notou-se ainda um sensível aumento geral do interesse dos alunos em conhecer e participar das atividades que envolviam essas provas, inclusive, mesmo entre aqueles que não se interessavam por modalidades esportivas mais populares, como o futsal ou o voleibol, por exemplo.

O atletismo também pode ser desenvolvido, explorando se as categorias ou dimensões dos conteúdos, quais sejam: os procedimentos, os conceitos e as atitudes.

Como conteúdo das aulas de Educação Física, outro aspecto importante que o atletismo pode atender refere-se às habilidades motoras do ser humano, já que explora, em suas diversas provas, a necessidade pelo movimento, seja pela sobrevivência em épocas ancestrais, seja pelas incríveis performances atléticas da atualidade.

Considera-se ainda que o atletismo seja um “esporte de base”, pois integrou os Jogos Olímpicos na Antiguidade, e é, até hoje, considerado como a modalidade esportiva mais tradicional e importante desse evento, tanto, que circula no meio olímpico a seguinte frase: “Os Jogos Olímpicos podem acontecer apenas com o Atletismo. Nunca, sem ele”. (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO, 2008a). Além disso, o atletismo “[...] envolve e desenvolve os movimentos naturais

do homem, como correr, saltar, arremessar/lançar, servindo assim, de base para os outros esportes” (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 2008).

O atletismo representa ainda o ideal olímpico “*Citius, Altius, Fortius*” [mais longe, mais alto e mais forte]. Na Grécia antiga, “[...] o atletismo encontrou sua personificação e expressão suprema na realização dos jogos olímpicos” (YALOURIS, 2004, p.1), embora, no dia-a-dia, também estivesse presente na vida daquele povo e fosse parte indissociável de sua educação.

Estas são algumas das muitas razões para que o atletismo esteja presente nas aulas de Educação Física Escolar, fato, porém, que está longe de ser uma realidade. Alguns autores têm verificado o desprestígio que o atletismo vem sofrendo no ambiente escolar, como Almeida e Balugoli (2006), que detectaram, em pesquisa realizada na região de Franca e Ribeirão Preto, raras aparições dessa modalidade esportiva nas aulas de Educação Física. Matthiesen (2007) entende que essa situação ocorre em nível nacional, quando descreve o atletismo como um dos conteúdos clássicos da Educação Física, mesmo que este prestígio não se reflita em sua difusão no campo escolar.

Mas quais seriam as razões para que o atletismo se faça tão pouco presente nas aulas de Educação Física Escolar? Tentando analisar os motivos que levam a esta situação, Betti (1995) observa que uma das dificuldades para se trabalhar com conteúdos “diferentes” é a falta de materiais e espaços adequados, fator também observado por Silva (2005), em pesquisa mais recente. Para superar essa situação, Betti (1995) sugere o uso dos espaços naturais e de materiais alternativos, sugestão adotada nas aulas de aplicação desta pesquisa.

Além das dificuldades com espaços e materiais, Calvo (2005) identifica ainda outras razões para que o atletismo não esteja presente nas aulas de Educação Física Escolar. Menciona, por exemplo, o pouco contato que os futuros professores tiveram com a modalidade em seu período de estudante, ou, ainda, a influência da mídia, que retrata o atletismo, quase sempre, como uma modalidade baseada em recordes e performances extraordinárias.

A nova Proposta Curricular do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2008a), também observa o desprestígio que o atletismo tem recebido no campo escolar. Mesmo quando essa modalidade é desenvolvida, objetiva o “[...] rendimento técnico, em detrimento de um possível valor pedagógico-educacional, o que a torna pouco atrativa para muitos professores e para os próprios alunos” (p. 10). Para tentar

superar essa situação, a Proposta Curricular sugere diferentes estratégias, como a busca da superação individual, ao invés da superação do outro; a adaptação de espaços e materiais; a integração do ensino dessa modalidade com outras disciplinas, ou ainda “[...] envolver os alunos na elaboração de condições que favoreçam a vivência do atletismo na escola” (p. 11).

A partir dessas informações, conclui-se que o atletismo, como conteúdo esportivo para ser desenvolvido em aulas de Educação Física, deva ter características distintas do esporte-competição, como veremos nessa pesquisa.

### 3.3 O salto com vara nas escolas: casos raros

Se o atletismo, de maneira geral, é uma modalidade esportiva pouco explorada nas aulas de Educação Física em nosso país, algumas provas, como é o caso do salto com vara, são verdadeiras raridades.

Embora não haja registro bibliográfico, há de se mencionar a experiência do professor de Educação Física Gilberto Bortoloci Ferreira, da cidade de Pedreira - SP, que ensina a prova do salto com vara, tanto em uma equipe de atletismo daquela cidade, quanto em escolas do Ensino Fundamental.



Figura 1: Salto de Gilberto Bortoloci em Pedreira – SP.  
Fonte: Ferreira (2008).



Figura 2: Prof. Gilberto Bortoloci auxilia aluno durante aula.  
Fonte: Ferreira (2008).

O professor Gilberto Bortoloci encontra facilidade em desenvolver essa prova, tanto pelo conhecimento que possui como ex-atleta, como por ter percebido entre seus alunos uma motivação para a prática em questão. Assim, tem conseguido, com sua experiência, difundir a prova do salto com vara para um grande número de crianças e formar alguns atletas.

Além da experiência desse professor, foram poucos os relatos encontrados sobre o desenvolvimento do salto com vara em aulas de Educação Física no Brasil. Um caso interessante é relatado por Mário Ribeiro Cantarino Filho. Trata-se de uma história que aconteceu há meio século, mas que, já naquela época, atendia aos princípios educacionais atuais, como o da diversidade e o da busca pela autonomia dos alunos, da qual, transcreve-se aqui, um parágrafo do artigo:

No início da década de 50, conheci três saltadores com vara, todos capixabas, que atuavam no Rio de Janeiro. Eram eles Gilton Mascarenhas e Arnaldo Abaurre, meus companheiros de equipe no Fluminense Foot-ball Club, e Carlos Geraldo Moschen, que era do Vasco da Gama e depois se transferiu para o Flamengo. O fato de encontrar três atletas capixabas, todos bons saltadores com vara, sendo que Moschen foi vice-campeão sul-americano em 1954, sempre me deixou muito intrigado. Qual será a razão deste fenômeno? Disse-me Carlos Fernandes de Oliveira (Cacique), também saltador, que a prova era muito difundida no meio colegial do Espírito Santo e que, em Jucutuquara, os meninos de rua (os bons moleques) procurando imitar os atletas, utilizando bambu, saltavam em plena rua. O salto com vara virou folguedo de molecada (CANTARINO FILHO, 2004, p. 1).

No final deste artigo, Cantarino Filho (2004) relata que, no âmbito escolar, o esporte foi “regredindo assustadoramente”. Solicita, então, aos órgãos responsáveis pela Educação Física e pelo Esporte do Estado do Espírito Santo, soluções para que saiam de um “sono letárgico”.

Ao se comparar a realidade dos tempos desse relato com as de agora, é certo que irão se encontrar muitas diferenças. Muitas crianças, atualmente, não têm mais a oportunidade de encontrar um bambuzal perto de suas casas ou, nem mesmo, a oportunidade de poder brincar nas ruas com tranquilidade. Fatos como esses inviabilizariam a prática, não somente do salto com vara, mas de muitas outras atividades físicas por parte das crianças.

O progresso, realmente, afastou muitas crianças de antigas atividades físicas que eram desenvolvidas na natureza. Nesse sentido, as escolas de periferia, ou as que preservaram um espaço natural dentro de seus limites, ainda levam certa vantagem. Para um professor de Educação Física que perceba tal situação, aceitar o desafio de resgatar tais atividades poderá ser a única forma de oferecer às crianças uma oportunidade para entrarem em contato com uma parte da cultura do movimento que já não pode ser desenvolvida nas ruas e que também esteve esquecida em boa parte das escolas.

Não é de se admirar, portanto, que os relatos da presença do salto com vara nas escolas sejam encontrados com mais facilidade em tempos passados do que na atualidade. Pode-se, inclusive, considerar as orientações dos educadores alemães Basedow e GutsMuths, para que se adotasse o salto com vara em seus programas ginásticos [meados do século XVIII], como os primeiros relatos da utilização do salto com vara no campo educacional (DOHERTY, 1972). Mas, quantas escolas de hoje, teriam as condições de seguir uma proposta como esta? Situadas em grandes centros urbanos, muitas escolas dispõem de um pequeno espaço para as atividades físicas dos alunos. Perderam-se, juntamente com os espaços, muitos dos conhecimentos relativos às atividades corporais que se realizavam na natureza, ainda que existam outros motivos que possam ter levado a essa situação.

No espaço escolar, onde a cultura do movimento está bastante restrita, há ainda, muitas vezes, uma aparente falta de interesse dos alunos de Educação Física por outros conteúdos que não sejam o futebol. Esta situação é contestada pela pesquisa de Betti (1995), que detectou o desejo taxativo por parte dos alunos, de que os conteúdos das aulas de Educação Física fossem mais diversificados.

Talvez, a falta de interesse dos alunos por outras atividades, pode ser, na realidade, falta de oportunidade para o conhecimento de coisas novas. Como exemplo, pode ser citado outro relato, que trata de um projeto desenvolvido com alunos de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, em uma escola de Uberlândia, quando tiveram a oportunidade de vivenciar atividades físicas que não estavam presentes no meio escolar, entre elas, algumas provas do atletismo. Tal relato ressalta que os alunos “ficaram extremamente desejosos de praticarem o salto com vara” (SILVA PEDROSA; PALAFOX, 2008).

Em experiências anteriores na E.E. Prof. Odilon Corrêa, pôde-se detectar que os alunos ficavam bastante motivados quando era proposta uma aula com essa prova. Parte dessa motivação pode ser explicada pelo fato de que muitos dos alunos vivenciam essa atividade como se fosse uma brincadeira.

A preocupação de que o atletismo se desenvolva na escola por meio de atividades lúdicas, com jogos e brincadeiras, também é observada em referências bibliográficas destinadas especificamente para esse fim, como Matthiesen (2005) e Coiceiro (2005).

Na E.E. Prof. Odilon Corrêa, além do caráter lúdico que se procura dar ao ensino da prova do salto com vara, foi realizada uma aula que relacionava as forças de alavanca envolvidas nessa prova, com os cuidados que devem ser tomados em relação à coluna vertebral, no momento em que cargas são elevadas. Assim, ensinar o salto com vara relacionando-o à saúde, como em Freitas (2007) e Freitas et al (2007) ou enfatizar seu aspecto lúdico, são possibilidades que, assim como a perspectiva histórica, podem ser desenvolvidas nas aulas de Educação Física.

Na nova Proposta Curricular do Estado de São Paulo é sugerido que o salto com vara seja desenvolvido no 1<sup>o</sup> bimestre da 6<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental, juntamente com outras provas do atletismo. Embora sejam sucintas as orientações específicas de como se deva abordar o ensino dessa prova durante as aulas (SÃO PAULO, 2008a, p. 21), podem ser encontradas em outras partes dos Cadernos do Professor, algumas considerações importantes, entre elas, a questão da segurança. No Caderno do Professor para a 7<sup>a</sup> série, 1<sup>o</sup> bimestre, uma advertência quanto ao uso seguro de materiais e implementos ganha destaque:

Todo material nas aulas de atletismo deve ser muito bem utilizado, principalmente quando fazemos adaptações para que os alunos possam saltar e transpor com segurança. Por isso é importante que os alunos elaborem juntamente com o professor as estratégias de utilização dos materiais. Os alunos costumam ser “destemidos” e precisam compreender que, para testar seus “limites”, também precisam pensar em segurança (SÃO PAULO, 2008b, p. 13).

A segurança foi, certamente, um dos aspectos de maior atenção, desde o planejamento das atividades até o desenvolvimento das aulas de aplicação, voltadas ao ensino do salto com vara a partir de sua história.

### **3.4 A importância do conhecimento histórico**

Assim como aconteceu com o “esporte”, ao buscar-se definir o que é “história”, esbarrou-se, novamente, na questão da extensão do termo. Veyne (1971) detecta este problema e provoca logo no título do segundo capítulo de seu livro, dizendo que: “Tudo é histórico, logo a história não existe” (p. 25).

O campo da história é realmente muito vasto, tanto quanto os interesses do homem, que não se satisfaz em conhecer a sua própria história, mas busca conhecer a história de toda a natureza.

Resta, então, a opção de tentar esclarecer o termo “história” a partir das definições de alguns autores e discutir a importância do conhecimento histórico em função desta pesquisa.

História, segundo Borges (1991, p. 10), “é uma palavra de origem grega, que significa investigação, informação. Ela surge no século VI antes de Cristo” (p. 10), sendo que:

Heródoto é considerado o pai da história, pois é o primeiro a empregar a palavra no sentido de investigação, pesquisa. Sua obra mais antiga começa assim: ‘Eis que a exposição da investigação realizada por Heródoto de Halicarnasso para impedir que as ações realizadas pelos homens se apaguem com o tempo’ (BORGES, 1991, p.18).

Já o dicionário Houaiss (2001) aponta diversos significados para a palavra história, dos quais se destacam os seguintes:

**História:** 1- conjunto de conhecimentos relativos ao passado da humanidade, segundo o lugar, a época, o ponto de vista escolhido. 2- ciência que estuda eventos passados com referência a um povo, país, período ou indivíduo específico. 3- A evolução da humanidade ao longo do seu passado e presente; sequência de acontecimentos e fatos a ela correlatos. 4- compêndio histórico que trata destes fatos e eventos. 5- o julgamento da posteridade; a memória dos homens. 6- a origem e a evolução de uma ciência, de uma arte, de um ramo do conhecimento. 7- O conjunto de dados concernentes a um indivíduo ou coisa (p. 1543).

A história pode ser classificada em diversas áreas, como natural ou da humanidade; geral, ou restrita a povos, locais, épocas ou fatos. A história pode ainda ter dois significados diferentes: “[...] significa, ao mesmo tempo, os acontecimentos que se passaram e o estudo destes acontecimentos” (Borges, 1991, p. 44).

A história nasce com a ânsia do ser humano pelo conhecimento e tenta explicar, de uma forma racional, o que inicialmente se fazia por meio dos mitos. Borges (1991) explica que “a função da história, desde seu início, foi a de fornecer à sociedade uma explicação de suas origens [ou seja, uma explicação genética]” (p. 46).

No entanto, todos os acontecimentos históricos, mesmo sendo reais, passam pela interpretação do homem. Como disse Veyne (1971): “Os historiadores narram acontecimentos verdadeiros que têm o homem como ator; a história é um romance verdadeiro” (p. 10). Para compreender os conceitos históricos, esse mesmo autor afirma que:

A consciência espontânea não possui noção da história, que exige uma elaboração intelectual. O conhecimento do passado não é um dado imediato, a história é um domínio onde não pode haver intuição, mas somente reconstrução [...] (p. 87 - 88).

A reconstrução intelectual dos fatos históricos, que por vezes, se passaram em tempos longínquos, possibilita ao homem uma melhor compreensão de sua inserção no presente. Sem essa relação temporal, o conhecimento histórico seria um peso inútil. Borges (1991) afirma que:

O que é preciso fazer é uma história que, mesmo estudando o passado mais remoto, faça-o explicar a realidade presente [...] É preciso conhecer o presente e, em história, nós o fazemos, sobretudo através do passado, remoto ou bem próximo (p. 52).

Thompson (1998) é outro autor que entende que o conhecimento histórico deve ter relações com as questões contemporâneas, e indica que a compreensão do passado encontra sua finalidade social estando ligada a questões do tempo presente. O mesmo autor ainda avança a partir desse conceito, afirmando que “o que se requer é uma história que leve a ação; não para confirmar, mas para mudar o mundo” (p. 43).

Michel Vovelle apud D’Alessio (1998) observa que, até há algum tempo atrás, o conhecimento histórico era mais valorizado. Analisando sua situação na atualidade, face às necessidades do homem moderno e a velocidade e transitoriedade das informações, afirma que:

Uma certa cultura de base se desvanece, em um tempo em que a ênfase na importância dos conhecimentos científicos e tecnológicos parece colocar em desuso a pesada bagagem de um passado que se tornou importuno (p. 88–89).

Entende-se a partir dessas afirmações, que a falta de ligação efetiva entre os fatos passados e o presente, seja o principal motivo para que o ensino da história chegasse à essa situação.

Como a proposta para esta pesquisa foi ensinar o salto com vara em aulas de Educação Física a partir de sua história, acredita-se estar atendendo de modo efetivo aos objetivos de aproximação e relação entre o passado e o presente, mencionados por Borges (1991), Thompson (1998) e D’Alessio (1998).

Espera-se que os resultados dessa pesquisa possam desmistificar a idéia de que o salto com vara é apenas mais uma prova do atletismo, praticado somente com fins competitivos, por atletas altamente condicionados e que tiveram a rara oportunidade de encontrar um local adequado, onde estivessem disponíveis um técnico e os caros implementos de competição. Como poderá ser observado a partir do resgate histórico dessa prova, o salto com vara foi praticado ao longo dos tempos com diversas finalidades além da competição esportiva, muitas vezes em ambientes naturais e com a utilização de implementos rudimentares.

As aulas de aplicação a partir da história da prova, tiveram como objetivo resgatar os fatos do passado por meio das atividades. Essas relações entre o passado e o presente, e do conhecimento com a prática, tiveram ainda um objetivo em comum: proporcionar aos alunos uma visão crítica de uma parte da cultura do

movimento, por meio de uma contextualização histórica dos aspectos culturais, sociais, físicos, entre outros, relacionados ao salto com vara.

Vale ressaltar que o conhecimento histórico sobre uma atividade corporal está incluído nos PCN na categoria ou dimensão conceitual dos conhecimentos (BRASIL, 1998).

Darido (2005) fornece algumas idéias de como se explorar o conhecimento histórico dentro da dimensão conceitual:

Conhecer as transformações por que passou a sociedade em relação aos hábitos de vida [...], e relacioná-las com as necessidades atuais de atividade física [...] Conhecer as mudanças pelas quais passaram os esportes [...] (p. 65–66).

Trabalhar a dimensão conceitual na Educação Física corresponde, portanto, a uma oportunidade de contextualizar o conteúdo desenvolvido, de modo que o aluno não somente faça, mas compreenda a origem, as finalidades e as possibilidades de adaptação e reconstrução das práticas corporais.

Na Proposta Curricular do Estado de São Paulo para a disciplina de Educação Física (SÃO PAULO, 2008c), o processo histórico está relacionado com os diferentes conteúdos propostos, em treze, dos dezesseis planejamentos bimestrais que compõem o Ensino Fundamental e mais duas vezes no planejamento do Ensino Médio. As razões para que se tenha dado importância à abordagem do processo histórico é descrita ao longo deste documento:

[...] Quando o projeto pedagógico da escola tem entre suas prioridades essa cidadania cultural, o currículo é a referência para ampliar, localizar e contextualizar os conhecimentos que a humanidade acumulou ao longo do tempo [...].

[...] A escola é o espaço em que ocorre a transmissão, entre gerações, do ativo cultural da humanidade, seja artístico e literário, histórico e social, seja científico e tecnológico [...].

[...] Somos herdeiros de um longo processo acumulativo que constantemente se amplia e renova sem anular a sua história, refletindo, dessa forma, o conhecimento e a experiência adquirida pelas gerações anteriores. É a manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural que possibilita as inovações e as invenções humanas e o contínuo caminhar da sociedade [...] (p. 13-38).

As formas de se abordar o processo histórico nessa nova Proposta Curricular, especificamente no que se refere aos conteúdos do atletismo, aparecem nos Cadernos do Professor. Nas provas de corridas rasas, desenvolvidas no 1º bimestre

com as 6ª séries, é proposto que os alunos realizem pesquisas na “internet e em outras fontes (indicadas ou não pelo professor) sobre o processo histórico do atletismo, a evolução técnica e as regras [...]” (SÃO PAULO, 2008b. p. 13). Já no Caderno da 7ª série, do 1º Bimestre (SÃO PAULO, 2008b), aparece a sugestão para que se trabalhe com o conteúdo do atletismo de forma integrada com a disciplina de História. Um trabalho interdisciplinar envolvendo os professores de ambas as disciplinas, facilitando para os alunos “[...] a compreensão dos conteúdos de forma mais global e integrada [...]” (p. 11).

Mesmo que a fase de aplicação desta pesquisa tenha acontecido simultaneamente à implantação da Proposta Curricular, verificou-se que há muito em comum entre ambas, considerando-se as contribuições do conhecimento da história do esporte para as aulas de Educação Física.

## 4- METODOLOGIA

### 4.1 Definições

A palavra método, segundo a definição de Cruz e Ribeiro (2004), “significa o conjunto de etapas e processos a serem ultrapassados ordenadamente na investigação dos fatos ou na procura da verdade” (p. 45).

Como acontece com todos os projetos de pesquisa, a escolha do método a ser utilizado neste trabalho foi determinada pelo tipo do problema a ser estudado. De acordo com Rudio (2004), “toda pesquisa científica começa pela formulação de um problema e tem por objetivo buscar a solução do mesmo” (p. 87).

Para esta pesquisa, que procurou desenvolver e analisar a possibilidade do ensino do salto com vara em aulas de Educação Física Escolar a partir de sua história, depois de serem analisados diferentes métodos, optou-se por uma metodologia de natureza qualitativa, com base na pesquisa-ação.

Segundo Menga apud Marconi e Lakatos (2004) a metodologia de base qualitativa “é a que se desenvolve numa situação natural; é rica em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (p. 271).

Bogdan e Biklen (1994) descrevem cinco características da pesquisa qualitativa, a saber:

- 1- Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal [...].
- 2- A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens, e não números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais [...].
- 3- Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos [...].
- 4- Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. Não recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando [...].

5- O significado é de importância vital na abordagem qualitativa. Os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas [...] (p. 47-50).

Já o termo pesquisa-ação teve origem na Psicologia Social (HAGUETE, 1987) e, entre as diversas definições, Thiollent (2003) destaca que esta

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (p. 14).

Embora as abordagens qualitativa e quantitativa sejam usadas em pesquisa-ação, o paradigma qualitativo presta-se muito bem ao cenário localizado. A essência primordial desse tipo de abordagem é a busca que se faz para descobrir “o que está acontecendo aqui” (THOMAS; NELSON, 2002, p. 327).

Vale destacar que o método da pesquisa-ação não somente se mostrou adequado para o objetivo dessa pesquisa, como, também, se alinhou com as expectativas deste pesquisador em relação aos objetivos sociais de uma pesquisa científica, especialmente, na área da Educação Física Escolar.

Quanto aos objetivos sociais que uma pesquisa pode ter, Gil (1999) declara que o estudo a partir da pesquisa-ação, é uma proposta alternativa para quem está buscando “a obtenção de resultados socialmente mais relevantes” (p. 46).

Haguete (1987) descreve, de uma forma mais abrangente, esse lado social de uma pesquisa-ação:

Os *termos pesquisa-ação e pesquisa participante* têm a mesma origem, a psicologia social de Kurt Lewin, e alguns pontos comuns como a crítica à metodologia da pesquisa tradicional das ciências sociais, especialmente no que se refere à sua falta de neutralidade e objetividade; a recusa de aceitação do postulado de distanciamento entre o sujeito e o objeto de pesquisa, o que remete à necessidade não só da inserção do pesquisador no meio, como de uma participação efetiva da população pesquisada no processo de geração de conhecimento, concebido fundamentalmente como um processo de educação coletiva; finalmente, o princípio ético de que a ciência não pode ser apropriada por grupos dominantes conforme tem ocorrido historicamente, mas deve ser socializada, não só em termos do seu próprio processo de produção como de seus usos, o que implica na necessidade de uma ação por parte daqueles envolvidos na investigação [pesquisador e pesquisado] no intuito de

minimizar as desigualdades sociais nos seus mais variados matizes [desigualdades de poder, de saber etc.] (p. 95).

O método da pesquisa-ação, porém, é motivo de algumas controvérsias, principalmente no que se refere à falta da objetividade, característica dos trabalhos científicos tradicionais. Por outro lado, “vem sendo reconhecida como muito útil, sobretudo por pesquisadores identificados por ideologias reformistas e participativas” (GIL, 1991, p. 61).

Thiollent (2003) analisa a função social e democrática da construção do conhecimento dentro da pesquisa-ação da seguinte forma:

Em geral, a idéia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a “dizer” e a “fazer”. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados (p. 16).

Thiollent (2003) destaca como principais aspectos desse método a ampla interação entre pesquisador e participantes durante o processo de pesquisa; a prioridade em solucionar, de forma concreta, um problema social; e a produção ou aumento do conhecimento entre pesquisadores e participantes.

Thiollent (2003) destaca ainda que, na pesquisa-ação, “[...] uma capacidade de aprendizagem é associada ao processo de investigação [...]” (p. 66), algo bastante relevante para o campo educacional. O processo de aprendizagem que acontece nesse caso é coletivo, sendo que seus “[...] atores sempre têm de gerar, utilizar informações e também orientar a ação, tomar decisões etc. [...]” (p.66). Detecta, no entanto, certas restrições à adoção da pesquisa-ação nesse campo, especialmente no que se refere ao Ensino Fundamental e Médio, talvez pela resistência de algumas instituições ou pelos hábitos de seus professores. Percebe, porém, uma tendência à mudança, já que muitos desses profissionais estão de certa forma, desiludidos com as pesquisas convencionais. Para estes profissionais, a pesquisa-ação seria uma oportunidade de produzirem-se conhecimentos de uso mais efetivo, com abordagem direta ao problema localizado ou como idéia para transformações mais abrangentes (THIOLLENT, 2003).

Esclarecidos os termos metodológicos, o desenvolvimento desta pesquisa aconteceu a partir da interação entre o professor-pesquisador e trinta e dois alunos da 8ª série 3, do Ensino Fundamental, na Escola Estadual “Prof. Odilon Corrêa”, em Rio Claro. Durante o período que se estendeu do dia 15 de maio ao dia 4 de julho, em aulas duplas semanais, onde foi desenvolvida a proposta para o ensino do salto com vara a partir de sua história. Durante esta pesquisa, a participação dos alunos em conjunto com o professor-pesquisador aconteceu desde a preparação dos implementos, e desenvolvimento das atividades, até a avaliação final.

A coleta de dados foi feita por meio de observações em um diário de campo e, também, de recursos áudios-visuais, como fotografias e vídeos. Os registros, tanto no diário de campo como as fotografias e vídeos, foram feitos pelo professor-pesquisador e, também, pelos próprios alunos. Dessa maneira, o diário de campo incrementou seu aspecto de partilha e de pesquisa-ação, assim como sugere Barbier (2004). Os recursos áudios-visuais de coleta, também se demonstraram úteis durante as aulas de aplicação, pois não se faziam interrupções nas atividades para se anotar as observações. Posteriormente, esses recursos serviram para prolongar as observações, possibilitando afinar os resultados, conforme sugere El Andaloussi (2004).

## **4.2 Desenvolvimento da pesquisa**

### **4.2.1 Fase 1: Levantamento e organização bibliográfica da história do salto com vara**

Para se chegar ao objetivo geral dessa pesquisa, ou seja, verificar e analisar as possibilidades e contribuições do ensino do salto com vara a partir de sua história em aulas de Educação Física Escolar, fez-se necessário, primeiramente, o resgate da história dessa prova.

Tendo em vista a dificuldade de se encontrar uma bibliografia que tratasse especificamente da história do salto com vara, foi realizado um amplo levantamento histórico-bibliográfico sobre o assunto. Para tanto, foram reunidas informações

provenientes de livros, periódicos, documentos eletrônicos e, até mesmo, de relatos orais.

No que se refere aos livros, esse levantamento se estendeu às bibliotecas da Unesp, USP, Centro Universitário Claretiano, bem como às bibliotecas públicas municipais de Rio Claro. Também foram consultados livros de coleções particulares. Buscou-se, ainda, o contato com bibliotecas no exterior, para se verificar a possibilidade do empréstimo de livros que não constavam do catálogo das bibliotecas nacionais. Como esses eram livros raros, e de delicado manuseio, não se obteve êxito nesse propósito. Dos livros consultados, notou-se que a parte histórica, na maioria das vezes, servia como uma breve introdução à parte principal, que consistia no ensino da prova. Por sua vez, os livros que descreviam a história do salto com vara com mais detalhes, careciam de atualização.

O levantamento de arquivos eletrônicos trouxe resultados importantes, principalmente, no que se refere às imagens. Para tanto, foram dispendidas muitas horas de pesquisa na internet.

Finalmente, os contatos pessoais serviram para elucidar algumas lacunas de informações encontradas nos meios anteriores. Destaque especial para a entrevista realizada com um ex-atleta da prova nas décadas de 1940 e 1950, Sinibaldo Gerbasi.

Durante esta fase da pesquisa, pode se destacar algumas das dificuldades encontradas:

1- Nas referências consultadas, foram encontrados poucos livros que tratam da história do salto com vara e, nenhum que tratasse especificamente desse tema. Boa parte dos livros consultados não se encontrava traduzido para o português;

2- Algumas informações encontravam-se dispersas em várias obras, sendo necessário confrontá-las a fim de chegar-se a algumas conclusões;

3- Foram encontradas informações contraditórias, algumas vezes, dentro de uma mesma obra;

4- Algumas referências primárias, mais antigas, como foi o caso de “Gymnastik für die Jugend”, de GutsMuths, não puderam ser encontradas em nenhuma biblioteca nacional. A dificuldade em consultar estas referências ainda se estendeu às bibliotecas estrangeiras, onde esses livros estão catalogados como exemplares raros, e não saem para empréstimo;

5- Algumas informações do salto com vara se baseiam em suposições ou no folclore de alguns países.

Mesmo assim, a partir do material coletado, foi possível organizar um texto com imagens, contando a história do salto com vara desde suas origens até os dias atuais. Esse texto serviu como base para desenvolver as aulas de aplicação. Como não há na área um material bibliográfico contendo todas essas informações, considerou-se que o texto elaborado a partir da pesquisa bibliográfica deveria ser incluído na seção dos resultados dessa pesquisa, e não na seção da revisão bibliográfica.

#### **4.2.2 Fase 2: Contato, discussão da proposta e consentimento legal**

No contato com as turmas de 8ª séries da E.E. “Prof. Odilon Corrêa”, da cidade de Rio Claro – SP; procurou-se saber se alguma delas teria interesse em participar dessa pesquisa. Os alunos foram informados sobre seus objetivos e duração e foi esclarecido, também, quais as medidas que seriam tomadas para resguardar a identidade dos alunos participantes, como identificá-los por meio de códigos e ocultar os rostos nas imagens coletadas. Das quatro turmas consultadas, os alunos da 8ª série 3 foram os que demonstraram maior motivação para participar da pesquisa, sendo portanto, a turma escolhida.

Foram entregues os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido [em anexo] aos alunos, para que fossem devidamente autorizados por seus responsáveis legais. No prazo de uma semana, do dia 2 ao dia 9 de maio de 2008, todos os alunos retornaram com essa documentação devidamente assinada.

#### **4.2.3 Fase 3: Aulas de aplicação**

Com base no texto elaborado sobre a história do salto com vara, foram selecionados temas para as oito aulas (duplas) de aplicação. A escolha desses temas procurou, na medida do possível, obedecer a sequência do processo histórico

do salto com vara, ao mesmo tempo em que se observava uma progressividade no ensino da prova.

Sendo a história do salto com vara muito antiga e, portanto, cheia de muitos detalhes, seria impossível abordar todos eles durante o tempo disponível para a aplicação. Buscou-se então, selecionar entre eles, os dados históricos mais significativos. Foram selecionados os seguintes temas:

- 1- A evolução dos implementos e avaliação inicial.
- 2- A construção dos implementos.
- 3- A evolução nas áreas de queda; o encaixe; questões de segurança; os recordes.
- 4- O salto com vara na natureza.
- 5- O salto com vara no contexto militar.
- 6- A evolução das técnicas e as mudanças nas regras.
- 7- O salto com vara esportivo; o salto com vara feminino.
- 8- Avaliação final.

Entre os temas escolhidos, como se pode observar, foram incluídas duas avaliações, uma na aula inicial, e outra na aula final. A avaliação da aula inicial serviu para verificar quais eram os conhecimentos que os alunos já possuíam sobre a história do salto com vara. Já a avaliação final serviu para verificar o aprendizado alcançado pelos alunos durante essa pesquisa. As avaliações, as observações feitas no diário de campo e as imagens e vídeos coletados, serviram para verificar os resultados dessa pesquisa.

## 5- RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 5.1 A história do salto com vara

#### 5.1.1 O salto com vara na Antiguidade

Assim como outras provas do atletismo, a história do salto com vara tem início a partir da exploração dos movimentos básicos do ser humano na busca de sua própria sobrevivência, e percorre um longo e sinuoso caminho, até chegar à forma esportiva pela qual é conhecida na atualidade.

Por ter uma origem tão remota, não se pode precisar com exatidão o período, o local, ou mesmo quais foram os povos que deram início à utilização de varas como um recurso para a realização dos saltos. Entretanto, é possível afirmar que a vara foi uma das primeiras ferramentas a serem utilizadas pelo ser humano, tal sua simplicidade, disponibilidade e variedade de aplicações. Podem ser encontrados, por exemplo, inúmeros relatos bíblicos que descrevem a utilização de varas, cajados, ou bordões, para as mais diversas atividades <sup>7</sup>.

Os primeiros registros históricos sobre saltos com vara nos mostram que essa prática começou a ocorrer em diferentes partes do mundo, assumindo, em cada uma delas, uma variação técnica em função dos diferentes objetivos, ambientes e/ou das culturas locais.

Na Grécia antiga, berço de várias provas do atletismo, um tipo de salto com vara ficou registrado tanto na literatura quanto em pinturas, como retrata a figura 3.

---

<sup>7</sup> Moisés é um dos personagens da Bíblia que utilizou uma vara em diversas situações. Muitos dos milagres atribuídos a este personagem, no livro do Êxodo, descrevem a utilização de uma vara, como quando a transformou em uma cobra (Êxodo 4:2-4); na separação do mar vermelho (Êxodo 14:16); ou quando tirou água da rocha (Êxodo 17:5). As varas, bordões ou cajados eram ferramentas de uso comum nos relatos bíblicos, seja na condução de animais (Números 22:27); como ferramenta de medida (Levítico 19:35); como extensão dos braços em algumas tarefas (1 Samuel 14:27); como arma (Salmos 2:9 e Mt. 26:55); ferramenta de pastoreio (Salmos 23:4 e Miquéias 7:14); ferramenta de castigo (Provérbios 13:24); ou, como um tipo de apoio (Zacarias 8:4 e Hebreus 11:21). Em função dessas diversas atividades, entende-se que as medidas e a origem eram, com certeza, diferentes.



Figura 3: Salto com vara sobre cavalos.  
Fonte: Amimex (2008).

O salto com vara sobre cavalos que acontecia na Grécia antiga, foi, provavelmente, uma atividade assimilada da cultura da Ilha de Creta. Em Creta, porém, saltava-se sobre touros e sem a ajuda de qualquer implemento<sup>8</sup>. Pelas figuras remanescentes desse espetáculo, vê-se que o saltador segurava o chifre do animal, para depois saltá-lo. Segundo Yalouris (2004), saltar sobre touros fazia parte de um festival religioso; uma forma de demonstração acrobática que exigia, além de extrema habilidade, muita coragem de seus praticantes.

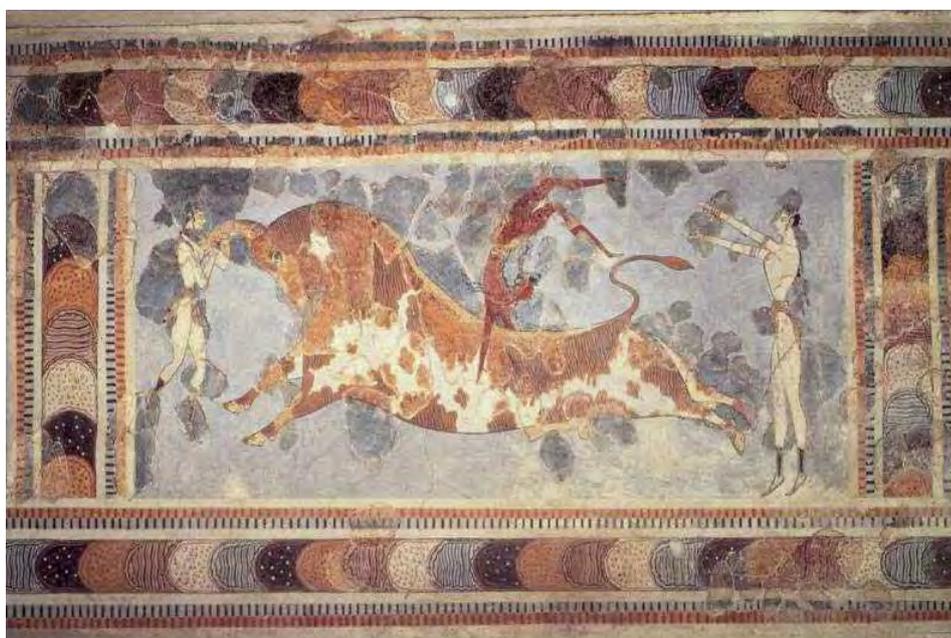


Figura 4: O salto sobre touros realizado na Ilha de Creta.  
Fonte: WIKIMEDIA... (2008).

<sup>8</sup> Em sites, tais como: <[www.vaulttechniques.com](http://www.vaulttechniques.com)> e, <[www.nosamomosatletismo.net](http://www.nosamomosatletismo.net)> há referências a saltos com vara sobre touros em Creta. Não são citadas, porém, as fontes.



Figura 5: Em um anel, o registro do salto sobre touros em Creta.  
Fonte: Yalouris (2004, p. 11).

Do salto sobre touros original derivaram várias atividades semelhantes, que vieram a ocorrer, posteriormente, na Tessália e na Ásia Menor (YALOURIS, 2004).

Já bem mais adiante, o pintor espanhol Francisco de Goya y Lucientes, que viveu entre os séculos XVIII e XIX, retratou em uma de suas gravuras o “salto de la garrocha”; exibição acrobática que acontecia durante as touradas de seu tempo.

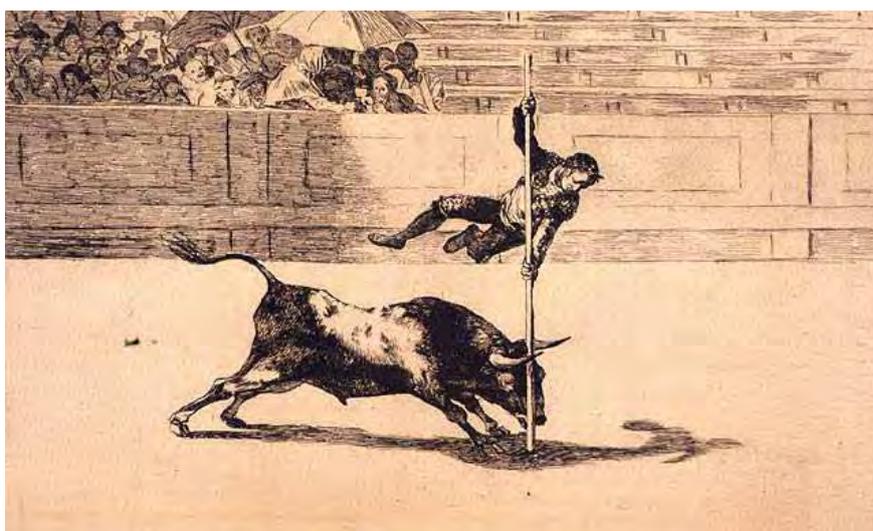


Figura 6: “Salto de la Garrocha”, gravura da série “tauromaquia”, de Goya.  
Fonte: Diem (1966, p. 387).

Esse tipo de exibição ainda pode ser visto na Espanha, onde recebe, atualmente, o nome de “recorte”. Em tais exibições, os “recortadores” dependem

apenas de sua habilidade para se livrarem da morte, saltando sobre os touros, com ou sem a ajuda de uma vara. Há, inclusive, competições para determinar quem é o melhor “recortador” de uma determinada região, cujas imagens podem ser observadas a seguir.



Figura 7: “Recortador” salta sobre touro.  
Fonte: El Club Digital (2008).



Figura 8: O “salto de la garrocha” atual.  
Fonte: El Club Digital (2008).

Além de ser um tipo de exibição acrobática, o salto com vara também foi utilizado como forma de defesa contra o ataque de animais ferozes na própria natureza, conforme mencionam Quercetani (1964) e Gardien et al. (1972).

Em relação ao salto sobre cavalos na Grécia antiga, verificou-se que há poucos indícios de que essa atividade tenha sido uma prova esportiva. Autores como Doherty (1972) e Gardien et al. (1972) afirmam que não há registros sobre a inclusão de tal prova nos Jogos Olímpicos da Antiguidade.

Yalouris (2004), porém, descreve a figura de um jovem que está prestes a saltar com uma vara sobre um cavalo, conforme se pode observar no canto direito da Figura 9. Trata-se de uma ânfora panatenaica que, usualmente, retratava uma prova esportiva e era concedida como prêmio ao vencedor. Isto pode ser um indício de que o salto com vara tenha sido um tipo de competição esportiva já naqueles tempos. Porém, mais adiante, Yalouris (2004) coloca em dúvida a procedência dessa mesma ânfora. Em resposta a esse choque de informações, Stylianos Tsirakis, editor do livro “Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga” para a língua portuguesa, respondeu-nos por e-mail, em junho de 2007, que, em uma consulta às versões grega e inglesa, tal gravura é descrita como uma “pseudo-ânfora”, talvez pela falta de dados conclusivos quanto à procedência ou dificuldades de datação. O

editor também nos informou que a mesma gravura se encontra em outra obra, sem deixar dúvidas quanto à sua procedência, e que vem acompanhada da seguinte legenda: "Black-figure Attic Panathenaic amphora showing an acrobatic contest involving pole-vaulting; 540 BC. Paris, Bibliothèque Nationale<sup>9</sup>".



Figura 9: Ânfora grega retratando o salto com vara sobre cavalos.  
Fonte: Yalouris (2004, p. 204).

A falta de documentos que descrevam com mais detalhes o salto com vara na Grécia antiga, não invalida, porém, o conhecimento de que este já ocorresse na época dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, ou mesmo, anteriormente. Há referências sobre a prática dessa atividade na Grécia antiga, por volta de 1200 anos a.C. (VAULT TECHNIQUES, 2008).

Além das possibilidades de que o salto com vara tenha sido uma forma de exibição acrobática ou esportiva para os antigos gregos, alguns autores relacionam sua prática para fins militares.

Segundo Jonath, Haag e Krempel (1977), encontram-se na antiga literatura grega indicações de um “salto com lança” (p. 269). A possibilidade de que os antigos gregos praticassem o salto com vara servindo-se de uma lança, também é mencionada por Doherty (1972), que, citando Gardiner, reforça que as varas representadas nas ânforas, eram “apenas lanças sem ponta, usadas para o treinamento” (p. 498). Yalouris (2004), por sua vez, descreve com mais detalhes a função militar do salto com vara:

<sup>9</sup> Ânfora Panatenaica com gravuras clássicas, mostrando uma competição do salto com vara. 540 a.C. Paris, Biblioteca Nacional – tradução nossa.

Esse exercício [o salto com vara] tinha, evidentemente, uma aplicação prática na esfera da guerra, pelo fato de seus praticantes terem de atravessar rios, transpor aterros etc. Os efebos praticavam essa modalidade nos ginásios, junto à cova utilizada para outros saltos, ou ao ar livre, próximo aos obstáculos naturais (p. 277).

Querquetani (1964) concorda que uma das utilidades originais do salto com vara tenha sido seu uso militar, já que poderia auxiliar os soldados na transposição de obstáculos naturais e na fuga dos inimigos. Não foram encontradas referências, porém, sobre a utilização de varas em antigos cenários de guerra como as que ocorrem atualmente, nas formas combinadas de saltos e golpes do Wushu.



Figura 10: No Wushu, há golpes combinados com o salto com vara.  
Fonte: HOU... (2008).

Levando-se em conta o grande número de informações que os antigos gregos nos deixaram sobre outras provas atléticas, a pequena quantidade de registros sobre o salto com vara deixará muitos de seus aspectos no campo da especulação. Mesmo assim, a quantidade de registros gregos é bem mais significativa do que as deixadas pelos celtas, povos que também praticaram o salto com vara na Antiguidade. Essa ausência de registros se deve, provavelmente, ao fato de que esses povos faziam uso limitado da escrita e, as informações remanescentes sobre sua cultura, provêm de autores greco-romanos (WIKIPÉDIA, 2008a).

Os celtas foram povos primitivos que habitaram vastas porções da Europa na Antiguidade, até serem conquistados ou integrados por outras culturas, como a dos romanos e normandos.

Assim como os gregos, os celtas realizavam competições esportivas na Antiguidade, os Jogos Tailteanos ou Jogos de Tailte. Esses Jogos foram idealizados em homenagem ao falecimento da Rainha Tailte, no Condado de Meath, Irlanda, a partir de 1829 a.C. Antecedem, portanto, aos Jogos Olímpicos da Antiguidade. Os Jogos Tailteanos duraram até 1180 d.C, quando foram interrompidos por causa da invasão normanda (WIKIPÉDIA, 2008g).

A data e a razão para a origem dos Jogos Tailteanos são as mesmas para autores como Doherty (1972), Gardien et al. (1972) e Salleras (1971). Doherty (1972), citando o antigo Livro de Leister, conta-nos que o salto com vara era uma das cinco provas disputadas anualmente durante os Jogos Tailteanos. Afirma que, nessa competição, a prova do salto com vara tinha como objetivo saltar distâncias, e não altura (DOHERTY, 1972).

Na atual Irlanda, onde os atuais habitantes são, em sua grande maioria, descendentes diretos dos celtas, os Jogos Tailteanos foram novamente reorganizados na Era Moderna, sendo que sua primeira versão ocorreu em 1924 e, as seguintes, em 1928 e 1932 (HOGANSTAND, 2008).



Figura 11: Desfile de abertura dos Jogos Tailteanos de 1928.  
Fonte: Hoganstand (2008).

Ware (1999) é outro autor que faz referência sobre o salto com vara entre os celtas. Relata-nos uma antiga lenda irlandesa, sobre um guerreiro chamado Diarmuid que, ao ver-se encurralado durante uma batalha, utilizou uma lança para saltar sobre o cerco de seus inimigos. Ware (1999) afirma ainda que o primeiro registro conhecido sobre a prova do salto com vara data de 829 a.C., na Irlanda.

A pesquisa sobre o salto com vara na Antiguidade demonstrou que muitas das informações obtidas não poderiam ser incorporadas a essa pesquisa com total

segurança, principalmente, no que se refere às datas. Um exemplo disto são os próprios Jogos Tailteanos, cuja origem mencionada por Doherty (1972), é do ano de 1829 a.C., ao mesmo tempo em que cita a Enciclopédia Britânica, que data esse mesmo acontecimento em até 3000 a.C.

Além de alguns choques de informação, a impossibilidade de consultar referências primárias, tanto pelo idioma, quanto pela indisponibilidade desse tipo de material, foram algumas das dificuldades encontradas durante a coleta de informações sobre a história dessa prova. Isto não impediu, porém, que se chegasse a algumas constatações em relação à origem do salto com vara, quais sejam:

- 1- Na Antiguidade, gregos e celtas deixaram registros da prática do salto com vara;
- 2- Sob um aspecto utilitário, o salto com vara era uma forma prática de se vencer obstáculos naturais, como cercas, valas e riachos;
- 3- O salto com vara também foi útil como forma de defesa contra o ataque de animais ferozes, bem como na perseguição da caça (BRESNAHAM; TUTTLE; CRETZMEYER, 1964). Além disso, o salto sobre animais foi um tipo de exibição acrobática;
- 4- O salto com vara fazia parte do treinamento dos jovens gregos, que utilizavam como implementos suas próprias lanças, já que esta habilidade poderia ser útil em fugas ou perseguições durante as guerras;
- 5- O salto com vara fez parte de atividades religiosas e comemorativas;
- 6- O salto com vara poderia ser executado tanto para vencer distâncias (salto com vara irlandês), quanto altura, (salto com vara sobre animais).

### **5.1.2 O salto com vara na Europa Moderna**

Com o fim dos antigos Jogos Olímpicos e dos Jogos Tailteanos, as provas atléticas, de uma forma geral, entraram em declínio no mundo ocidental, principalmente, durante a Idade Média. Em função disso, não foram encontradas menções sobre a realização do salto com vara neste período. Entretanto, pode-se considerar que, ao menos, o salto com vara continuou a ser utilizado como uma forma de se vencer obstáculos naturais, como rios, canais e cercas, em diversas

partes do mundo, especialmente em regiões da Europa, onde tais obstáculos, ainda hoje, são muito comuns.



Figura 12: Cercas de pedra em paisagem britânica.  
Fonte: Haden (2008).

Salleras (1971) considera que, à princípio, o salto com vara tinha um aspecto utilitário, especialmente em países pantanosos, onde se “*ha convertido en un juego y en una prueba deportiva de gran espectacularidad*” (p. 5), com o que concorda McNab (1975), afirmando que alguns historiadores acreditam que a origem do salto com vara se deu nos pântanos do leste da Inglaterra. Informações mais detalhadas sobre esse assunto, podem ser encontradas em documentos eletrônicos:

Como uma forma prática de se passar sobre obstáculos naturais, como canais e riachos, o salto com vara tem sido utilizado em várias partes do mundo, como por exemplo, na pantanosa província Frísia, na Holanda, ao longo do Mar do Norte, ou, também, para saltar sobre as numerosas cercas dos condados ingleses de Cambridgeshire, Huntingdonshire, Lincolnshire e Norfolk. A drenagem artificial destes terrenos alagados trouxe a existência uma rede de canais que se interligam em vários pontos e ângulos. Para cruzá-los sem se molhar, e ao mesmo tempo para evitar o tédio de se fazer numerosos desvios a fim de cruzá-los sobre as pontes, mantinha-se em cada casa um bom número de varas<sup>10</sup>, que serviam comumente para saltar sobre estes canais. Na Frísia, onde isto é chamada de fierljeppen, esta prática ainda é encontrada como um tipo de atividade folclórica, que se repete em competições anuais (WIKIPÉDIA, 2008f, tradução nossa).

---

<sup>10</sup> Sobre o assunto, ver figura 13, p. 53.

Próprio da cultura Holandesa, o *fierljeppen* é um esporte que evoluiu a partir do salto com vara com fins utilitários. Este tipo de prova, porém, é muito diferente da que ocorre nas competições de atletismo. No *fierljeppen*, o atleta tem como objetivo saltar um canal aquático, a fim de atingir a maior distância possível na margem oposta, caindo e deixando sua marca na areia. No *fierljeppen* o atleta faz sua corrida de aproximação sobre uma plataforma de madeira, sem o implemento. Este se encontra ao final da plataforma, e tem sua extremidade inferior apoiada no fundo do canal aquático. Com o impulso da corrida, o saltador desloca a vara para a outra margem ao mesmo tempo em que a escala. Podem ser alcançadas nesses saltos, distâncias superiores a 20 metros. Vale ressaltar que esse esporte surgiu a partir das necessidades e adaptações da vida cotidiana.



Figura 13: Fazendeiro holandês com uma vara de saltos (final século XIX).  
Fonte: Polsstokbond Holland (2008b).



Figura 14: A origem do *fierljeppen*.  
Fonte: Polsstokbond Holland (2008c).



Figura 15: Vista aérea de uma competição de *fierljeppen*.  
Fonte: Polsstokbond Holland (2008a).

Ao referir-se ao reaparecimento do salto com vara na Era Moderna Ward (1962) entende que assim como as origens dessa prática na Antiguidade, a origem moderno-esportiva do salto com vara nunca será totalmente conhecida, já que esta ocorreu a partir de diversos locais da Europa. McNab (1975), por exemplo, menciona a prática do salto com vara nos terrenos com valas e cercas do leste da Inglaterra, onde os homens do campo utilizavam longas varas para saltar sobre esses obstáculos. Considera, porém, que o salto com vara moderno tenha nascido no norte daquele país, em Lake District e, também, na Escócia.

De qualquer forma, é na Inglaterra que se faz a primeira menção à utilização de varas de bambu. J. H. Walsh recomendava seu uso na *British Rural Sports* no ano de 1855, mesmo que esse tipo de vara, só viesse a ser utilizado, efetivamente, no início do século XX (DOHERTY, 1972).

As varas utilizadas pelos ingleses no século XIX eram feitas de madeira de freixo ou de nogueira, o que tornava os implementos muito pesados, obrigando os atletas a fazerem uma empunhadura muito aberta. As varas de madeira tinham ainda um tripé de ferro acoplado às extremidades inferiores. As três pontas dessa peça ajudavam a firmar o encaixe. Vale destacar que os ingleses tinham um estilo próprio de saltar com uma vara, cuja origem remonta aos caçadores que seguiam a pé atrás de suas presas. Caçadores da região de Ulverston encontravam muitas cercas de pedra pelos seus caminhos e utilizavam as varas de madeira para saltar sobre esses obstáculos.

Muitos recordes foram estabelecidos a partir de 1874 por atletas ingleses provenientes desta localidade, que faziam parte do *Ulverston Cricket Club*. A técnica desses atletas era a seguinte: depois de uma lenta corrida de aproximação, cravavam a vara de frente ao obstáculo e elevavam o corpo até que o implemento estivesse na posição vertical, quando então, escalavam o implemento antes de ultrapassar a barra na posição sentada. O movimento final era o de empurrar a vara para trás, para que esta não derrubasse a barra. Essa técnica durou até o protesto dos atletas norte-americanos em 1889, quando alegaram que esse tipo de salto não era uma prova atlética, e sim acrobática (DOHERTY, 1972). A técnica inglesa de passar sobre a barra na posição sentada também é mencionada por Ward (1962) e Jonath, Haag e Krempel (1977), e pode ser observada na figura 16:

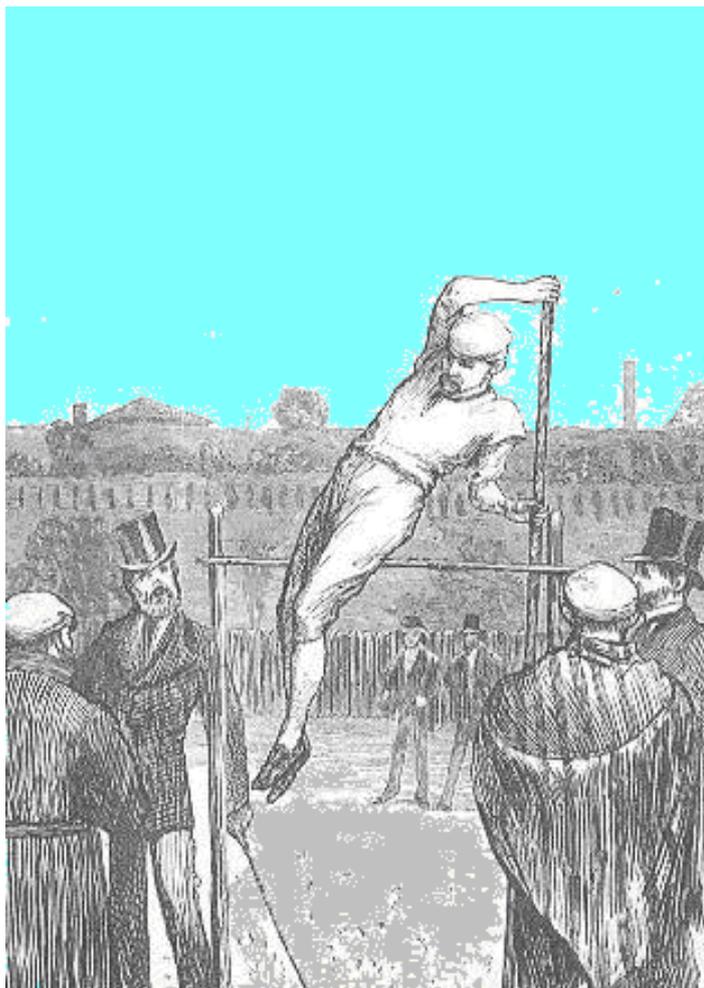


Figura 16: Passagem inglesa sobre a barra em posição sentada.  
Modificada de: Vigarello (1988, p. 66).

A evolução alcançada pelos ingleses nessa prova, combinada com a utilização dos implementos de madeira, porém, tiveram sérias consequências. Embora não faça referências explícitas a nomes, Doherty (1972) ressalta que muitos atletas ingleses morreram em acidentes com as varas de madeira, pois era comum que estas se partissem transversalmente e acabassem por feri-los gravemente. Por essa razão, o salto com vara começou a desaparecer dos programas esportivos das escolas britânicas.

Se na Grã-Bretanha o salto com vara ressurgiu por meio de práticas utilitárias e, também, pelo aparecimento do movimento esportivo, na Alemanha, o renascimento da prática do salto com vara esteve ligado, principalmente, ao surgimento dos métodos ginásticos. Foram dois os principais reformadores educacionais que incentivaram a adoção do salto com vara: Johann Basedow e Johann GutsMuths, isto a partir de meados do século XVIII até fins do século XIX.



Figura 17: Johann Bernhard Basedow.  
Fonte: Wikipédia (2008d).



Figura 18: Johann Christoph Friedrich GutsMuths.  
Fonte: Wikipédia (2008e).

Doherty (1972) considera que a primeira menção feita ao salto com vara na Modernidade, foi a recomendação do educador-reformador alemão Johann Basedow em seu livro, *“A Book of Methods”*, de 1774, para que se realizasse essa atividade como parte de seu programa naturalista de Educação Física. Entretanto, considera que *“el verdadero padre del deporte tal como se practica en nuestra época, y de la educación física, fue el alemán Johann GutsMuths”* (p. 498).

Johann Christoph Friederich GutsMuths é considerado não somente o “pai” do salto com vara, mas também, de toda a ginástica moderna. Em seu livro *“Gymnastik für die Jugend”* [Ginástica para a Juventude], de 1793, ele dedica uma seção ao salto com vara (DOHERTY, 1972). Foi GutsMuths, quem organizou as primeiras provas do salto com vara no início do século XIX, em Schepfental, Gotha (JONATH; HAAG; KREMPEL, 1977).

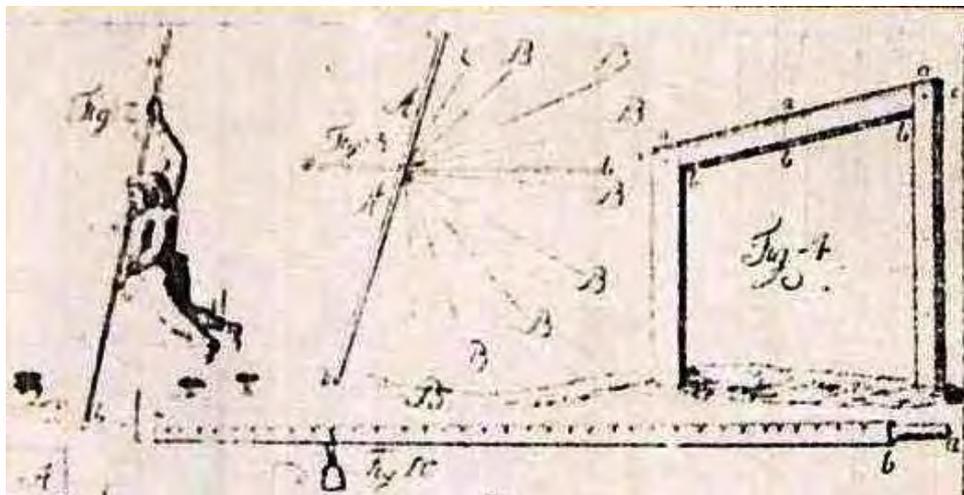


Figura 19: Rara ilustração do salto com vara do livro de GutsMuths.  
Modificada de: Ulmann (1977, p. 496).

Ward (1962) é outro autor que menciona “Gymnastik für die Jugend”, de GutsMuths, como uma das primeiras referências ao salto com vara moderno. Lembra-nos, entretanto, que essa atividade pode ter sido apenas uma parte recreativa de um programa de Educação Física, sem a mesma organização da competição conhecida atualmente.

### 5.1.3 O Salto com vara na América

Doherty (1972) afirma que o salto com vara chegou aos Estados Unidos da América por meio dos imigrantes europeus. Nesse país, os imigrantes irlandeses e escoceses disputavam essa prova durante os Jogos Caledônios, enquanto os imigrantes alemães o praticavam em seus clubes, chamados de *Turnverein*.



Figura 20: Salto com vara em uma rua de Canistota – Dakota do Sul.  
Fonte: POLE... (2008).

Na América, ao contrário do que ocorria na Inglaterra, sobretudo em virtude dos acidentes fatais, o salto com vara progrediu bastante, já que os atletas americanos criaram gosto por essa prova. A inclusão do salto com vara nos I Jogos Olímpicos da Era Moderna, em Atenas, 1896, inclusive, só aconteceu pela

insistência dos delegados americanos presentes. Naqueles Jogos Olímpicos, apenas dois atletas norte-americanos se inscreveram para disputarem a prova. Para não deixá-los sozinhos na competição, os anfitriões gregos, elegantemente, inscreveram três de seus atletas, mesmo que de forma improvisada, já que não possuíam nem mesmo os equipamentos adequados para participar da prova. Como era de se esperar, os americanos conquistaram as duas primeiras colocações, sendo que William Welles-Hoyt ficou com a medalha de ouro, saltando 3,30 metros, enquanto seu companheiro, Albert Tyler, conquistou a de prata, saltando 3,20 metros. Os três representantes gregos chegaram apenas a 2,60 metros, ocupando as posições seguintes (LANCELLOTTI, 1996a).



Figura 21: William Welles-Hoyt, o primeiro campeão olímpico da prova.  
Fonte: Shaw (2008).

A partir da vitória de Hoyt, os americanos iniciaram um domínio nas provas do salto com vara, que se estendeu por várias décadas. Os atletas americanos estabeleceram a grande maioria dos recordes mundiais e venceram todas as disputas olímpicas até os Jogos Olímpicos de 1968, na Cidade do México. Foram dezesseis conquistas olímpicas, muitas vezes acompanhadas de medalha de prata, ou mesmo, com os três lugares do pódio sendo ocupados por atletas americanos, como aconteceu nos Jogos Olímpicos de 1904, 1912 e 1924 (LANCELLOTTI, 1996a).

A supremacia americana na prova só foi quebrada nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, quando a prova foi vencida por um atleta da extinta Alemanha Oriental. A partir de então, estabeleceu-se um período de vitórias de atletas europeus, fato que se estendeu até os Jogos Olímpicos de 1996. Nos Jogos Olímpicos de 2000 e 2004, atletas norte-americanos voltaram a conquistar vitórias

nessa prova, enquanto que, em Pequim, 2008, foi a vez de o atleta australiano Steven Hooker conquistar a medalha de ouro.

#### 5.1.4 A evolução: espaço físico, material, regras e técnicas do salto com vara

As atividades físicas que, originariamente, aconteciam em espaços naturais, passaram a ser desenvolvidas em espaços “abstratos”, criados em função das disputas esportivas. De acordo com Vigarello (1988), a mudança dos locais da prática das atividades físicas, pode ter sido o fator mais importante para que estas evoluíssem. Até o final do século XVIII, espaços, implementos e técnicas complementavam-se, ao passo que, no século XIX, com a criação de espaços específicos para a prática esportiva, antigos objetivos como os de saltar obstáculos naturais [figura 22] tiveram que ser adaptados. Por essa razão, criou-se, por exemplo, a prova do salto em distância, na qual um lenço deveria ser atingido [figura 23].



Figura 22: Atividades na natureza.  
Fonte: Vigarello (1988, p. 12).



Figura 23: Lenço marca o salto em distância.  
Fonte: Vigarello (1988, p. 13).

Nessa transição dos locais de prática é que se começa a desenhar o perfil do salto com vara moderno, na Europa, a partir do século XVIII.

Além da mudança no espaço físico, mudanças nas regras também trouxeram conseqüentes adaptações técnicas. Depois do protesto de atletas americanos, que alegaram que a técnica inglesa de escalar o implemento estava mais para uma exibição acrobática do que atlética, foi criada uma regra que impossibilitou a execução dessa técnica: em 1889 foi proibida a troca de mãos no implemento durante o salto (DOHERTY, 1972). Nessa época, os atletas americanos já tinham criado uma nova técnica para o salto com vara, que consistia, basicamente, em elevar as pernas em direção à barra [extensão do corpo], para, em seguida, reverter o corpo e ultrapassá-la com o abdômen virado para baixo (INTERNATIONAL ASSOCIATION OF ATHLETICS FEDERATIONS, 2008b). Os fundamentos dessa técnica básica do salto com vara, ainda são realizados nos dias de hoje, como pode ser observado na figura 24, que representa a seqüência completa de um salto com vara.

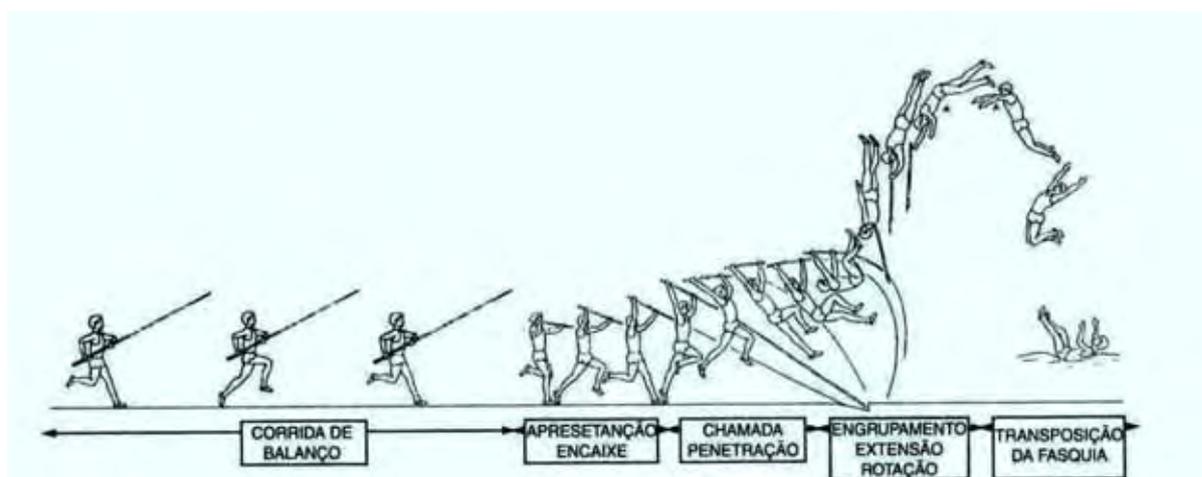


Figura 24: Seqüência completa e descrição das fases do salto com vara<sup>11</sup>.  
Modificada de: Muller e Ritzdorf (2000, p. 128).

Por meio de algumas imagens coletadas durante essa pesquisa, no entanto, foi possível de se observar que, diferentes técnicas para o salto com vara foram utilizadas, pelo menos, até as primeiras décadas do século XX. Com a proibição da escalada do implemento, as variações mais perceptíveis na técnica da prova apareceram no momento da transposição da barra. Na figura 25, pode-se observar um atleta realizando uma arriscada passagem pela barra, em decúbito dorsal.

<sup>11</sup> Traduzido do Espanhol, o livro de Muller; Ritzdorf (2000), utilizado nos cursos de formação da IAAF, utiliza algumas palavras e termos do idioma de origem como, por exemplo, corrida de balanço e transposição da fasquia que, traduzidos, seriam: corrida de aproximação e transposição da barra.



Figura 25: Hugo Svenson salta 3,28 metros, na Suécia, em 1911.  
Fonte: Svantlog (2004).

Até os Jogos Olímpicos de 1896, atletas americanos, além de empregarem diferentes técnicas para o salto com vara, realizavam competições nas quais o objetivo da prova era vencer distâncias (DOHERTY, 1972), tal como já tinha ocorrido na Antiguidade, durante os Jogos Tailteanos.

Em relação às técnicas utilizadas na prova do salto com vara como é conhecido atualmente, ou seja, em altura, Doherty (1972) destaca que o atleta W. J. Van Houten ganhou os campeonatos americanos utilizando uma técnica parecida com a atual, a qual acabou sendo utilizada por outro atleta, R. G. Clapp, que estabeleceu o recorde mundial de 1898, atingindo 3,64 metros. As superações de recordes seguintes aconteceriam com a utilização dessa mesma técnica.

Doherty (1972) ilustra duas variações técnicas (ou de estilos, como no original) na passagem pela barra: o “arco”, de M. S. Wright [Figura 25], e o estilo “voador”, do norueguês Charles Hoff [Figura 27].

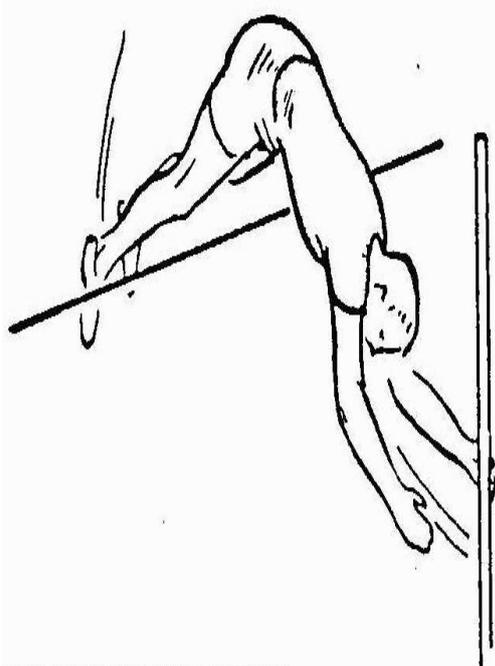


FIGURA 1: O ESTILO EM "ARCO" DE WRIGHT. DOHERTY (P. 502)

Figura 26: O estilo arco de M.S.Wright.  
Fonte: Doherty (1972, p. 502).

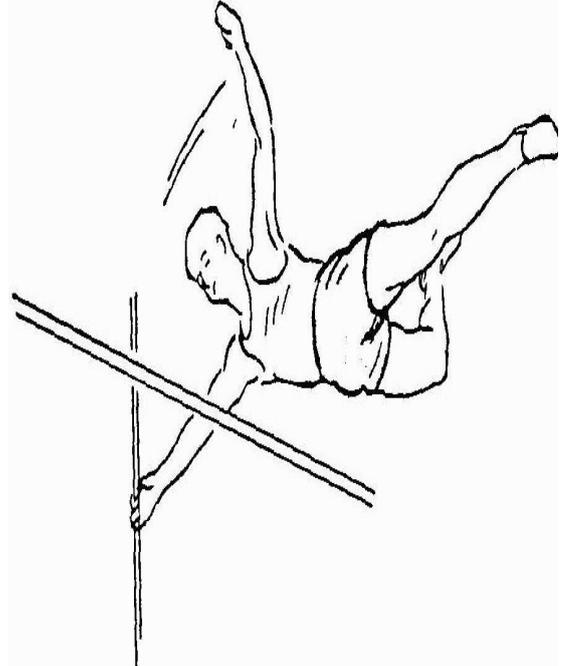


FIGURA 2: O ESTILO VOADOR DE HOFF. DOHERTY (P.503)

Figura 27: O estilo voador de Charles Hoff.  
Fonte: Doherty (1972, p. 503).

Castelo-Reis (1970) descreve os dois estilos mais relevantes na prova do salto com vara: o estilo "V" ou "navalha", de Frank Foss, semelhante ao salto de Wright, porém, com uma passagem mais fechada pela barra, e o estilo Hoff, já mencionado.

Como se pôde observar, as mudanças nos espaços físicos, nas regras e nas técnicas foram determinantes para a evolução da prova do salto com vara. O que mais influenciou a evolução dos records da prova, no entanto, foram as mudanças ocorridas com os implementos. Lawson (1997) declara que, em decorrência da evolução tecnológica dos implementos, o salto com vara é a prova que apresenta o maior número de recordistas. É certo que, nesse aspecto, outros fatores devem ser levados em consideração, como, por exemplo, a evolução no treinamento dos atletas. Observando-se, porém, a evolução das marcas a partir da adoção de cada tipo de implemento, ficam patentes os limites de cada material.

As primeiras varas utilizadas para saltos na Modernidade eram de madeira. Esse tipo de implemento foi utilizado por ocasião dos I Jogos Olímpicos da Era Moderna, em Atenas, no ano de 1896.



Figura 28: Albert Tyler com uma vara de madeira, em 1896.  
Fonte: Beijing... (2008).

As varas de madeira eram muito pesadas, o que obrigava os atletas a manterem uma empunhadura muito aberta para conseguir carregá-las. Em virtude do peso desses implementos, as corridas de aproximação também eram prejudicadas, limitando os resultados finais da prova. Atletas ingleses costumavam adaptar um tripé de ferro nas extremidades inferiores das varas de madeira, com a finalidade de ajudar a firmar o encaixe (DOHERTY, 1972).

As varas de madeira, somente foram utilizadas na primeira edição dos Jogos Olímpicos, em 1896. Na edição seguinte, de 1900, em Paris, passaram a ser utilizadas as varas de bambu.



Figura 29: Jogos Olímpicos de 1900: varas de bambu.  
Fonte: Paris 1900 (2008).

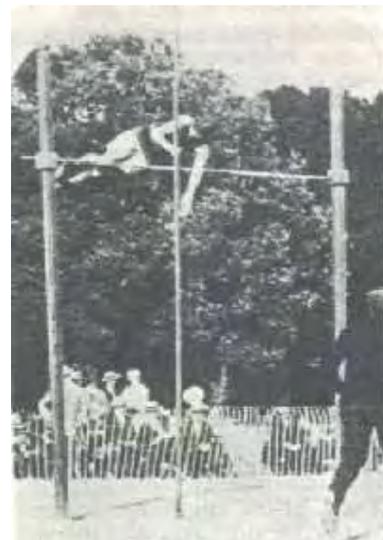


Figura 30: Imagem da prova em 1900.  
Fonte: OLYMPIQUE... (2008).

Durante os Jogos Olímpicos de Paris, em 1900, ocorreu um fato interessante na prova do salto com vara: Alguns atletas americanos, de religião protestante, negaram-se a participar das provas que ocorreriam no domingo, dia considerado sagrado para essa religião. Dentre esses atletas estavam os melhores saltadores da prova do salto com vara. Devido a esse fato, Irving Baxter, um atleta americano de sangue Sioux, depois de ter vencido a prova do salto em altura, foi convocado para substituir seus colegas na prova do salto com vara. Inesperadamente, acabou vencendo e igualando o recorde olímpico de 3,30 metros. Os organizadores dessa modalidade ainda fizeram uma prova extra, na qual os atletas prejudicados puderam competir simbolicamente. Acabaram demonstrando que poderiam ter vencido a competição oficial, caso dela tivessem participado, uma vez que superaram a marca alcançada por Irving Baxter em dez e quinze centímetros, respectivamente (LANCELLOTTI, 1996a).

Mesmo que durante os Jogos Olímpicos de Paris, o recorde olímpico tenha sido apenas igualado ao de 1896, não se levando em consideração a prova extra, a evolução dos recordes na era das varas de bambu estava apenas começando. Por serem bem mais leves e seguras que as varas de madeira e, ainda, por apresentarem certo nível de flexibilidade, as varas de bambu continuaram em uso até os Jogos Olímpicos de 1948, em Londres. Nessa ocasião, a prova foi vencida com a marca de 4,30 metros pelo atleta americano O. Guinn Smith, em uma competição realizada em condições climáticas bastante adversas.

O recorde olímpico da prova do salto com vara, no entanto, permaneceu na marca dos 4,35 metros, estabelecida doze anos antes, durante os Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim. Entre os anos de 1936 e 1948, os Jogos Olímpicos não foram realizados em virtude da II Grande Guerra Mundial.

Infelizmente, foi nesse intervalo olímpico da II Grande Guerra, que o mundo conheceu o atleta mais expressivo da “Era do bambu”: Cornelius Warmerdam. Atleta americano de origem holandesa, Warmerdam estabeleceu um recorde mundial jamais superado com a utilização do mesmo tipo de implemento. Tal proeza aconteceu no ano 1942, quando saltou 4,77 metros (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO, 2008d). Esse recorde demorou quinze anos para ser superado, o que, por si só, já coloca Cornelius Warmerdam como um dos maiores nomes da prova do salto com vara de todos os tempos.



Figura 31: Cornelius Warmerdam, “The Dutch”.  
Fonte: Wikipédia (2008b).

Observando a figura 31, pode-se notar que a vara de bambu que Warmerdam está segurando, é reforçada entre os nós por meio de uma amarração com material desconhecido. Detalhes sobre o preparo das varas de bambu, foram informações difíceis de serem encontradas durante essa pesquisa. Pôde-se ter uma melhor idéia sobre o preparo de tais implementos, somente por meio de uma entrevista com um ex-atleta dessa prova, Sinibaldo Gerbasi<sup>12</sup>, que, em seu tempo de atleta, competia com as varas de bambu. Segundo ele, essas varas eram vendidas em lojas de esporte e, provavelmente, eram feitas por japoneses, que, durante a preparação, costumavam passá-las pelo calor, pelo fogo. Como referência bibliográfica, foi encontrada apenas a menção de Pithan e Silva (19--) sobre esse assunto:

Quase que se usam agora exclusivamente as varas de bambu. Para os mais noviços basta uma vara de 4.25 m. de comprimento. A dos melhores atletas tem de 4.80 a 5.50 metros. Se tiver um espigão na extremidade inferior, retire-o, feche o orifício e coloque de novo o reforço. Alguns atletas colocam um peso na ponta superior da vara para maior equilíbrio e carregá-la quando estão saltando grandes alturas. Em geral, envolve-a, entre nós, uma cinta aderente para proteção. Auxilia também o segurá-la [sic]. A extremidade superior deve estar bem envolvida pela cinta, a fim de proteger a vara de se fender ao cair. (Deve sempre haver alguém para segurar a vara, ao ser largada) (p. 154).

<sup>12</sup> Entrevista realizada no dia 23 de maio de 2008, em São Paulo.

Pihan e Silva (19--) descreve a forma correta para armazenar a vara de bambu, dizendo que esta deve ser conservada em lugar fresco e úmido e ainda, “ser colocada verticalmente num canto, ou horizontalmente, apoiada em toda a sua extensão, a fim de evitar que fique empenada, porquanto se torna difícil e perigoso usá-la” (p.154).

Houvion, Prost e Peyloz (1986) destacam que, nessa época, uma boa vara de bambu não estava ao alcance de todos os atletas, devido a necessidade de uma escolha apurada e de um tratamento que conferisse qualidades desejáveis ao implemento, como, leveza, flexibilidade e resistência.

Ao mesmo tempo em que eram utilizadas as varas de bambu, o surgimento do encaixe foi outra importante evolução da prova do salto com vara na primeira metade do século XX. Até o final do século XIX, competições universitárias do salto com vara aconteciam sobre terrenos gramados, e usava-se afiar uma das pontas da vara, para que esta firmasse o implemento no momento do encaixe (HOWSTUFFWORKS, 2008). Atletas ingleses utilizavam um tripé de ferro na ponta de suas varas para o mesmo fim. Tais artifícios, porém, nem sempre resultavam no esperado. Muitas vezes, as pontas das varas resvalavam no chão, o que resultava em quedas perigosas para os atletas. Para resolver esse problema, foi inventado o encaixe, isto é, uma caixa para se cravar a vara, em substituição aos antigos ponteiros. Doherty (1972) diz-nos que a primeira menção ao uso de tais caixas é do ano de 1922, enquanto alguns sites (VAULT TECHNIQUES, 2008; NOSAMAMOSATLETISMO, 2008) datam o início do uso do encaixe somente a partir da década de 1940. Esse dispositivo evoluiu de simples buracos feitos no chão (Pithan e Silva 19--), passando por caixas feitas de madeira, até chegar, finalmente, as atuais caixas metálicas com formato de “V” (DOHERTY, 1972).

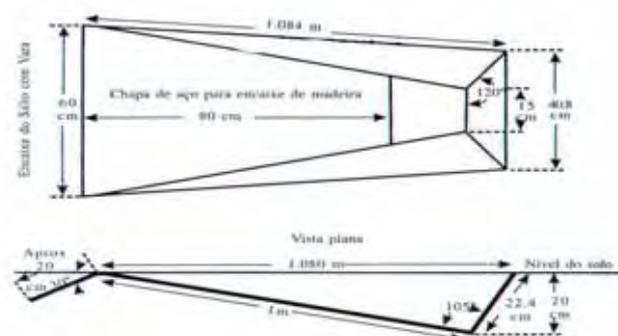


Figura 32: Vista superior e lateral da caixa metálica do encaixe.  
Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO (2005, p. 143).

A evolução seguinte dos implementos foi marcada pelo surgimento das varas de metal. As varas metálicas começaram a ser utilizadas a partir da década de 1950, sem, no entanto, oferecerem uma melhora significativa para os recordes da prova. A razão para isto se deve a similaridade com as varas de bambu, pois tinham quase as mesmas características de flexibilidade, peso e equilíbrio. Por outro lado, as varas de metal se tornaram mais acessíveis aos atletas, já que a obtenção de uma excelente vara de bambu, como já foi afirmado, dependia de uma escolha rigorosa. Inicialmente, as varas metálicas quebravam ou deformavam com facilidade, exigindo certo tempo até que se encontrasse um metal de melhor qualidade, de modo a oferecer maior segurança aos atletas que as utilizavam (DOHERTY, 1972).

Foi com o uso de uma vara de metal que, finalmente, o recorde de Cornelius Warmerdam pôde ser superado. Esse feito foi do atleta Robert Gutowsky, que saltou 4,78 metros, no ano de 1957. Gutowsky ainda superaria seu próprio recorde naquele mesmo ano, sendo superado apenas em 1960, por Don Bragg, que saltou 4,80 metros. Estas seriam as únicas superações de recordes que aconteceram durante a breve fase das varas metálicas (DOHERTY, 1972).



Figura 33: Don Bragg, recordista mundial com vara de metal.  
Fonte: PENNS... (2008).

Embora jamais tenha superado um recorde mundial durante sua carreira, Robert Richards é outro nome que não pode deixar de ser mencionado no período de utilização das varas de metal. Richards que, no início de sua carreira competiu com os implementos de bambu, é o único atleta entre os homens, até hoje, que conquistou duas medalhas de ouro em Jogos Olímpicos na prova do salto com vara.

Uma informação conseguida somente por meio da entrevista com o ex-atleta Sinibaldo Gerbasi é que, durante o I Jogos Pan-Americanos, realizado em Buenos Aires, em 1951, Robert Richards teria levado para a competição uma vara de “duralumínio”. Gerbasi relatou que somente o americano dispunha desse tipo de implemento nessa competição e que antes disso ele, particularmente, nunca havia visto um implemento desse tipo.

A evolução seguinte nos implementos foi o surgimento das varas sintéticas. Antes, porém, é necessário que se faça um parêntese para se referir ao surgimento e evolução dos materiais utilizados para o amortecimento das quedas. Mesmo durante a fase das varas rijas - varas de bambu e de metal – a altura alcançada pelos atletas na prova do salto com vara já causava um considerável impacto (DOHERTY, 1972).

Por meio de algumas imagens do início do século XX, pode-se constatar que, nesta época, ainda não havia muita preocupação com as áreas de queda para o salto com vara. Procurava-se, no máximo, afofar a área de queda, cavoucando ligeiramente a terra.



Figura 34: Atleta prepara uma área de queda, no ano de 1910.  
Fonte: Wakefield (1910).

A evolução nos materiais utilizados para amortecer as quedas, realmente, ocorreu bem devagar. Do chão cavocado ou gramado, passou-se a utilizar tanques rasos de areia, semelhantes as atuais caixas da prova do salto em distância. Mesmo assim, o amortecimento oferecido pela areia ainda não era o ideal, o que acarretava, muitas vezes, em lesões para os atletas. Por causa disso, os saltadores com vara tinham duas preocupações: como ultrapassar a barra e como cair sem se machucar (DOHERTY, 1972).

Em Jogos Olímpicos, os fossos rasos de areia foram utilizados até 1948, em Londres.



Figura 35: Área de queda na década de 1930. Fonte: UNIVERSITY... (2008).

Figura 36: Jogos Olímpicos de 1948: caixa de areia. Fonte: Greenberg (2008).

A partir dos Jogos Olímpicos de 1952, em Helsinque, a solução encontrada para amortecer melhor o impacto causado pela queda dos atletas, foi elevar a altura da área de queda e, ainda, misturar com a areia, outros tipos de materiais. Para conter essa mistura, eram utilizadas fileiras de sacos de areia ou blocos de feno.

Pithan e Silva (19--) nos dá uma idéia da mistura de materiais utilizados nessas áreas de queda: "Emprega-se areia bastante fina, ou terra preta e serragem em partes iguais. Também se usa pó de cortiça ou aparas" (p. 154-155). Nas figuras a seguir, pôde-se visualizar Bob Richards, bicampeão olímpico da prova do salto com vara, sobre áreas de queda de acordo com o mencionado.



Figura 37: Bob Richards em 1952.  
Fonte: Encyclopédia... (2008).



Figura 38: Área de queda na vila olímpica de Melbourne, 1956.  
Fonte: International Olympic Committee (2008).

Como se pode ver na figuras 38 e 39, o material utilizado para a absorção do impacto ficava, realmente, cercado por uma fileira de sacos, tal qual se faz para se proteger uma trincheira.



Figura 39: Área de queda dos Jogos Olímpicos de Melbourne, em 1956.  
Fonte: PUBLIC... (2008).

Não foram muitas as informações encontradas sobre a evolução dos materiais utilizados na construção das áreas de queda, já que o assunto é pouco

abordado nas referências consultadas. Pôde-se ter uma melhor noção sobre esse assunto, analisando as imagens de diversas épocas. Nota-se que foram muitas as experiências e adaptações até se chegar ao desenvolvimento de áreas de queda realmente seguras e eficientes.

Como exemplo, pode-se observar, na figura 40, uma área de queda formada por um amontoado de serragem, cercada por fardos de feno.



Figura 40: Área de queda feita com serragem e cercada por fardos de feno.  
Fonte: ON TRACK (2008).

Outras imagens demonstram que, ao menos para fins de treinamento, fizeram-se vários tipos de improvisações, desde um amontoado de colchões domésticos [figura 41], até uma área de queda parecida com as atuais, porém, com um formato bastante irregular [figura 42, p. 74].



Figura 41: Área improvisada com colchões.  
Fonte: VAULTWORLD (2008b).



Figura 42: Área de queda com formato irregular.  
Fonte: Bowdoin (2008).

Os colchões de espuma utilizados para amortecer as quedas do salto com vara, somente começaram a ser utilizados, a partir da década de 1960. Doherty (1972), com base em Dean Cromwell, relata que uma das razões para que os americanos mantivessem a superioridade nessa prova foi o fato de terem sido os inventores desse tipo de área de queda. Com ela, desaparecia o temor de uma possível lesão durante as quedas, de forma que os atletas poderiam se concentrar, somente, em chegar mais alto.

Foi somente por intermédio de imagens encontradas na internet, que se pôde observar como as primeiras áreas de queda de espuma eram montadas, inclusive, com a figura de um americano, que dizem ser o inventor do “fosso de espuma”, ou área de queda construída com esse tipo de material: Don Gordon. Não são mencionados, porém, outros detalhes sobre o assunto.



Figura 43: Don Gordon, suposto inventor do “fosso de espuma”.  
Fonte: VAULTWORLD (2008a).

No início da utilização desse tipo de material, pode-se observar que eram utilizadas tiras de espuma, sem qualquer tipo de cobertura, como aconteceu nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964. Infelizmente, não foi encontrada uma figura que demonstrasse como foi montada a área de queda para a prova do salto com vara na edição anterior dos Jogos Olímpicos, em Roma, no ano de 1960.



Figura 44: Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964: área com tiras de espuma.  
Fonte: Topfoto (2008).

Atualmente, as áreas de queda são compostas por amplos colchões de espuma, que protegem os atletas não somente por trás da barra, mas, também, nas laterais do encaixe, em caso de acidentes.



Figura 45: Área de queda atual: amortece as quedas e previne acidentes.  
Fonte: ROCK... (2008).

Juntamente com a proteção proporcionada aos atletas a partir da utilização de áreas de queda feitas com colchões de espuma, o surgimento das varas sintéticas proporcionou uma evolução nos conceitos da prova, bem como, a superação de inúmeros recordes. O material sintético utilizado na construção destes novos implementos pode ser a fibra de vidro, a fibra de carbono, o epóxi ou uma combinação desses materiais. As regras da IAAF são bem flexíveis em relação à utilização de diferentes tipos de materiais na construção das varas, bem como em relação às suas medidas. Quanto às restrições, as varas precisam ser lisas e a utilização de fitas adesivas não pode ser exagerada (LENORD, 2008; CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO, 2005).

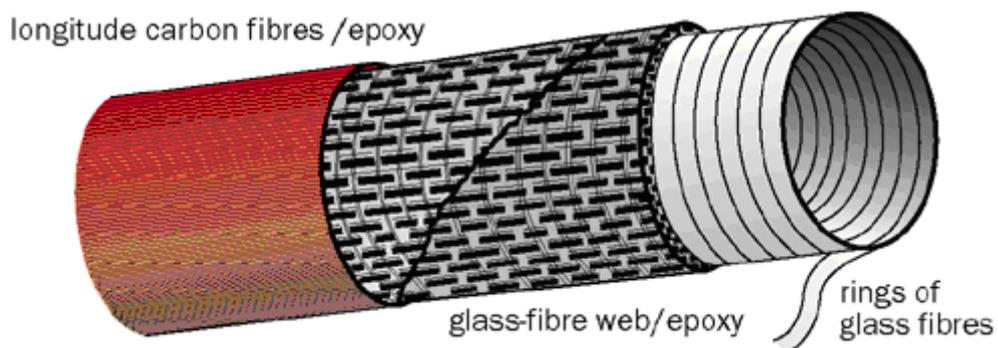


Figura 46: Exemplo de uma vara de material sintético.  
Fonte: Lenord (2008).

O primeiro recorde mundial estabelecido com o uso de uma vara sintética foi do atleta norte-americano George Davies, em 1961, atingindo 4,83 metros. Esse tipo de material já vinha sendo utilizado nos Estados Unidos da América a partir de 1956, e mudou, significativamente, a mecânica do salto com vara. Diferentemente dos outros materiais, oferecia maiores possibilidades de flexão.

A utilização desse tipo de implemento colocou fim ao conceito de que apenas atletas mais altos e velozes estariam aptos a superar novos recordes (FERNANDES, 1978). Entretanto, as varas sintéticas exigiam mais força e habilidade ginástica dos atletas (LAWSON, 1997). Isto se explica pela mudança na utilização da energia cinética.

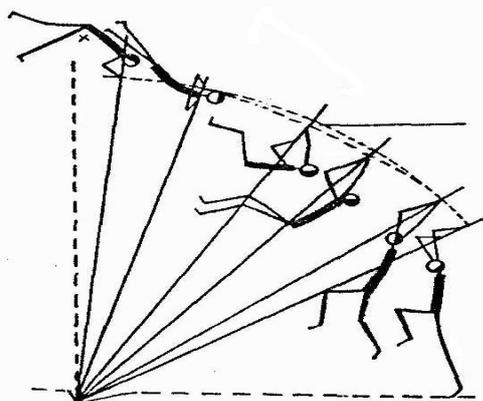


Figura 47: Salto com uma vara rija (bambu ou metal).  
Fonte: Schmolinsky (1982, p. 363).

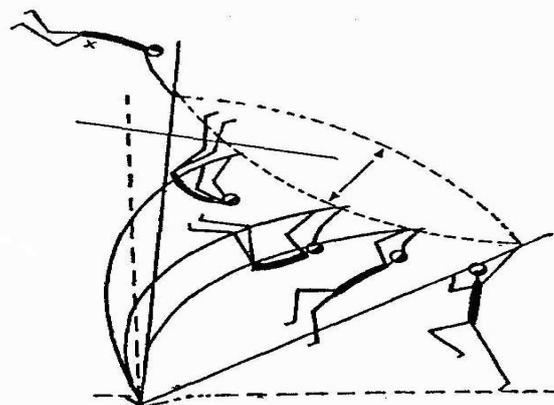


Figura 48: Salto com vara flexível (sintética).  
Fonte: Schmolinsky (1982, p. 363).

A figura 47, à esquerda, representa um salto com vara rija, de bambu ou de metal. O implemento age como se fosse uma alavanca, com a força resultante da corrida de aproximação no encaixe, sendo transferida perpendicularmente à trajetória do atleta. A figura 48, à direita, representa um salto com uma vara flexível, sintética. A energia que é produzida da mesma maneira, é armazenada parcialmente no implemento sob forma potencial (deformação elástica), sendo, então, revertida com a elevação do atleta em direção à barra (SCHMOLINSKY, 1982).

Com o surgimento das varas sintéticas, muitos novos recordes puderam ser superados. Comparando-se a última marca superada com uma vara de metal, isto é, 4,80 metros, alcançados por Don Bragg, em 1960, com o atual recorde mundial de 6,14 metros, alcançados por Sergei Bubka, no ano de 1994, observa-se uma significativa evolução da marca em 1,34 metros.



Figura 49: A incrível flexão suportada por uma vara sintética.  
Fonte: Herringshaw (2008a).

### 5.1.5 Os destaques masculinos da prova do salto com vara

Mesmo que a prova do salto com vara apresente um grande número de recordistas mundiais entre os homens, entendemos que três nomes não podem ficar de fora de qualquer lista que destaque os maiores atletas da história dessa prova: Cornelius Warmerdam, Robert (Bob) Richards e Sergei Bubka.

Esses três atletas representam, também, o melhor rendimento alcançado por um atleta em diferentes implementos, ou seja, o bambu, o metal e o sintético.

Na era do bambu, Cornelius Warmerdam destacou-se estabelecendo o recorde de 4,77 metros, em 23 de maio de 1942. Tal recorde perdurou por quase quinze anos, sendo superado somente após o surgimento das varas de metal. Sobre esse feito, a Confederação Brasileira de Atletismo (2008d) considera que:

A melhor marca conseguida com vara de bambu, e que é talvez a maior proeza atlética de todos os tempos, pertence ao atleta Cornelius Warmerdam, norte-americano de origem holandesa, que em 1942 transpôs a inacreditável (para o tipo de vara) altura de 4,77 metros.

Warmerdam, no entanto, não pôde apresentar seu potencial em Jogos Olímpicos, já que viveu seu auge atlético no período em que duas edições dessa competição [1940 e 1944] foram canceladas por causa da II Guerra Mundial.



Figura 50: Cornelius Warmerdam destacou-se utilizando varas de bambu.  
Fonte: THE BAY... (2008).

Ao contrário de Warmerdam, Robert Richards, ou, simplesmente, Bob Richards, foi um atleta que, embora nunca tenha conquistado um recorde mundial, teve a oportunidade de competir por três vezes em Jogos Olímpicos, já no período do pós-guerra. Richards fez sua estréia olímpica em Londres, em 1948, quando conquistou a medalha de bronze. Durante esses Jogos, é bom lembrar, ainda se utilizavam as varas de bambu. Já na edição seguinte, em Helsinque, 1952, Richards conquistaria sua primeira medalha de ouro olímpica, feito que repetiria quatro anos mais tarde, em Melbourne, tornando-se, assim, o único bicampeão olímpico da prova do salto com vara entre os homens até a presente data (LANCELLOTTI, 1996a). Em suas duas vitórias olímpicas, Richards utilizou implementos de metal.

Bob Richards era também conhecido como o “Vigário Saltador”, já que, além de atleta, era pastor protestante. Richards é descrito por Lancellotti (1996a) como “um homem de grande caráter, espírito conciliador e, principalmente, um pastor em todos os sentidos. Richards se aproveitava das suas folgas na vila de Kapyla [Helsinque], para pregar o pacifismo e a solidariedade entre as nações” (p. 259).



Figura 51: “Bob” Richards celebra a vitória nos Jogos Olímpicos de 1952.  
Fonte: Rübelt (1952).

Levando-se em conta apenas o atual recorde mundial de 6,14 metros, marca alcançada por Sergei Bubka no dia 31 de Julho de 1994, esse atleta já poderia ser considerado como o maior nome da prova do salto com vara a partir do advento das varas sintéticas ou, até mesmo, de todos os tempos. Não bastasse esse recorde mundial estar chegando perto de seus quinze anos, soma-se o fato de que foram poucos os atletas que chegaram a superar a marca dos 6,0 metros.



Figura 52: Sergei Bubka, em 1988, durante os Jogos Olímpicos de Seul.  
Fonte: Herringshaw (2008b).

Nascido no ano de 1963, na Ucrânia, parte então, da extinta União Soviética, Bubka venceu seu primeiro Campeonato Mundial em 1983, em Helsinque, com a marca de 5,70 metros. Durante sua carreira, em função das alterações na geografia política, Bubka representou três nações diferentes: União Soviética, Comunidade dos Estados Independentes e, finalmente, a Ucrânia.

Considera-se, porém, que a participação de Bubka em Jogos Olímpicos não refletiu todo o potencial desse atleta. Em 1984, não pôde competir em Los Angeles, devido ao boicote dos países comunistas aquela edição dos Jogos Olímpicos. Em 1988, nos Jogos Olímpicos de Seul, garantiu sua única vitória olímpica. Participou ainda das duas edições seguintes dos Jogos Olímpicos, obtendo resultados insatisfatórios. Nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, acabou queimando suas três primeiras tentativas e, em Atlanta, 1996, sua despedida olímpica, encontrava-se contundido e não teve condições de realizar sequer sua primeira tentativa (LANCELLOTTI, 1996b). Apenas uma medalha de ouro em Jogos Olímpicos, talvez tenha sido pouco para o atleta que, em 1985, ultrapassou, pela primeira vez, a marca dos 6,0 metros, além de ter conquistado seis Campeonatos Mundiais e ter superado o recorde mundial por 17 vezes.

Deve-se considerar, porém, que assim como em outros esportes, comparar a atuação de atletas que competiram em épocas distintas não resultará em grandes conclusões. Pelos prognósticos da evolução dessa prova, no entanto, o recorde de Bubka ainda deve se manter por um bom tempo. Lawson (1997) prevê que o recorde mundial da prova do salto com vara possa chegar a 6,20 metros em 2015. Quem viver, verá!

Além desses três atletas mencionados, se na relação dos grandes nomes da prova do salto em todos os tempos, além das performances, fossem consideradas questões como o espírito esportivo, a amizade e o senso de justiça, dois outros atletas, certamente, deveriam ser incluídos: Shuei Nishida e Sueo Ohe. Esses dois campeões japoneses escreveram uma das histórias mais comoventes do esporte mundial, ocorrida nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936. Finalistas durante essa competição, acabaram empatando na segunda colocação por diversas vezes, até que os juizes decidiram encerrar a prova, dado as condições insatisfatórias de iluminação na pista de atletismo. Certos de que ambos receberiam a medalha de prata, foram surpreendidos na cerimônia de premiação, já que Nishida recebeu a medalha de prata e Ohe a medalha de bronze.



Figura 53: Earle Meadows (EUA), entre Nishida e Ohe em 1936.  
Fonte: Jamd (2008).

Insatisfeitos com esse desfecho, decidiram resolver a questão quando voltassem para o Japão. Acabaram dividindo suas medalhas ao meio, soldando-as de modo que cada um ficou com uma medalha metade de prata e metade de bronze.



Figura 54: A medalha da amizade.  
Fonte: WASEDA... (2008).

Uma dessas duas medalhas encontra-se, atualmente, em um museu no Japão, e é conhecida como a “medalha da amizade”. Sueo Ohe, posteriormente, serviu seu país durante a II Grande Guerra Mundial, sendo morto em combate nas Filipinas. Ohe permaneceu, mesmo após sua morte, como recordista japonês da prova do salto com vara, com a marca de 4,35 metros, estabelecida em 1937. Esse recorde, somente foi superado no ano de 1958 (QUERCETANI, 1964).



Figura 55: Ohe (esquerda) e Nishida (direita).  
Fonte: WASEDA... (2008).

### 5.1.6 A evolução dos recordes da prova do salto com vara masculino

Conforme já foi mencionado, em razão das alterações ocorridas na prova do salto com vara, principalmente no que se refere aos implementos e às áreas de queda, esta é a prova atlética que possui o maior número de recordistas (LAWSON, 1997).

Vale lembrar que a entidade responsável por reconhecer os recordes de todas as provas do atletismo é a IAAF, fundada em 1912. As primeiras disputas e recordes da prova do salto com vara de que se tem registro, no entanto, ocorreram décadas antes da criação dessa entidade. São conhecidos recordes, inclusive, em versões da prova diferentes da conhecida atualmente. Doherty (1972) menciona um troféu encontrado na Universidade da Pensilvânia, conquistado por C. Hoffman, em 1895, que venceu uma prova do salto com vara em distância, alcançando a marca de 8,58 metros.

Ainda que não oficiais, os recordes do salto com vara conquistados com base nas regras atuais, ou seja, em altura e, anteriores à fundação da IAAF, são os seguintes:

**Tabela1:** Progressão dos recordes mundiais da prova do salto com vara (homens), anteriores à criação da IAAF.

ATLETA	RECORDE (metros)	NACIONALIDADE DO ATLETA	DATA DO RECORDE	LOCAL DA PROVA
Francis Temple	3.15	GBR	06/10/1849	Woolwich, GBR
Robert Mitchell	3.21	GBR	19/06/1868	Londres, GBR
Edwin Woodburn	3.225	GBR	31/08/1872	Newton, GBR
Edwin Woodburn	3.225	GBR	02/06/1873	Lancaster, GBR
John Wigfull	3.225	GBR	07/07/1873	Sheffield, GBR
William Kelsey	3.225	GBR	07/06/1873	Sheffield, GBR
Edwin Woodburn	3.225	GBR	30/03/1874	Londres, GBR
John Wigfull	3.225	GBR	05/07/1875	Sheffield, GBR
A. Hammond	3.38	GBR	30/03/1876	St. Edmunds, GBR
Edwin Woodburn	3.38	GBR	21/07/1876	Ulverston, GBR
Thomas Ray	3.42	GBR	19/09/1879	Ulverston, GBR
Thomas Ray	3.43	GBR	16/07/1881	Birmingham, GBR
Thomas Ray	3.455	GBR	12/08/1882	Bradford, GBR
Thomas Ray	3.465	GBR	18/08/1883	Preston, GBR
Thomas Ray	3.48	GBR	20/08/1885	Grasmere, GBR
Thomas Ray	3.485	GBR	13/08/1886	Whitehaven, GBR
Thomas Ray	3.505	GBR	18/08/1887	Grasmere, GBR
Thomas Ray	3.52	GBR	19/08/1887	Whitehaven, GBR
Ernest Stones	3.53	GBR	02/06/1888	Southport, GBR
Thomas Ray	3.555	GBR	22/09/1888	Barrow, GBR
Ernest Stones	3.57	GBR	23/08/1889	Grasmere, GBR
Richard Dickenson	3.58	GBR	04/07/1891	Kidderminster, GBR
Raymond Clapp	3.62	EUA	16/07/1898	Chicago, EUA
Norman Dole	3.69	EUA	23/04/1904	Berkeley, EUA
Fernand Gonder	3.69	FRA	26/06/1904	Paris, FRA
Fernand Gonder	3.74	FRA	04/06/1905	Gradignan, FRA
Leroy Samse	3.78	EUA	02/06/1906	Chicago, EUA
Walter Dray	3.79	EUA	18/05/1907	New Haven, EUA
Walter Dray	3.82	EUA	25/04/1908	Filadélfia, EUA
Alfred Gilbert	3.855	EUA	06/06/1908	Filadélfia, EUA
Alfred Gilbert	3.86	EUA	12/06/1908	New Haven, EUA
Walter Dray	3.90	EUA	13/06/1908	Danbury, EUA
Leland Scott	3.91	EUA	30/04/1910	Berkeley, EUA

**Tabela1 (Continuação):** Progressão dos recordes mundiais da prova do salto com vara (homens), anteriores à criação da IAAF.

ATLETA	RECORDE (metros)	NACIONALIDADE DO ATLETA	DATA DO RECORDE	LOCAL DA PROVA
Leland Scott	3.93	EUA	27/05/1910	Boulder, EUA
Robert Gardner	3.985	EUA	01/06/1912	Filadélfia, EUA

Fonte: Athletix (2008). Observações: Alguns resultados aparecem com três casas decimais devido à anotação original ter sido feita em polegadas. As siglas dos países e o nome de algumas cidades foram traduzidos para o Português.

Os recordes mundiais da prova do salto com vara masculino, ratificados pela IAAF a partir de 1912 são os seguintes:

**Tabela 2:** Progressão dos recordes mundiais da prova do salto com vara (homens), reconhecidos pela IAAF.

ATLETA	RECORDE (metros)	NACIONALIDADE DO ATLETA	DATA DO RECORDE	LOCAL DA PROVA
Mark Wright	4.02	EUA	08/06/1912	Cambridge, EUA
Frank Foss	4.09	EUA	20/08/1920	Antuérpia, BEL
Charles Hoff	4.12	NOR	03/09/1922	Copenhague, DIN
Charles Hoff	4.21	NOR	22/07/1923	Copenhague, DIN
Charles Hoff	4.23	NOR	13/08/1925	Oslo, NOR
Charles Hoff	4.25	NOR	27/09/1925	Turku, FIN
Sabin Carr	4.27	EUA	28/05/1927	Filadélfia, EUA
Lee Barnes	4.30	EUA	28/04/1928	Fresno, EUA
Bill Graber	4.37	EUA	16/07/1932	Palo Alto, EUA
Keith Brown	4.39	EUA	01/06/1935	Cambridge, EUA
George Varoff	4.43	EUA	04/07/1936	Princeton, EUA
William Sefton	4.54	EUA	29/05/1937	Los Angeles, EUA
Earle Meadows	4.54	EUA	29/05/1937	Los Angeles, EUA
Cornelius Warmerdam	4.60	EUA	29/06/1940	Fresno, EUA
Cornelius Warmerdam	4.72	EUA	06/06/1941	Compton, EUA
Cornelius Warmerdam	4.77	EUA	23/05/1942	Modesto, EUA
Bob Gutowski	4.78	EUA	27/04/1957	Palo Alto, EUA
Don Bragg	4.80	EUA	02/07/1960	Stanford, EUA
George Davies	4.83	EUA	20/05/1961	Boulder, EUA

**Tabela 2 (Continuação):** Progressão dos recordes mundiais da prova do salto com vara (homens), reconhecidos pela IAAF.

ATLETA	RECORDE (metros)	NACIONALIDADE DO ATLETA	DATA DO RECORDE	LOCAL DA PROVA
John Uelses	4.89	EUA	31/03/1962	S. Bárbara, EUA
Dave Tork	4.93	EUA	28/04/1962	Walnut, EUA
Pentti Nikula	4.94	FIN	22/06/1962	Kauhava, FIN
Brian Sternberg	5.00	EUA	27/04/1963	Filadélfia, EUA
Brian Sternberg	5.08	EUA	07/06/1963	Compton, EUA
John Pennel	5.13	EUA	05/08/1963	Londres, ING
John Pennel	5.20	EUA	24/08/1963	Coral Gables, EUA
Fred Hansen	5.23	EUA	13/06/1964	San Diego, EUA
Fred Hansen	5.28	EUA	25/07/1964	Los Angeles, EUA
Bob Seagren	5.32	EUA	14/05/1966	Fresno, EUA
John Pennel	5.34	EUA	23/07/1966	Los Angeles, EUA
Bob Seagren	5.36	EUA	10/06/1967	San Diego, EUA
Paul Wilson	5.38	EUA	23/06/1967	Bakersfield, EUA
Bob Seagren	5.41	EUA	12/09/1968	S. L. Tahoe, EUA
John Pennel	5.44	EUA	21/06/1969	Sacramento, EUA
Wolfgang Nordwig	5.45	AOR	17/06/1970	Berlim, AOR
Wolfgang Nordwig	5.46	AOR	03/09/1970	Turim, ITA
Christos Papanikolaou	5.49	GRE	24/10/1970	Atenas, GRE
Kjell Isaksson	5.51	SUE	08/04/1972	Austin, EUA
Kjell Isaksson	5.54	SUE	15/04/1972	Los Angeles, EUA
Kjell Isaksson	5.55	SUE	12/06/1972	Helsingborg, SUE
Bob Seagren	5.63	EUA	02/07/1972	Eugene, EUA
Dave Roberts	5.65	EUA	28/03/1975	Gainesville, EUA
Earl Bell	5.67	EUA	29/05/1976	Wichita, EUA
Dave Roberts	5.70	EUA	22/06/1976	Eugene, EUA
Wladyslaw Kozakiewicz	5.72	POL	11/05/1980	Milão, ITA
Thierry Vigneron	5.75	FRA	01/06/1980	Paris, FRA
Thierry Vigneron	5.75	FRA	29/06/1980	Lille, FRA
Wladyslaw Kozakiewicz	5.78	POL	30/07/1980	Moscou, URS
Thierry Vigneron	5.80	FRA	20/06/1981	Macon, FRA
Vladimir Polyakov	5.81	URS	26/06/1981	Tbilisi, URS
Pierre Quinon	5.82	FRA	28/08/1983	Colônia, AOR
Thierry Vigneron	5.83	FRA	01/09/1983	Roma, ITA

**Tabela 2 (Continuação):** Progressão dos recordes mundiais da prova do salto com vara (homens), reconhecidos pela IAAF.

ATLETA	RECORDE (metros)	NACIONALIDADE DO ATLETA	DATA DO RECORDE	LOCAL DA PROVA
Sergey Bubka	5.85	URS	26/05/1984	Bratislava, TCH
Sergey Bubka	5.88	URS	02/06/1984	Paris, FRA
Sergey Bubka	5.90	URS	13/07/1984	Londres, ING
Thierry Vigneron	5.91	FRA	31/08/1984	Roma, ITA
Sergey Bubka	5.94	URS	31/08/1984	Roma, ITA
Sergey Bubka	6.00	URS	13/07/1985	Paris, FRA
Sergey Bubka	6.01	URS	08/07/1986	Moscou, URS
Sergey Bubka	6.03	URS	23/06/1987	Praga, TCH
Sergey Bubka	6.05	URS	09/06/1988	Bratislava, TCH
Sergey Bubka	6.06	URS	10/07/1988	Nice, FRA
Sergey Bubka	6.07	URS	06/05/1991	Shizuoka, JAP
Sergey Bubka	6.08	URS	09/06/1991	Moscou, URS
Sergey Bubka	6.09	URS	08/07/1991	Formia, ITA
Sergey Bubka	6.10	URS	05/08/1991	Malmö, SUE
Sergey Bubka	6.11	UCR	13/06/1992	Dijon, FRA
Sergey Bubka	6.12	UCR	30/08/1992	Pádua, ITA
Sergey Bubka	6.13	UCR	19/09/1992	Tóquio, JAP
Sergey Bubka	6.14	UCR	31/07/1994	Sestriere, ITA

Fonte: Lawson (1997). Obs.: As siglas dos países e o nome de algumas cidades foram traduzidos para o Português.

Em Jogos Olímpicos, a progressão dos recordes do salto com vara masculino é a seguinte:

**Tabela 3:** Progressão dos recordes olímpicos da prova do salto com vara (homens).

ATLETA VENCEDOR	MARCA	NACIONALIDADE DO ATLETA	DATA	PAÍS SEDE DOS JOGOS
William Hoyt	3.30	EUA	10/04/1896	Atenas, GRE
Charles Dvorak	3.50	EUA	03/09/1904	Saint Louis, EUA
Edward Cook	3.71	EUA	24/07/1908	Londres, ING
Harry Babcock	3.95	EUA	11/07/1912	Estocolmo, SUE
Frank Foss	4.09	EUA	20/08/1920	Antuérpia, BEL

**Tabela 3 (Continuação):** Progressão dos recordes olímpicos da prova do salto com vara (homens).

ATLETA VENCEDOR	MARCA	NACIONALIDADE DO ATLETA	DATA	PAÍS SEDE DOS JOGOS
Sabin Carr	4.20	EUA	01/08/1928	Amsterdã, HOL
Bill Miller	4.31	EUA	03/08/1932	Los Angeles, EUA
Earle Meadows	4.35	EUA	05/08/1936	Berlim, ALE
Bob Richards	4.55	EUA	22/07/1952	Helsinque, FIN
Bob Richards	4.56	EUA	26/10/1956	Melbourne, AUS
Don Bragg	4.70	EUA	07/09/1960	Roma, ITA
Fred Hansen	5.10	EUA	17/10/1964	Tóquio, JAP
Claus Schiprowski	5.40	AOC	16/10/1968	Cidade do México, MEX
Wolfgang Nordwig	5.40	AOR	16/10/1968	Cidade do México, MEX
Bob Seagren	5.40	EUA	16/10/1968	Cidade do México, MEX
Wolfgang Nordwig	5.50	AOR	02/09/1972	Munique, AOR
Wladyslaw Kozakiewicz	5.78	POL	30/07/1980	Moscou, URS
Sergey Bubka	5.90	URS	28/09/1988	Seul, COS
Igor Trandencov	5.92	RUS	02/08/1996	Atlanta, EUA
Jean Galfione	5.92	FRA	02/08/1996	Atlanta, EUA
Andrei Tivontchik	5.92	ALE	02/08/1996	Atlanta, EUA
Tim Mack	5.95	EUA	27/08/2004	Atenas, GRE
Steven Hooker	5.96*	AUS	22/08/2008	Pequim, CHN

Fonte: Official Website of the Olympic Movement (2008a). \* Atualizado de: Les-Sports (2008b) após consulta inicial. Obs. As siglas dos países e nome de algumas cidades foram traduzidas para o Português.

### 5.1.7 A participação feminina no salto com vara

A participação das mulheres nos esportes pode ser considerada uma conquista recente. Assim como tantos outros direitos, a idéia de que a mulheres não pudessem se movimentar livremente, pode parecer uma idéia ridícula, dado a

naturalidade com que se considera tal situação nos dias atuais. Mas isto, nem sempre foi uma realidade. Para Guttmann apud Pilatti (2002), a participação efetiva das mulheres no campo esportivo, é uma conquista que não tem mais que meio século.

[...] outra forma de segregação – e, diga-se de passagem, a mais duradoura de todas elas – foi a segregação da mulher do esporte. Para o autor, apenas depois da metade do século XX é que a idéia de competições para mulheres começou a ser aceita. O aparato legal para essa prática é posterior; em muitos casos, foi criado na década de 1970. (...) Vários exemplos dessa segregação são facilmente encontrados no curso da história. Podemos citar, por exemplo, a recusa do Barão de Coubertin em permitir a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos, a qual acabou acontecendo apenas em 1912 e, no atletismo, em 1928 (PILATTI, 2002, p. 69).

No atletismo, algumas das provas eram disputadas exclusivamente pelos homens até bem pouco tempo, como foi o caso do salto com vara. O início das disputas dessa prova entre as mulheres aconteceu oficialmente, há pouco mais de uma década, por volta de 1995. As justificativas para que se impedisse a participação das mulheres nessa prova - entre outras - por tanto tempo, passou por questões culturais, de saúde ou pelo simples preconceito. Existiram até mesmo leis específicas para regulamentar tais proibições, como nos explica Goellner (2008):

Esse temor [de que certos esportes pudessem masculinizar as mulheres] fez com que, em 1941, o general Newton Cavalcanti apresentasse ao conselho nacional de desportos, algumas instruções que considerava necessárias para a regulamentação da prática dos esportes femininos. Estas serviram como base para a elaboração de um documento<sup>13</sup> que oficializou a interdição das mulheres a algumas práticas esportivas, tais como as lutas, o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo e o pentatlo.

Apesar dessas restrições, algumas mulheres se aventuravam a praticar esta prova, bem antes de seu reconhecimento pela IAAF. Segundo esta entidade, embora sejam conhecidas participações femininas no salto com vara desde 1911, tal prova é disputada oficialmente pelas mulheres há poucos anos, sendo que o primeiro recorde mundial ratificado pela entidade é de 1992 (WIKIPÉDIA, 2008h).

---

<sup>13</sup> Decreto Lei nº 3199. do Conselho Nacional de Desportos, de 14 de Abril de 1941.

Em 1996, aconteceu a primeira competição internacional desta prova entre as mulheres, o Campeonato Europeu Indoor. No ano seguinte, a prova passou a integrar o Campeonato Mundial Indoor. Já a inclusão da prova feminina do salto com vara no Campeonato Mundial Outdoor só aconteceu dois anos mais tarde, antecedendo sua estréia em Jogos Olímpicos, que ocorreu em Sydney, em 2000. Ambas as competições foram vencidas pela atleta Stacy Dragila, dos EUA.

Mesmo sendo uma prova reconhecida há pouco tempo, o salto com vara feminino já possui seus destaques. Assim como, para os homens, a marca dos 6,0 metros parecia ser um objetivo intransponível, para as mulheres, a marca dos 5,0 metros parecia ser uma marca impossível de ser vencida, até que, em 2005, a atleta russa Yelena Ysinbayeva ultrapassou esta marca, atingindo, no mesmo ano, 5,01 metros. Ysinbayeva, bicampeã olímpica em Pequim, 2008, e recordista mundial na mesma competição com a marca de 5,05 metros, já possui uma extensa lista de recordes, embora muitos deles venham ocorrendo com diferenças mínimas. Tal estratégia também foi adotada por Bubka e é apontada pela própria atleta como uma forma de conquistar os prêmios oferecidos pelos organizadores das competições e pela Federação de Atletismo da Rússia, a cada nova superação de recorde (UOL... 2008).



Figura 56: Ysinbayeva ultrapassando a marca dos 5,00 metros.  
Fonte: Herringshaw (2008c).

### 5.1.8 A evolução dos recordes da prova do salto com vara feminino

Segundo a IAAF, embora sejam conhecidos resultados do salto com vara feminino desde 1911, essa prova começou a ser disputada oficialmente há poucos anos, sendo que, as atletas chinesas, foram as pioneiras nessa conquista.

Quanto ao reconhecimento dos recordes do salto com vara feminino pela IAAF, foram encontrados alguns choques de informação. Em seu próprio site, é informado que os recordes do salto com vara feminino passaram a ser reconhecidos a partir de 1995, embora apresentem resultados a partir de 1991 (INTERNATIONAL ASSOCIATION OF ATHLETICS FEDERATIONS, 2008a).

Na tabela a seguir, pode-se observar algumas marcas mundiais reconhecidas pela IAAF, mesmo que anteriores à primeira competição internacional oficial.

**Tabela 4:** Progressão dos recordes mundiais da prova do salto com vara (mulheres), reconhecidos pela IAAF.

ATLETA	RECORDE (metros)	PAÍS DE ORIGEM DA ATLETA	DATA DO RECORDE	LOCAL DA PROVA
Sun Caiyun	4.05	CHN	21/05/1992	Nanjing, CHN
Sun Caiyun	4.11	CHN	21/03/1993	Guangzhou, CHN
Sun Caiyun	4.12	CHN	22/10/1994	Guangzhou, CHN
Sun Caiyun	4.12	CHN	25/10/1994	Guangzhou, CHN
Daniela Bartova	4.12	TCH	18/06/1995	Duisburg, ALE
Daniela Bartova	4.13	TCH	24/06/1995	Wesel, ALE
Daniela Bartova	4.14	TCH	02/07/1995	Gateshead, ING
Daniela Bartova	4.15	TCH	06/07/1995	Ostrya, TCH
Daniela Bartova	4.16	TCH	14/07/1995	Feldkirch, AUT
Daniela Bartova	4.17	TCH	15/07/1995	Feldkirch, AUT
Andréa Muller	4.18	ALE	05/08/1995	Zittau, ALE
Daniela Bartova	4.20	TCH	18/08/1995	Köln, ALE
Daniela Bartova	4.21	TCH	22/08/1995	Linz, AUT
Daniela Bartova	4.22	TCH	11/09/1995	Salgotarjan, HUN
Sun Caiyun	4.23	CHN	04/11/1995	Shenzhen, CHN
Emma George	4.25	AUS	30/11/1995	Melbourne, AUS
Emma George	4.28	AUS	17/12/1995	Perth, AUS

**Tabela 4 (Continuação):** Progressão dos recordes mundiais da prova do salto com vara (mulheres), reconhecidos pela IAAF.

ATLETA	RECORDE (metros)	PAÍS DE ORIGEM DA ATLETA	DATA DO RECORDE	LOCAL DA PROVA
Emma George	4.30	AUS	28/01/1996	Perth, AUS
Emma George	4.41	AUS	28/01/1996	Perth, AUS
Emma George	4.42	AUS	29/06/1996	Reims, FRA
Emma George	4.45	AUS	14/07/1996	Sapporo, JAP
Emma George	4.50	AUS	08/02/1997	Melbourne, AUS
Emma George	4.55	AUS	20/02/1997	Melbourne, AUS
Emma George	4.57	AUS	20/02/1998	Auckland, NZE
Emma George	4.58	AUS	14/03/1998	Melbourne, AUS
Emma George	4.59	AUS	21/03/1998	Brisbane, AUS
Emma George	4.60	AUS	20/02/1999	Sidnei, AUS
Stacy Dragila	4.60	EUA	21/08/1999	Sevilha, ESP
Stacy Dragila	4.60	EUA	14/05/2000	Modesto, EUA
Stacy Dragila	4.62	EUA	26/06/2000	Fênix, EUA
Stacy Dragila	4.63	EUA	23/07/2000	Sacramento, EUA
Stacy Dragila	4.65	EUA	27/04/2001	Pocatello, EUA
Stacy Dragila	4.70	EUA	27/04/2001	Pocatello, EUA
Stacy Dragila	4.71	EUA	09/06/2001	Palo Alto, EUA
Stacy Dragila	4.81	EUA	09/06/2001	Palo Alto, EUA
Yelena Isinbayeva	4.82	RUS	13/06/2003	Gateshead, ING
Yelena Isinbayeva	4.83	RUS	15/02/2004	Donets'k, UCR
Svetlana Feofanova	4.85	RUS	22/02/2004	Atenas, GRE
Yelena Isinbayeva	4.86	RUS	06/03/2004	Budapeste, HUN
Yelena Isinbayeva	4.87	RUS	27/06/2004	Gateshead, ING
Svetlana Feofanova	4.88	RUS	04/07/2004	Heraklion, GRE
Yelena Isinbayeva	4.89	RUS	25/07/2004	Birmingham, ING
Yelena Isinbayeva	4.90	RUS	30/07/2004	Londres, ING
Yelena Isinbayeva	4.91	RUS	24/08/2004	Atenas, GRE
Yelena Isinbayeva	4.92	RUS	03/09/2004	Bruxelas, BEL
Yelena Isinbayeva	4.93	RUS	05/07/2005	Lousane, SUI
Yelena Isinbayeva	4.95	RUS	16/07/2005	Madri, ESP
Yelena Isinbayeva	4.96	RUS	22/07/2005	Londres, ING
Yelena Isinbayeva	5.00	RUS	22/07/2005	Londres, ING
Yelena Isinbayeva	5.01	RUS	12/08/2005	Helsinque, FIN

**Tabela 4 (Continuação):** Progressão dos recordes mundiais da prova do salto com vara (mulheres), reconhecidos pela IAAF.

Yelena Isinbayeva	5.03	RUS	11/07/2008	Roma, ITA
Yelena Isinbayeva	5.04	RUS	29/07/2008	Mônaco, MON
Yelena Isinbayeva	5.05	RUS	18/08/2008	Pequim, CHN

Fonte: Wikipédia (2008h). Obs. As siglas dos países e nome de algumas cidades foram traduzidos para o Português.

**Tabela 5:** Progressão dos recordes olímpicos da prova do salto com vara (mulheres).

ATLETA VENCEDORA	MARCA (Metros)	NACIONALIDADE DA ATLETA	DATA	PAÍS SEDE DOS JOGOS
Stacy Dragila	4.60	EUA	25/09/2000	Sidnei, AUS
Yelena Isinbayeva	4.91	RUS	24/08/2004	Atenas, GRE
*Yelena Isinbayeva	5.05	RUS	18/08/2008	Pequim, CHN

Fonte: Official Website of the Olympic Movement (2008b). \* Atualizado de: Les-Sports, 2008a. Obs. As siglas dos países e nome das cidades foram traduzidos para o Português.

### 5.1.9 O salto com vara no Brasil

Informações históricas sobre a prova do salto com vara no Brasil, por incrível que possa parecer, foram as mais difíceis de serem encontradas durante essa pesquisa. Mesmo nos sites oficiais do atletismo nacional, os registros históricos são muito breves. Algumas informações sobre resultados de provas e nomes de atletas somente puderam ser encontradas em sites internacionais.

No Brasil, há de se destacar o trabalho do Centro de Memória Hans Nobiling, do Esporte Clube Pinheiros, que guarda um rico acervo de imagens e documentos dos pioneiros do salto com vara no Brasil. Os primeiros atletas brasileiros que se destacaram internacionalmente nessa prova eram atletas desse clube, ou melhor, do antigo Clube Germânia. Entre eles, Walter Rehder, Lúcio de Castro, João Carlos Nelli, Ícaro de Castro e Sinibaldo Gerbasi.

Buscando maiores informações sobre essas pessoas, não foram poucas as surpresas encontradas. Walter Rehder, primeiro atleta brasileiro a vencer a prova do

salto com vara em um Campeonato Sul-Americano de Atletismo, em São Paulo, no ano de 1937, era natural da cidade de Rio Claro. O sobrenome Rehder, no entanto, é mais conhecido em Rio Claro em função de um clube municipal, batizado com o nome de seu irmão: C.S.U. João Rehder Neto. João Rehder foi outro atleta rio-clarense campeão Sul-Americano, porém, no decatlo, prova combinada da qual o salto com vara também faz parte.



Figura 57: Walter Rehder, atleta rio-clarense da prova do salto com vara.  
Fonte: CENTRO... (2008c).

Lúcio de Castro<sup>14</sup> e Carlos Joel Nelli, foram outros nomes importantes na prova do salto com vara nacional. Foram esses atletas que trouxeram os primeiros resultados significativos para o Brasil em Jogos Olímpicos. Lúcio de Castro e Carlos Joel Nelli, ficaram em 6º e 8º lugar, respectivamente, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932 (LANCELLOTTI, 1996a).



Figura 58: Lúcio de Castro ao lado do campeão japonês Sueo Ohe.  
Fonte: CENTRO... (2008b).

---

<sup>14</sup> Lúcio de Castro tornar-se-ia, também, o primeiro campeão do Troféu Brasil de Atletismo, em 1945 (FEDERAÇÃO PAULISTA DE ATLETISMO, 1983, p. 39).

A 6ª e 8ª colocações de Lúcio de Castro e Carlos Joel Nelli nos Jogos Olímpicos de 1932 representam, também, os primeiros resultados importantes alcançados por atletas brasileiros no atletismo olímpico, que tinha iniciado sua participação no ano de 1924.

Outro atleta da prova do salto com vara que iniciou sua vida esportiva no Clube Germânia, foi Ícaro de Castro Mello, participante dos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim.



Figura 59: Ícaro de Castro Mello.  
Fonte: CENTRO... (2008a).

Além de representar o Brasil na prova do salto com vara, Ícaro de Castro Mello aproveitou sua estada na capital alemã para estagiar com Werner March, arquiteto alemão que projetou o estádio olímpico para aquela competição. Ícaro de Castro Mello, formado em Engenharia-Arquitetura pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, acabou se especializando em construções esportivas. Dentre seus grandes projetos, podem-se destacar o Conjunto Desportivo “Constâncio Vaz Guimarães”, que abriga o Ginásio do Ibirapuera e o estádio que recebe seu nome: “Ícaro de Castro Mello”. Atualmente, esse estádio é centro de excelência do atletismo de São Paulo, contando com uma moderna pista sintética, onde se realizam importantes competições nacionais e internacionais (ARQUITETOS... 2008).

Como atleta, além de sua participação nos Jogos Olímpicos de Berlim, Ícaro de Castro Mello foi campeão e recordista brasileiro e Sul-Americano da prova do salto com vara (GBRATHLETICS, 2008b).

Sinibaldo Gerbasi foi outro pioneiro da prova do salto com vara no Brasil. Pertencente à geração dos grandes saltadores com vara do antigo Clube Germânia, Sinibaldo Gerbasi representou o Brasil na primeira edição dos Jogos Pan-Americanos, realizados em Buenos Aires, no ano de 1951. Durante aquela competição, teve a oportunidade de atuar ao lado de Bob Richards, que viria a ser campeão daquela competição e, posteriormente, bicampeão olímpico. Sinibaldo Gerbasi conquistou a medalha de bronze, recebendo seu prêmio das mãos da então primeira dama da Argentina, Eva Perón.

Consideramos que, a parte mais emocionante dessa pesquisa histórica, foi ter encontrado Sinibaldo Gerbasi, e ter a oportunidade de realizar uma entrevista com esse ex-atleta. Dentre tantas memórias, Sinibaldo Gerbasi revelou fatos da época em que ainda se competia com as varas de bambu.



Figura 60: Sinibaldo Gerbasi em treinamento.  
Fonte: Acervo pessoal de Sinibaldo Gerbasi.

Durante essa entrevista, Sinibaldo Gerbasi revelou que, mesmo tendo sido eliminado na última hora da equipe que representou o Brasil nos Jogos Olímpicos de Londres, em 1948, guardava uma foto do treinamento para aquela competição [figura 60] e o passaporte com o visto para a viagem. Ao final da entrevista, Sinibaldo Gerbasi nos presenteou com a medalha dos Jogos Pan-Americanos de Buenos Aires, em 1951.



Figura 61: Foto de Sinibaldo Gerbasi com este pesquisador.  
Fonte: Acervo pessoal de Fernando Paulo Rosa de Freitas.

Depois de Sinibaldo Gerbasi, apenas outros três atletas brasileiros conquistaram medalhas na prova do salto com vara em Jogos Pan-Americanos: Thomas Valdemar Hintnaus, em Caracas, 1983 e, os campeões da última edição dessa competição, ocorrida no Rio de Janeiro, em 2007, Fábio Gomes da Silva e Fabiana Murer.

Thomas Hintnaus, mesmo tendo nascido no Brasil, mudou-se com os pais para os Estados Unidos da América aos dois anos de idade. Seus pais, de origem tcheca, também eram esportistas, fato que certamente influenciou o filho. Thomas Hintnaus iniciou sua carreira esportiva nos Estados Unidos da América e chegou a ser campeão universitário norte-americano da prova do salto com vara, o que lhe garantiu uma vaga nos Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980. Não pôde, entretanto, participar daqueles Jogos em virtude do boicote dos Estados Unidos da América. Em razão disso, mudou-se para o Brasil, e adotou a nacionalidade brasileira (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO, 2008d).

Atualmente, o salto com vara no Brasil tem obtido grandes vitórias internacionais com os atletas Fábio Gomes da Silva e Fabiana Murer.

Fábio Gomes da Silva estabeleceu novo recorde sul-americano do salto com vara, saltando 5,77 metros no Campeonato Sul-Americano de Atletismo, em São Paulo, no dia 7 de junho de 2007. Superou uma marca que já durava bastante tempo. Até então, Thomas Hintnaus detinha o recorde brasileiro e sul-americano há

quase 22 anos, com a marca de 5,76 metros, conquistada no dia 21 de agosto de 1985, em Zurique. Fábio Gomes da Silva, no entanto, considera a medalha de ouro conquistada nos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro, em 2007, como seu maior feito. Em um sábado de muita chuva, conseguiu superar seus principais oponentes, ultrapassando a marca dos 5,40 metros (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO, 2008c).

Fábio Gomes da Silva também participou dos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, sem repetir suas melhores atuações, não passando das eliminatórias. Ficou com o 25º lugar.

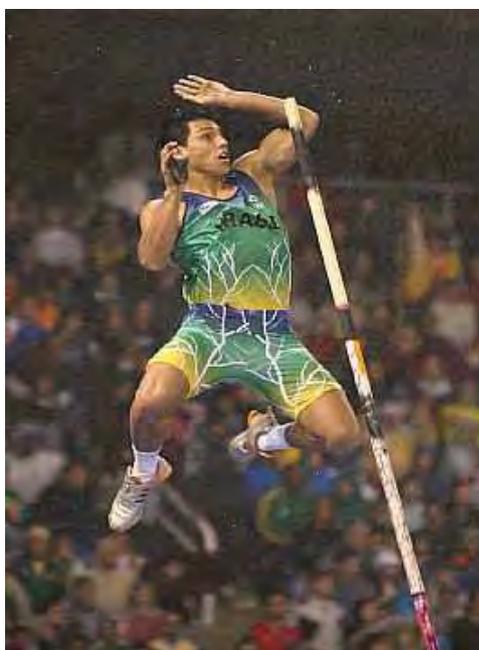


Figura 62: Fábio Gomes da Silva nos Jogos Pan-Americanos de 2007.  
Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO (2008c).

Na prova do salto com vara feminino, o Brasil está muito bem representado pela atleta Fabiana Murer, que é a atual recordista e campeã dos Jogos Pan-Americanos, com a marca de 4,60 metros, resultado alcançado em 2007, no Rio de Janeiro. Ao lado de outras grandes atletas internacionais, Fabiana foi notícia na revista *Veja* (CORRÊA, 2006), não somente pelos bons resultados nas competições, como também por sua beleza. É comum entre as competidoras do salto com vara apresentarem uma musculatura bem definida, em decorrência das longas sessões de treino, que envolvem, além dos próprios saltos, a ginástica olímpica e o treinamento com pesos.



Figura 63: Fabiana Murer nos Jogos Pan-Americanos de 2007.  
Fonte: CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO (2008b).

Outros resultados e recordes expressivos de Fabiana Murer no cenário internacional foram a terceira colocação do Mundial Indoor, em 2008 e, a medalha de ouro e recorde Sul-Americano com a marca de 4,80 metros, alcançada no Campeonato Sul-Americano de Atletismo, realizado no dia 29 de Junho de 2008 (WIKIPÉDIA, 2008c).

Por todos esses bons resultados, esperava-se que Fabiana estivesse entre as primeiras colocadas nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. Não fosse o incidente ocorrido durante as finais da prova, quando uma de suas varas desapareceu, esse fato poderia realmente ter acontecido.

Como se sabe, atualmente, os implementos são fabricados de acordo com as características de cada atleta e da altura que se deseja ultrapassar. Quando a barra chegou na altura de 4,55 metros, Fabiana não encontrou a vara destinada para esta tentativa, fato que tirou toda sua concentração na competição, além de ter que saltar com um implemento improvisado. Com isso, Fabiana Murer ficou na 10ª colocação, saltando 4,45 metros, uma marca bem abaixo de suas reais possibilidades. Soubese, mais tarde, que a vara que havia sumido tinha sido levada para um galpão da vila olímpica, juntamente com os equipamentos de outras atletas que já haviam sido desclassificadas da prova (OYAMA, 2008).

Fábio Gomes da Silva e Fabiana Murer são atletas treinados por Élson Miranda, e podem continuar melhorando seus resultados devido ao bom potencial

apresentado em competições e aos inúmeros intercâmbios internacionais que vêm realizando há tempos, especialmente com Vitaly Petrov, ex-técnico de Sergei Bubka e atual técnico de Yelena Isinbayeva. Além desses atletas, outros deverão surgir, registrando, também, seus nomes na história do salto com vara.

#### 5.1.10 A evolução dos recordes da prova do salto com vara no Brasil

Não foi possível encontrar nenhuma informação da progressão dos recordes do salto com vara no Brasil, ou, tampouco, uma relação nominal dos campeões nacionais. Isto se deve ao fato de que não há no Brasil um campeonato nacional adulto. Sendo assim, o “Troféu Brasil de Atletismo” tem recebido esse *status* desde 1991, embora sua primeira versão tenha ocorrido em 1945 (GBRATHLETICS, 2008a). O “Troféu Brasil de Atletismo”, porém, é uma competição aberta a atletas de outras nacionalidades, fato que pode ser observado na tabela a seguir, onde constam os nomes de alguns atletas estrangeiros.

**Tabela 6:** Campeões do Troféu Brasil de Atletismo na prova do salto com vara (masculino e feminino).

Prova Masculina			Prova Feminina		
Ano	Atleta/País	Res.	Ano	Atleta/País	Res.
1991	Marlon Borges	4.70	1991	---	---
1992	Renato Bortolocci	4.60	1992	---	---
1993	Pedro da Silva	4.95	1993	---	---
1994	Marlon Borges	4.70	1994	---	---
1995	Cristián Aspillaga (CHI)	4.70	1995	Conceição Geremias	2.75
1996	Pedro da Silva	4.40	1996	Márcia Hennemann	3.40
1997	Oscar Veit (ARG)	4.70	1997	Miriam Schwuchow	3.10
1998	Gustavo Rehder	5.05	1998	Patrícia Jiacomussi	3.45
1999	Gustavo Rehder	5.31	1999	Joana Costa	3.65
2000	Gustavo Rehder	5.00	2000	Karla da Silva	3.80
2001	Henrique Martins	5.05	2001	Fabiana Murer	3.90
2002	Henrique Martins	5.10	2002	Karla da Silva	3.90

**Tabela 6 (Continuação):** Campeões do Troféu Brasil de Atletismo na prova do salto com vara (masculino e feminino).

Prova Masculina			Prova Feminina		
Ano	Atleta/País	Res.	Ano	Atleta/País	Res.
2003	Luke Walker (EUA)	5.25	2003	Karla da Silva	4.02
2004	Henrique Martins & João Gabriel Santos Sousa	5.10	2004	Joana Costa	4.05
2005	Fábio Gomes da Silva	5.40	2005	Fabiana Murer	4.23
2006*	Fábio Gomes da Silva	5.30	2006*	Fabiana Murer	4.57
2007**	Fábio Gomes da Silva	5.50	2007**	Fabiana Murer	4.50
2008***	João Gabriel Santos Sousa	5.35	2008****	Fabiana Murer	4.80

Fonte: Modificado de GBRATHLETICS (2008a). Atualizado de: \* Resultados (2008); \*\* CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO (2008e); \*\*\* XXVII... (2008a); \*\*\*\* XXVII... (2008b).

Outra tabela que pode dar uma idéia da evolução da prova do salto com vara no Brasil, é a que demonstra os resultados alcançados por atletas brasileiros em Campeonatos Sul-Americanos de Atletismo.

**Tabela 7:** Atletas brasileiros medalhistas em Campeonatos Sul-Americanos de Atletismo na prova do salto com vara (Homens).

Ano	Ouro	Res.	Prata	Res.	Bronze	Res.
1931	---	---	---	---	Carlos Joel Nelli	3.70
1933	---	---	Lúcio de Castro	3.80	---	---
1937	Walter Rehder	3.90	Lúcio de Castro	3.90	Luis Taliberti	3.80
1939	---	---	Luis Taliberti	3.80	---	---
1941	Lúcio de Castro	4.00	Ícaro Mello	4.00	---	---
1945	Ícaro Mello	3.90	Raimundo Rodrigues	3.90	---	---
1947	Lúcio de Castro	3.90	---	---	Sinibaldo Gerbasi	3.80
1949	---	---	---	---	Sinibaldo Gerbasi	3.80
1952	Hélio da Silva	4.00	---	---	---	---
1954	---	---	Carlos Moschen	3.90	Fausto de Souza	3.90
1956	---	---	---	---	Fausto de Souza	3.90
1958	---	---	Fausto de Souza	3.90	---	---
1961	Marcelo de Souza	3.90	Tomatsu Nishida	3.90	---	---
1963	---	---	---	---	Marcelo de Souza	3.70
1965	---	---	---	---	Marcelo de Souza	3.90

**Tabela 7 (Continuação):** Atletas brasileiros medalhistas em Campeonatos Sul-Americanos de Atletismo na prova do salto com vara (Homens).

Ano	Ouro	Res.	Prata	Res.	Bronze	Res
1971	---	---	---	---	Armando Chiamulera	4.20
1975	Renato Bortolocci	4.50	---	---	---	---
1977	Renato Bortolocci	4.40	---	---	---	---
1981	---	---	---	---	Renato Bortolocci	4.60
1983	---	---	Renato Bortolocci	4.60	---	---
1985	---	---	---	---	Élson de Souza	4.80
1987	---	---	---	---	Renato Bortolocci	5.05
1989	Renato Bortolocci	5.10	---	---	Élson de Souza	4.90
1995	---	---	---	---	Renato Bortolocci	4.40
2001	---	---	---	---	Gustavo Rehder	5.15
2003	---	---	---	---	Gustavo Rehder	5.10
2005	Fábio G. da Silva	5.40	---	---	---	---
2007*	Fábio G. da Silva	5,77	---	---	---	---

Fonte: Modificado de GBRATHLETICS (2008b). Atualizado de: \* CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO (2008f).

**Tabela 8:** Atletas brasileiras medalhistas em Campeonatos Sul-Americanos de Atletismo na prova do salto com vara (Mulheres).

Ano	Ouro	Res.	Prata	Res.	Bronze	Res
1995	---	---	Conceição Geremias	2.70	Patrícia de Oliveira	2.30
1999	---	---	---	---	Fabiana Murer	3.70
2001	---	---	---	---	Karen da Silva	3.70
2005	Joana Costa	4.20	Fabiana Murer	4.00	---	---
2007*	Fabiana Murer	4.50	---	---	Joana Costa	4.20

Fonte: Modificado de GBRATHLETICS (2008c). Atualizado de: \* CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO (2008g).

Com base nesses dados acerca da história do salto com vara, procurou-se verificar a possibilidade de implementar o ensino dessa prova no campo escolar, a partir de uma perspectiva histórica.

Para tanto, foram realizadas oito aulas de aplicação para uma turma de 8ª série do Ensino Fundamental, na E.E. Prof. Odilon Corrêa, da cidade de Rio Claro, cujos resultados veremos a seguir.

## **5.2 AULAS DE APLICAÇÃO**

As aulas de aplicação foram elaboradas com base nos dados históricos do salto com vara e na relação que se estabeleceu entre o professor pesquisador e os 32 alunos da 8ª série 3, da E.E. Prof. Odilon Corrêa. Durante 8 aulas duplas, desenvolveu-se um processo de ensino e aprendizagem baseado na pesquisa-ação.

Os temas selecionados para as aulas procuraram abranger fatos significativos da história do salto com vara, levando os alunos ao conhecimento do processo histórico envolvido na construção dessa parte da cultura do movimento. Os temas sugeridos, no entanto, não restringiram os aspectos criativos dos alunos, já que estes tiveram liberdade para criar ou recriar diferentes possibilidades para cada uma das atividades desenvolvidas.

Os resultados alcançados durante as aulas, bem como, as reflexões e análises delas provenientes, serão discutidas a seguir.

### **5.2.1 Aula 1**

**Temas:** Avaliação inicial e evolução dos implementos.

**Objetivos da aula:** Avaliar os conhecimentos dos alunos sobre a história do salto com vara; reconhecer e vivenciar atividades com os diferentes tipos de implementos utilizados ao longo da história do salto com vara; reconhecer os fundamentos da empunhadura e da corrida de aproximação.

**Duração da aula:** 100 minutos.

**Data:** 15 de maio de 2008.

**Alunos presentes:** 31.

**Alunos ausentes:** 1 (V1)<sup>15</sup>.

**Materiais utilizados:** Coletes nas cores: preta, vermelha, cinza e azul; quatro folhas de papel almaço; uma vara de madeira, sete de bambu, uma de metal e uma sintética; doze cones de sinalização; espumas; um cabo de vassoura; três tatames de E.V.A (1 m. x 1 m.); um cano de ferro (poste do voleibol).

**Local das atividades:** Sala de aula e quadra esportiva.

**Desenvolvimento:** Na sala de aula foram realizadas as seguintes atividades: divisão da classe em quatro grupos de alunos: Grupo Preto; Grupo Vermelho; Grupo Cinza e Grupo Azul, aos quais foram entregues jogos de coletes, com as cores correspondentes<sup>16</sup>. Cada um dos grupos ficou com um número de oito alunos, sendo que o número de integrantes por gênero, ficou dividido da seguinte forma: Grupo Preto: cinco meninos (P1 a P5) e três meninas (P6 a P8); Grupo Vermelho: quatro meninos (V1 a V4) e quatro meninas (V5 a V8); Grupo Cinza: quatro meninos (C1 a C4) e quatro meninas (C5 a C8); Grupo Azul: quatro meninos (A1 a A4) e quatro meninas (A5 a A8).

Após a identificação, os grupos se reuniram a fim de elaborarem uma pequena redação, versando sobre seus conhecimentos acerca da história do salto com vara.



Figura 64: Grupos reunidos para a avaliação inicial.

<sup>15</sup> Os códigos formados por uma letra maiúscula correspondente ao grupo, seguida por um número (como P1, V4, C5, A8 etc.) identificam cada um dos alunos participantes dessa pesquisa.

<sup>16</sup> Durante a fase de aplicação dessa pesquisa, os jogos de coletes foram entregues no início de cada aula e recolhidos ao final.

Foi dito aos participantes que, caso não tivessem nenhum conhecimento sobre a história dessa prova, poderiam inventar uma história a partir de suas suposições ou imaginação. Os resultados dessa atividade foram os seguintes<sup>17</sup>:

Grupo Preto:

*O salto com vara foi inventado há muito tempo. Os primeiros saltos foram feitos com varas de madeira, mas isso não durou muito tempo, pois as varas não flexionavam e era muito difícil para saltar, pois as pessoas tinham que escalar a vara e saltar para o outro lado. Muitas vezes a vara quebrava e acabava matando as pessoas. Hoje em dia, este problema foi resolvido, pois as varas são feitas de fibra de vidro, que é mais flexível, assim, dando mais impulso e jogando a pessoa mais alto. Muito tempo atrás, o salto com vara era usado na guerra, os soldados usavam a vara para saltar sobre rios e buracos e também para lutar.*

Grupo Vermelho:

*Há muito tempo atrás, um jovem passeava perto de sua casa, quando ele avistou um belo e enorme rio. Como ele ficou curiosíssimo, foi ver de perto. Chegando lá, ficou maravilhado com a beleza do rio, quando avistou o outro lado daquele rio, ficou louco para ir conhecer o outro lado. Ele procurou de todas as maneiras atravessar, mas não conseguiu. Voltou para casa decepcionado por não ter conseguido atravessar aquele rio, depois passou o resto do dia pensando uma maneira de atravessar aquele rio. Pensou e pensou, mas não conseguia encontrar um modo. Foi quando ele teve uma idéia muito maluca, atravessar o rio pulando, com uma vara, mas teria de ser uma vara muito grande, porque o rio era muito grande, e ele deveria treinar muito para conseguir atravessar aquele rio. Então, ele começou a procurar uma vara. Ele procurou em vários lugares, mas não encontrou. Ele não tinha a menor idéia onde poderia encontrar e, como ele não conseguiu encontrar, teve a idéia de montar uma vara. Ele passou muito tempo procurando madeiras que encaixassem e que formariam uma vara perfeita. Quando a vara ficou pronta ele começou a treinar perto de casa. Ele treinou dias e meses. Quando achou*

---

<sup>17</sup> Na transcrição das redações, foram mantidos os erros ortográficos originais, apresentados pelos alunos.

*que estava pronto, ele voltou ao rio e começou a pensar no que iria fazer, porque o rio era muito fundo. De uma hora para outra ele se levantou, fez a empunhadura, pegou distância e pulou. Na hora ele fechou os olhos, e quando abriu, já estava do outro lado do rio. Ele não sabia explicar o quanto era bonito aquele lugar, e que ato maravilhoso acabara de fazer. Ele não sabia, mas acabara de criar um dos esportes mais importantes do mundo, o salto com vara. Na hora que ele pulou, um monte de gente viu, e eles falaram para ele que queriam aprender também. Foi aí que esse esporte foi ficando cada vez mais famoso. Agora esse esporte é praticado nas escolas, faculdades, em um monte de lugares no mundo todo. Agora este esporte está tão famoso que já criaram mais tipos de varas, e não é só a de madeira. Que ele siga de geração em geração para trazer vitórias para o Brasil.*

#### Grupo Cinza:

*O salto com vara começou há muito tempo atrás. O recorde mundial é de uma mulher que pulou quase dez metros de altura. O salto com vara veio da Grécia antiga e é um esporte muito pouco praticado há algum tempo, só que, agora, é muito praticado pelos homens e pelas mulheres e até as crianças tentam as vezes saltar com uma vara. Isto porque todas as crianças que vêem na TV tentam copiar tudo que é esporte, incluindo o salto com vara, isto porque, hoje, ele é muito praticado no mundo inteiro. Quando ele foi criado, ele não era um esporte muito praticado. Hoje já existem varas de fibra, varas de bambu e vários tipos de varas. A mais usada é a vara de fibra, porque, com a frequência do treino, você vai aprender a pular com mais elasticidade e com a frequência do treino, eles pulam mais alto porque as varas de fibra envergam e lançam o atleta para o alto. Inclusive, este esporte foi utilizado nas olimpíadas e foi bastante competitivo até o fim dela. Eu assisti e foi uma ótima olimpíada, como todas, e isso me gratifica e me alegra de saber que a recordista é brasileira. Essa é a importância do salto com vara.*

#### Grupo Azul:

*O salto com vara é um esporte muito antigo, que era praticado com varas de madeira e foi inventado na Inglaterra e trazido para o Brasil e vários outros países do mundo. Hoje o salto com vara é um dos esportes mais conhecidos das Olimpíadas.*

*As coisas mudaram e hoje, as varas não são mais de bambu. Elas são feitas de fibras muito resistentes. Antes, no início deste esporte, não se tinha muita segurança e os atletas se preocupavam muito em relação a segurança. O Brasil têm várias medalhas e recordes conquistados por vários atletas, que sempre confiam em seus treinadores. Por isso, esse esporte nunca deve ser esquecido. Se lembrem sempre desse esporte.*

A divisão dos grupos e a redação foram finalizadas nos primeiros 50 minutos de aula, sendo que, após o intervalo, os alunos se dirigiram à quadra esportiva para as primeiras atividades práticas da fase de aplicação dessa pesquisa, a saber:

**Atividade 1:** Orientação inicial sobre a empunhadura da vara.

Os alunos formaram um grande círculo a fim de receberem alguns implementos e as primeiras orientações sobre a empunhadura. Os alunos destros deveriam segurar a extremidade superior da vara com a mão direita, acima da cabeça, mantendo o braço estendido. A empunhadura da mão esquerda deveria ser feita aproximadamente 50 centímetros abaixo da mão direita. Mantendo a empunhadura inicial, os alunos deveriam trazer a mão direita para a lateral direita do quadril e, ao mesmo tempo, elevar a extremidade inferior da vara com a mão esquerda. Nesta posição, o cotovelo esquerdo deveria estar alinhado horizontalmente em relação à mão esquerda<sup>18</sup>.



Figura 65: A empunhadura para os alunos destros.

---

<sup>18</sup> Invertendo-se a posição das mãos, as orientações acerca da empunhadura foram transmitidas aos alunos canhotos.

**Atividade 2: Estafeta.**

Com o objetivo de desenvolver a empunhadura e a corrida de aproximação, os quatro grupos de alunos formaram quatro colunas, posicionados atrás de quatro cones de sinalização.



Figura 66: Largada da estafeta.

À frente da primeira linha de cones foram posicionadas outras duas colunas, distantes cinco e, vinte e cinco metros, respectivamente. Esse afastamento mantido entre os grupos de alunos e os cones de partida, foi necessário para evitar que houvesse possíveis choques com as varas, nas saídas e chegadas dos alunos que estavam correndo.

Para a largada da estafeta, os primeiros alunos de cada uma das colunas se posicionaram atrás da segunda fileira de cones, fazendo a empunhadura da vara. Ao sinal, partiam em direção aos cones da terceira fileira para contorná-los e retornavam ao cone de partida, onde apoiavam a ponta da vara, antes de correrem para a última posição da respectiva coluna. Os alunos seguintes das colunas deveriam executar a mesma atividade, até que todos completassem o percurso.

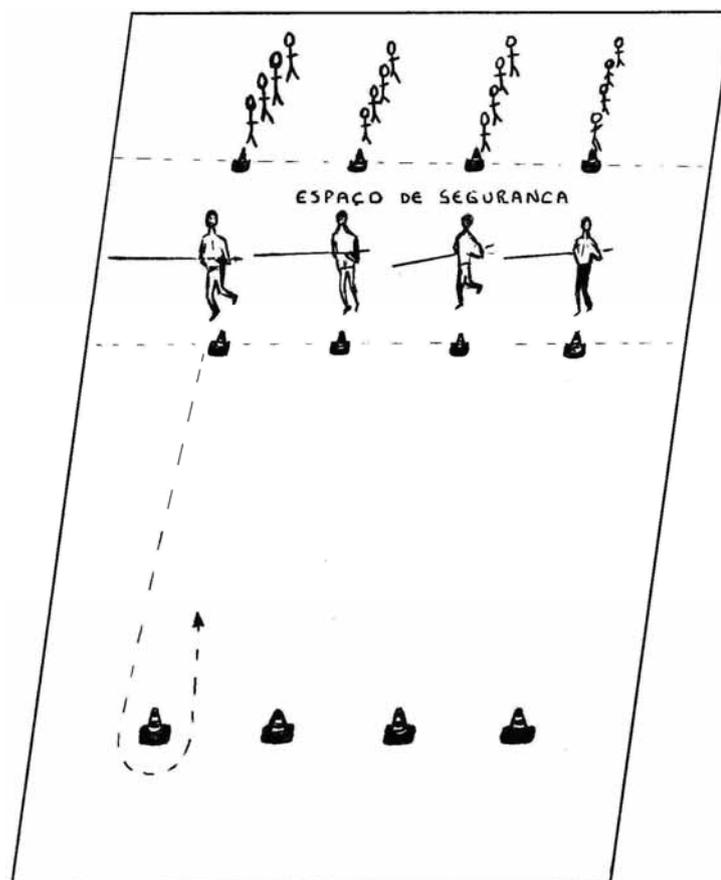


Figura 67: Diagrama da estafeta.

**Atividade 3:** Circuito dos quatro implementos do salto com vara.

Essa atividade reforçou os ensinamentos relativos à empunhadura e à corrida de aproximação, além de proporcionar o contato dos alunos com os quatro tipos de varas utilizadas ao longo da história da prova, a saber: madeira, bambu, metal e sintética (de fibra de vidro e/ou de carbono).



Figura 68: Saída com a vara de madeira.



Figura 69: Salto horizontal com vara de bambu.



Figura 70: Salto vertical com a vara de metal.



Figura 71: Vara sintética e colchões, ao fundo.

A sequência completa deste circuito foi a seguinte:

a- Posicionado entre os cones de saída/chegada [cones 0 e 1], o aluno realizava a empunhadura da vara de madeira. Ao sinal, corria em direção ao cone 8, contornava-o, retornava ao cone 1, onde apoiava o implemento antes de correr para o cone 2.

b- No cone 2, realizava a empunhadura da vara de bambu, corria em direção ao cone 7, saltando o obstáculo horizontal formado por três tatames. Contornava o cone 7, saltava novamente o obstáculo horizontal e retornava para o cone 2, onde apoiava o implemento, antes de correr para o cone 3.

c- No cone 3, realizava a empunhadura da vara de metal, corria em direção ao cone 6, saltava o obstáculo vertical formado por dois cones e um cabo de vassoura. Contornava o cone 6, saltava novamente o obstáculo vertical e retornava ao cone 3, onde apoiava o implemento antes de correr para o cone 4.

d- No cone 4, um aluno auxiliar, segurava uma vara sintética entre a arquibancada e os colchões de espuma<sup>19</sup>. O aluno que estava realizando o circuito subia no primeiro degrau da arquibancada e, com a vara sintética, realizava um salto descendente, caindo sobre as espumas.

e- Depois de cair sobre as espumas, o aluno corria em direção ao cone 5, contornava-o, seguia em direção ao cone 8, contornava-o e, finalmente, corria em direção aos dois cones da linha de saída/chegada [cones 0 e 1], fechando o circuito.

<sup>19</sup> O aluno auxiliar tinha como função cuidar da vara de fibra, a qual havia sido emprestada da Secretaria Municipal de Esportes de Rio Claro.

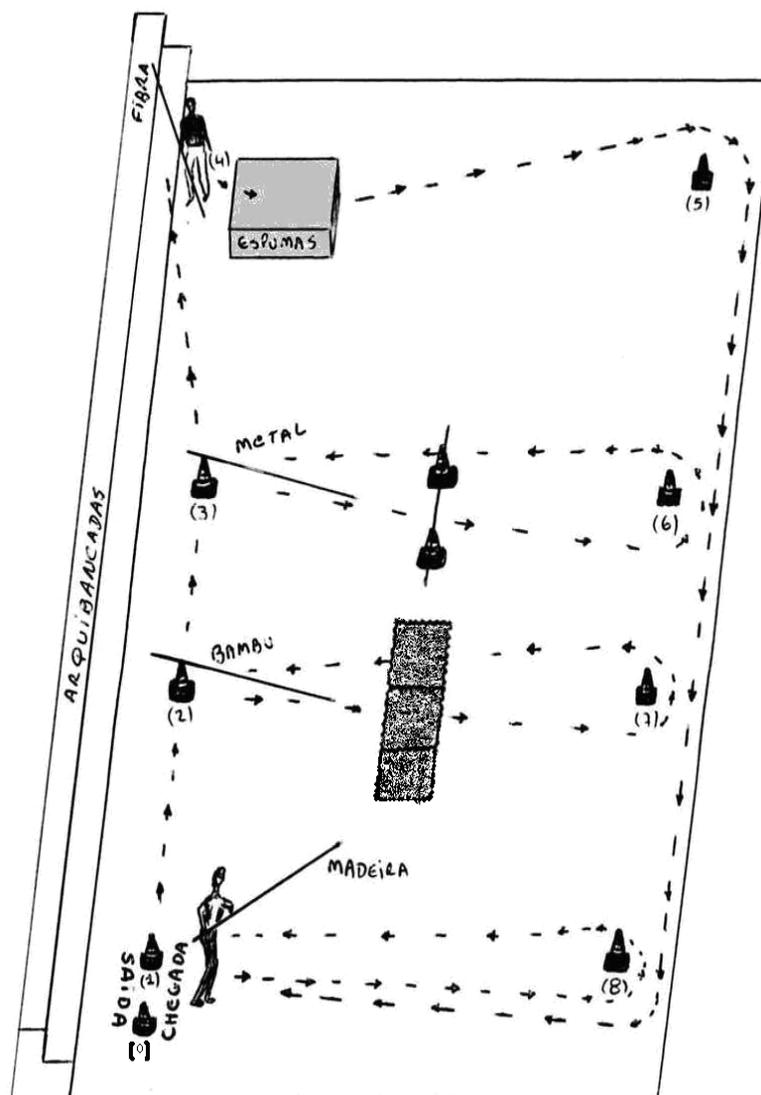


Figura 72: Diagrama do circuito dos quatro implementos.

#### Atividade 4: Apresentação de figuras.

Foram apresentadas aos alunos, figuras de atletas saltando com os diferentes tipos de varas: madeira [figura 28, p. 65], bambu [figura 31, p. 67], metal [figura 38, p. 72] e sintética [figura 49, p. 77]. Foram então questionados sobre qual seria a diferença mais significativa entre eles. Entre respostas como “melhor” e “mais caro”, “P6” apontou para a foto da vara sintética e disse: “esta enverga”.

#### Atividade 5: Momento de reflexão.

Com os alunos sentados em círculo, foram feitas as considerações finais. Os alunos foram questionados, inicialmente, sobre quais foram os tipos de varas utilizadas ao longo da história do salto com vara, e todos responderam corretamente.



Figura 73: Momento de reflexão.

Questionados sobre os custos de cada uma das varas, “C3” respondeu que as varas de bambu não custavam nada, porque podiam ser pegas no mato, enquanto que as demais custariam: dez reais a vara de madeira; oitenta reais a de alumínio; duzentos ou duzentos e cinquenta reais a vara sintética. Ficaram espantados ao saber que, em média, as varas de madeira custavam trinta reais, as de alumínio cento e cinquenta reais e as sintéticas, de mil e quinhentos a dois mil reais, ao que “V5” perguntou: “Mas quem comprou este material?” Explicou-se para os alunos a origem do material: as varas de bambu eram da escola; a vara de madeira e a vara de alumínio pertenciam ao professor e a vara de fibra havia sido emprestada da Secretaria Municipal de Esportes de Rio Claro. Os alunos foram então questionados, sobre qual seria a melhor opção para o ensino do salto com vara na escola, e “C3” respondeu, levando em conta apenas a qualidade do material, que seriam as varas de fibra. Questionados em relação aos custos, “V5” sugeriu que “poderíamos fazer uma rifa, vender doces... muitos doces”.

Em relação ao peso dos implementos, solicitou-se a “C4” que fizesse a empunhadura da vara sintética e, depois, que fizesse o mesmo com um cano de ferro, bem mais pesado<sup>20</sup>. Como era de se esperar, “C4” conseguiu realizar a empunhadura da vara sintética com facilidade, mas, com o cano de ferro, precisou fazer uma empunhadura bem mais aberta para poder elevar a extremidade inferior

<sup>20</sup> Explicou-se para os alunos que o cano de ferro tem um peso equivalente a um implemento de madeira original.

do cano e, ainda assim, por poucos instantes. Questionado sobre a necessidade de afastar as mãos, “C4” explicou que “assim se consegue controlar mais o peso”.



Figura 74: Teste da empunhadura com varas de pesos diferentes.

Questionados sobre a razão de utilizarem a vara de madeira apenas para a realização de corridas, sendo proibido qualquer tipo de salto com aquele tipo de implemento, vários alunos responderam simultaneamente sobre o perigo do implemento quebrar. “V2” destacou que as varas de madeira, quando quebram, podem resultar em “pontas afiadas”.

Discutidas as questões de custo, segurança e peso dos implementos, chegou-se a conclusão comum de que a opção mais viável para o ensino do salto com vara na escola seria a utilização das varas de bambu.

Ao final da aula, os alunos devolveram os coletes e ajudaram a guardar os materiais utilizados.

**Discutindo a aula 1:** Os alunos dessa turma já possuíam um conhecimento prévio do salto com vara em função de outras aulas que tiveram com o mesmo professor, sendo que esses conhecimentos acabaram aparecendo nas redações dos

grupos. Entretanto, não conheciam sua história, já que essa prova havia sido desenvolvida na perspectiva da saúde<sup>21</sup>.

A redação do Grupo Preto foi a que mais se aproximou dos dados pertinentes à história do salto com vara, provavelmente, pela participação de alguns alunos [“P4” e “P8”] na turma de A.C.D. e nas competições escolares de atletismo. Entre outras coisas, o Grupo Preto conseguiu mencionar o atual aspecto esportivo e, ainda, o uso militar do salto com vara, relatados por Doherty (1972), Yalouris (2004), Quercetani (1964) e Ware (1999). Mencionaram também a utilização das varas de madeira e de fibra [sintéticas], e os acidentes que ocorriam na época em que se utilizavam as varas de madeira (DOHERTY,1972). Enganaram-se, porém, ao afirmar que o problema da quebra de implementos foi resolvido com o surgimento das varas de fibra, uma vez que estas também quebram, embora não deixem pontas como as varas de madeira.

O Grupo Vermelho, por sua vez, criou uma história sobre o surgimento e o desenvolvimento do salto com vara a partir da imaginação. Foi interessante notar que, mesmo tendo sido feita dessa forma, alguns trechos tiveram relação com a história da prova, como: a busca das varas na própria natureza; a utilização de varas para saltar rios [ver figura 14, p. 55]; a transformação dessa prática em esporte; o surgimento de outros “tipos de varas”, como mencionado por Doherty (1972).

Demonstrando alguns conhecimentos prévios sobre o assunto, o Grupo Cinza partiu do senso comum para elaborar sua redação. Cometeram alguns equívocos, como, por exemplo, ao afirmarem que o salto com vara teve origem na Grécia e que, na Antiguidade, não era um esporte muito praticado. Na verdade, segundo Ware (1999), os celtas precederam aos gregos na prática do salto com vara. Entre esses povos ancestrais o salto com vara também apresentava características bem diferentes em relação aos esportes modernos, especialmente se for considerado seu aspecto religioso, conforme observou Yalouris (2004).

Os alunos do Grupo Cinza confundiram os Jogos Olímpicos com os Jogos Pan-Americanos, ao afirmarem que tinham assistido a prova do salto com vara nas Olimpíadas, e que a recordista e campeã mundial era brasileira. Contudo,

---

<sup>21</sup> Sobre o assunto ver o relato do ensino do salto com vara na perspectiva de saúde: FREITAS, F. P. R. **Atletismo na escola**: O ensino da prova do salto com vara em uma perspectiva de saúde, 2007. 34f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Física Escolar) – Centro Universitário Claretiano, Batatais; e, FREITAS, F. P. R. et al. O salto com vara na escola: Abordando a prevenção dos problemas da coluna vertebral por meio do ensino da prova Anais... Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 117, 2007.

descreveram corretamente a utilização de diferentes tipos de vara ao longo da história dessa prova.

A redação do Grupo Azul, embora breve, também trouxe algumas aproximações com a história do salto com vara. Foi interessante observar a afirmação de que o salto com vara foi inventado na Inglaterra, já que, levando-se em conta que os celtas habitaram esta região [entre outras, na Europa] na Antiguidade, essa informação se aproxima da história dessa prova, relatada por Wikipédia (2008g), Ware (1999) e Doherty (1972). Mencionaram ainda a existência de varas de bambu e fibra, e a falta de segurança com que a prova era disputada na Antiguidade. Quanto à afirmação de que os atletas brasileiros têm “várias medalhas e recordes”, talvez seja proveniente da cobertura dada à prova do salto com vara durante os Jogos Pan-Americanos de 2007, quando os atletas brasileiros sagraram-se campeões (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO 2008a e 2008b).

Nas redações dos grupos, pôde-se observar que todos conseguiram relacionar diferentes tipos de varas utilizadas, remetendo-se a uma parte importante da história do salto com vara. Ou seja, puderam mencionar a utilização da vara de madeira que, segundo Doherty (1972), ocorreu até o final do século XIX, quando começaram a ser utilizadas as varas de bambu, também mencionadas nas redações. Somente não foram mencionadas as varas de metal, utilizadas a partir dos anos 1950, mas, foram mencionadas as varas de fibra [sintéticas], utilizadas a partir do final dessa mesma década (DOHERTY, 1972).

Na parte prática da aula, e no que se refere aos materiais utilizados, vale observar que alguns já faziam parte do acervo da escola, como as varas de bambu, o tatame, as espumas, os cones e o sarrafo. As varas de madeira e metal foram adquiridas pelo professor, sendo que a de madeira foi encomendada em uma marcenaria e, a de metal, foi comprada durante uma competição de atletismo. A vara sintética foi emprestada da Secretaria Municipal de Esportes de Rio Claro. Dos materiais pertencentes à escola, alguns eram sucatas, como as espumas, enquanto outros foram adquiridos com as verbas destinadas para a compra de material esportivo, como os cones e os tatames.

Quanto à parte técnica, embora os alunos já possuíssem alguma experiência anterior com essa prova, algumas dificuldades puderam ser observadas: a empunhadura da mão direita [para destros] era desfeita com facilidade, dado que, quando se traz esta mão para o lado direito do quadril do saltador, fica em uma

posição antianatômica, o que faz com que alguns alunos mudem a empunhadura dessa mão para uma posição superior no implemento [ver detalhe circulado na figura 65, p. 107]. Ainda em relação à empunhadura, durante as atividades que envolviam corridas, como a estafeta e o circuito, foi observado que os alunos se preocupavam mais com a velocidade de execução do que com execução correta do fundamento.

No momento de reflexão, constatou-se que os objetivos de fazer com que os alunos reconhecessem os quatro tipos de implementos utilizados historicamente e algumas características particulares no uso de cada um deles [como peso, flexão e questões de segurança] foram atingidos. Já na questão técnica, os objetivos referentes aos fundamentos da empunhadura e da corrida de aproximação foram parcialmente atingidos, sendo repetidos nas aulas seguintes.

Em linhas gerais, essa aula demonstrou que a história dos esportes, em especial, a história da prova do salto com vara, é um assunto praticamente desconhecido pela maioria dos alunos, mesmo levando-se em conta que, nessa escola, o atletismo já vem sendo desenvolvido há alguns anos.

### **5.2.2 Aula 2**

**Tema:** Construção dos implementos.

**Objetivos da aula:** Construir uma vara de bambu para cada um dos alunos; identificar e desenvolver os procedimentos necessários para a obtenção, preparo e armazenamento das varas de bambu.

**Duração da aula:** 100 minutos.

**Data:** 29 de maio de 2008.

**Alunos presentes:** 30.

**Alunos ausentes:** 2 (C5 e C20).

**Materiais utilizados:** Coletes nas cores: preta, vermelha, cinza e azul; dois serrotes; dois machados pequenos; um facão pequeno; três carteiras escolares; uma trena; uma balança de 5 kg; um tubo de corretivo.

**Local das atividades:** Vizinhança e quadra esportiva da E.E. “Prof. Odilon Corrêa”.

**Desenvolvimento:** Como a coleta dos bambus ocorreria na vizinhança, a primeira ação foi conscientizar os alunos sobre as atitudes necessárias para a saída da escola, tais como: andar pela calçada, não tocar campainhas, não molestar ou mexer com as pessoas ou animais, além de serem alertados sobre os cuidados com as ferramentas de corte. O responsável pelo local havia sido informado previamente sobre essa atividade, permitindo que se realizasse o corte dos bambus.



Figura 75: Saída para o local da coleta das varas.

No local da coleta, as orientações relacionadas ao uso das ferramentas e a queda das varas foram retomadas. Divididos em dois grupos, um deles ficou responsável pelo corte das varas com um machado e, o outro, pelo corte dos galhos e das pontas dos bambus com o facão.



Figura 76: O corte dos bambus.



Figura 77: Corte dos galhos e da ponta do bambu.

Foram cortadas 13 varas de bambu e, na volta à escola, os alunos se revezavam para carregá-las.



Figura 78: Retirada das varas.



Figura 79: Retorno com o material coletado.

De volta à quadra, os bambus foram cortados em pedaços menores, com o mínimo de 2 metros de comprimento, sendo serrados no nó logo acima dessa medida. Enquanto um grupo de alunos cortava as varas, outro grupo, com um corretivo, ficou responsável por numerá-las. Um terceiro grupo se encarregou de pesar cada uma delas, registrando no diário de campo o número e o peso de cada implemento.



Figura 80: As 13 varas de bambu coletadas.



Figura 81: Medindo os implementos individuais.



Figura 82: O corte dos implementos individuais.



Figura 83: Identificação dos implementos.



Figura 84: Anotação do peso e do tamanho de cada implemento.

Ao final dessa aula, foram produzidos 36 implementos individuais, sendo que o mais pesado ficou com 3,25 kg e, o mais leve, com 1,00 kg.

Depois de identificarem cada uma das varas, os alunos começaram a guardá-las em suportes horizontais. Nesse momento, “V3” percebeu que as varas que estavam encostadas na parede, em posição vertical, minavam água pela extremidade inferior. Resolveu-se então, armazenar as varas nessa posição, até que parassem de verter água. Dessa maneira a ação da gravidade ajudaria na secagem dos implementos.



Figura 85: Suportes para armazenar as varas.



Figura 86: Varas colocadas na vertical para secagem.

**Discutindo a aula 2:** Essa aula ocorreu em um ritmo acelerado, não deixando tempo para maiores reflexões. A limpeza do espaço, inclusive, só pôde ser feita após o término da aula.

A idéia inicial era que cada um dos grupos construísse seus próprios implementos. A quantidade de ferramentas, porém, foi um fator limitante, mas, ao mesmo tempo, necessário: um número maior de ferramentas, principalmente durante o corte dos bambus, colocaria os alunos muito próximos, com risco de

acidentes e com uma supervisão mais difícil. Por essa razão, apenas um aluno de cada vez trabalhou com o machado ou com o facão. Durante o corte dos implementos individuais, embora não houvesse situações de risco, a supervisão se fez necessária por causa dos implementos, já que o corte precisava ser feito rente aos nós. Entre uma e outra vara cortada, sempre se perde um gomo sem nós. Feitos dessa forma, as pontas dos implementos ficam com as extremidades fechadas, o que os tornam mais resistentes.

Para maior segurança dos alunos, as condições do local da coleta foram verificadas com antecedência, sendo que o local era de fácil acesso e ficava bem ao lado de uma rua asfaltada. Não foram encontrados ninhos de insetos e a vegetação que cercava os pés de bambu era rasteira. Além disso, a coleta foi autorizada pelo responsável do local.

No dia da coleta, o professor cortou os primeiros bambus, demonstrando para os alunos a forma segura de se posicionar e manusear as ferramentas, sempre cortando no sentido contrário a posição do corpo. Uma proteção que poderia ter sido acrescentada seria a utilização de luvas. Camisas com mangas longas, calças e bonés também são uma boa proteção contra o pó que cai das plantas, além da necessidade de se estar calçado quando se adentra nesses espaços.

Ao todo foram produzidos 36 implementos individuais que variavam de 2,00 a 2,50 metros de comprimento. Apesar da CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO (2005) não estipular um tamanho padrão para os implementos, varas com esse tamanho demonstraram ser adequadas para o ensino da prova em experiências anteriores. Com varas maiores, a empunhadura acaba sendo feita muito abaixo da extremidade superior, enquanto que, com varas menores, o encaixe é feito muito próximo ao pé dos alunos, além de impossibilitar os saltos a partir de posições elevadas [saltos descendentes].

Infelizmente, durante a pesquisa sobre a história do salto com vara, foram encontradas poucas informações sobre a confecção dos implementos de bambu. O livro de Pithan e Silva (19--) e a entrevista com o ex-atleta Sinibaldo Gerbasi foram as únicas referências encontradas sobre o assunto e, mesmo assim, nem todas puderam ser utilizadas, já que, devido a falta de informações mais precisas sobre alguns procedimentos, como, por exemplo, passar as varas pelo fogo ou fazer amarrações entre os gomos, optou-se por não realizá-los

Na última semana do 1º semestre de 2008, um grupo de alunos que estava em recuperação continuada, utilizou as informações dessa aula, e pesaram pela segunda vez alguns dos implementos. Depois, por uma regra-de-três, puderam chegar a porcentagem de peso que alguns implementos haviam perdido. Embora todas as varas tivessem sido armazenadas da mesma maneira, a diferença de peso perdido [umidade] entre elas foi grande, como pode-se observar na seguinte tabela:

**Tabela 9:** Porcentagem de peso perdido pelos implementos durante o processo de secagem.

Número do Implemento	Peso na data do corte (Data: 29/05/2008)	Peso no final das aulas de aplicação (Data: 10/07/2008)	Porcentagem de peso perdido no período
9	1,00	0,45	55%
20	3,74	2,95	21.2%
22	1,98	0,99	50%
23	1,60	0,96	40%
25	2,93	2,05	30,04%

Tabela: Obs: Peso dos implementos em quilos.

Compararam-se também, duas varas de comprimento e diâmetro semelhantes, sendo que, uma delas, encontrava-se em uso na escola há aproximados dois anos, e, a outra, havia sido confeccionada no início da pesquisa. Observou-se que o período de armazenamento de 42 dias, feito à sombra, não foi suficiente para secar totalmente a vara mais nova. Além da coloração, havia uma significativa diferença de peso: 2,05 quilos para a mais nova e 1,52 quilos para a mais antiga.



Figura 87: Comparação das varas: secagem incompleta.

Observou-se ainda que, durante o processo de secagem, alguns dos implementos racharam, principalmente, os confeccionados com as extremidades superiores dos bambus. Já prevendo essa possibilidade, foram confeccionadas varas sobressalentes, além de poder contar com algumas remanescentes dos anos anteriores. Dessa forma, cada um dos alunos pôde contar com seu próprio implemento durante todas as aulas de aplicação, havendo ainda algumas reservas.

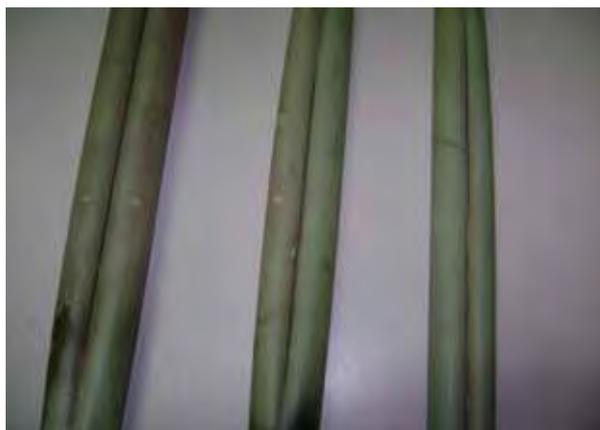


Figura 88: Extremidades superiores que racharam com a secagem.

Levando-se em conta a falta de referências sobre a confecção dos implementos de bambu, as atividades práticas se limitaram ao corte, ao preparo inicial e ao armazenamento dos implementos, procedimentos encontrados em Pithan e Silva (19--). Quanto ao uso dos ponteiros, ao qual o mesmo autor se refere como espigões, poderiam ter sido utilizadas bolas de tênis como uma alternativa mais adequada para as áreas cimentadas onde seriam desenvolvidas as atividades. Essas, porém, seriam de difícil aquisição, já que seria preciso providenciá-las para todos os implementos.

### 5.2.3 Aula 3

**Temas:** A evolução nas áreas de queda; o encaixe; questões de segurança; os recordes.

**Objetivos da aula:** Reconhecer, construir e vivenciar os diferentes tipos de áreas de quedas e do encaixe<sup>22</sup> para o salto com vara, seguindo sua história; discutir medidas de segurança para a prática do salto com vara; reforçar os fundamentos básicos da empunhadura, da corrida de aproximação e abordar as fases do encaixe, do engrupamento e da extensão do corpo; reconhecer os recordes mundiais da prova.

**Duração da aula:** 100 minutos.

**Data:** 5 de junho de 2008.

**Alunos presentes:** 31.

**Alunos ausentes:** 1 (P5).

**Materiais utilizados:** Coletes nas cores: preta, vermelha, cinza e azul; implementos individuais de bambu; sete espumas; um encerado de caminhão; uma escada; uma vara de bambu com 5,30 metros; uma enxada; uma pá; um rastelo; sucatas diversas [pneus, latas, tijolos, blocos de concreto]; dois suportes do salto em altura; um elástico.

**Local das atividades:** Quadra esportiva e caixa de areia.

**Desenvolvimento:** Informados sobre os objetivos da aula, os alunos foram questionados sobre a razão da existência do encaixe para a prova do salto com vara. Mas, "... encaixe da vara, professor?", exclamaram "A6" e "V5". Embora a terminologia utilizada no salto com vara seja, muitas vezes, utilizada para se fazer chacota, aproveitou-se esse momento para informar aos alunos que, nas antigas varas de madeira adaptava-se um "grampão" ou tripé de ferro em suas extremidades. Esse dispositivo tinha a função de evitar que as varas escorregassem no momento em que tocavam o solo. Foram, posteriormente, abolidos com o advento das varas de bambu. "C3", demonstrando conhecimento sobre o material, completou dizendo que, ao se pregar um destes dispositivos em uma vara de bambu, esta racharia.

Questionados sobre o resultado do deslize da vara no momento do encaixe, vários alunos responderam que o atleta pode cair de costas e se machucar.

**Atividade 1:** Aquecimento.

---

<sup>22</sup> Por encaixe, entende-se tanto a fase do salto com vara em que o implemento é firmado no chão (MÜLLER; RITZDORF, 2000), quanto o dispositivo (atualmente, uma caixa de metal) construído e instalado para evitar que a vara escorregue nesse momento.

Posicionados em uma das linhas do fundo da quadra, ao sinal, os alunos deveriam correr até o outro lado, e, com o máximo de velocidade, saltarem com a vara sobre a linha que divide a quadra ao meio.



Figura 89: Aquecimento: alunos prontos para a atividade.

Questionados se, no momento do encaixe, o implemento deslizara no contato com o solo, “V4” respondeu que escorregou “na volta, por causa da descida”. Observando a atividade, notaram que, além da velocidade e da falta de firmeza no encaixe, a inclinação da quadra também influenciara no deslize da vara.

Para completar o aquecimento, solicitou-se aos alunos que formassem um grande círculo e que cada um dos grupos propusesse um tipo de exercício que utilizasse as varas, a fim de que todos o realizassem em séries de dez repetições.



Figura 90: Exercícios de aquecimento com as varas.

Os grupos acabaram propondo exercícios semelhantes aos da musculação: o Grupo Preto propôs a extensão e flexão dos braços com a barra segura atrás da nuca [figura 90]; o Grupo Vermelho propôs a rosca direta para o bíceps; o Grupo Cinza propôs o agachamento com a “barra” atrás da nuca; o Grupo Azul propôs a rotação do tronco com a “barra” atrás da nuca.

**Atividade 2:** Apresentação de figuras.

Depois do aquecimento, os alunos observaram as figuras 36 (p. 71); 39 (p. 72); 42, (p. 74) e 45 (p. 76), que demonstravam a evolução nas áreas de queda e do encaixe para a vara. Ficaram espantados em saber que, em certo período, as quedas na prova do salto com vara aconteciam na terra ou em caixas de areia.

**Atividade 3:** Diferentes quedas.

Foi proposto aos alunos que vivenciassem pequenas quedas sobre diferentes áreas. Inicialmente deveriam subir no primeiro degrau da arquibancada e saltar para o chão da quadra, tomando o cuidado para caírem com os pés paralelos e com uma leve flexão dos joelhos. O mesmo foi feito saltando-se de costas para a quadra e, para aqueles que se sentissem seguros, a partir do segundo degrau da arquibancada.



Figura 91: Quedas em áreas sem amortecimento.

Em seguida, formando uma coluna sobre o primeiro degrau da arquibancada, os alunos saltaram de frente e de costas sobre um amontoado de espumas. Muitas vezes, foram incentivados pelos colegas, como foi o caso de “P2”, que dizia para

seu grupo: “É para pular para trás, não sentar no colchão”, ou ainda: “Vira logo um mortal!”.



Figura 92: Queda frontal nas espumas.



Figura 93: Queda de costas nas espumas.

Também foram realizadas quedas sobre um encerado suspenso. Para maior segurança, no caso de não haver uma sustentação adequada, as espumas foram colocadas sob o encerado. Dessa forma, enquanto todos seguravam o encerado, apenas um aluno saltava sobre ele. Motivados com a atividade, os alunos esticavam o encerado, jogando o aluno para o alto.



Figura 94: Preparação para o salto.



Figura 95: Queda sobre o encerado.

#### **Atividade 4:** Reconhecendo os recordes.

Posicionados na lateral da quadra, os alunos verificaram a altura do recorde mundial feminino da prova, indicado em uma folha, presa no alto do alambrado.

Próximo a esta marca de identificação, foi colocada uma vara com o tamanho necessário para se realizar um salto daquela altura.



Figura 96: Altura do recorde mundial feminino.



Figura 97: “V6” em relação à altura do recorde.

Alguns alunos perguntaram qual era a altura do recorde mundial masculino, ao que foram informados: “São 6,14 metros, mas não foi colocada a folha com esta informação no alambrado, pois a sua altura não chegava a tanto”. Questionados sobre qual seria o efeito de uma queda daquela altura em um tanque de areia, “V6” exclamou: “Deus me livre, quebra as pernas, professor”.

**Atividade 5:** Construção e vivências das áreas de queda e encaixe.

Cada um dos grupos deveria montar uma instalação que remetesse a evolução histórica das áreas de queda e, também, do encaixe. Por sorteio, ficou estipulado que: ao Grupo Vermelho caberia tarefa de criar o encaixe para o salto com vara; o Grupo Preto deveria construir uma área de queda com areia; o Grupo Azul deveria construir uma área de queda com areia, porém, mais elevada, podendo cercá-la com qualquer tipo de material que estivesse disponível na escola; o Grupo Cinza deveria construir uma área de queda utilizando as espumas e o encerado. Cada um dos grupos deveria realizar suas atividades na sequência desse sorteio, sendo que, ao final de cada tarefa, todos deveriam realizar um salto com vara, utilizando cada uma dessas instalações.

O Grupo Vermelho cavou o chão e formou o encaixe sem muita dificuldade, já que o solo encontrava-se úmido. Em sua parte posterior, colocaram dois tijolos. Esses tijolos acabaram servindo como uma espécie de alvo, sendo que, durante os saltos, pôde-se notar que os alunos conseguiam encaixar corretamente suas varas nesse dispositivo.



Figura 98: Construção do encaixe.



Figura 99: Tijolos como anteparo do encaixe.

A preocupação em acertar o encaixe, no entanto, resultou em menor atenção em relação a outros fundamentos do salto com vara, como pode-se observar nas figuras 100 e 101.



Figura 100: "C6" encaixa, mas não "engrupa".



Figura 101: "V4" erra o lado de entrada.

Em seguida, o Grupo Preto afofou a areia que se encontrava em frente ao corredor, melhorando a área de queda que havia sido utilizada depois da construção do encaixe.



Figura 102: Grupo Preto afofa a areia.



Figura 103: "A2" salta sobre a caixa de areia.

Na tarefa seguinte, o Grupo Azul elevou a altura da área de queda, puxando areia de outros cantos para frente do corredor. Fizeram a contenção da areia com diferentes materiais encontrados pela escola, como: pneus, latas de tinta ou pedaços de laje de concreto.



Figura 104: Grupo Azul eleva a caixa de areia.



Figura 105: Salto de "A2" sobre caixa elevada.

Questionados sobre a segurança da instalação, o Grupo Azul informou que resolveram posicionar os materiais que ofereciam riscos de acidentes na parte anterior da caixa, já que, como nas primeiras sequências de saltos, estes estavam sendo feitos em distância e, as quedas, aconteciam mais ao fundo, onde foram posicionados os pneus.

Finalmente, o Grupo Cinza montou a área de queda com as espumas e o encerado. Nesta última instalação, acrescentou-se um obstáculo vertical, montado com os dois suportes do salto em altura e um elástico. Por segurança, dois alunos

seguravam os suportes durante os saltos, evitando que eles caíssem sobre os alunos caso se enroscassem no elástico.



Figura 106: Grupo Cinza: área de queda com as espumas e o encerado.



Figura 107: "V4" se aproxima para o salto.



Figura 108: "C6" faz a rotação antes da queda.

Nessa última instalação, a motivação dos alunos cresceu bastante e, acabaram repetindo seus saltos até que a aula terminasse. Aproveitando a sequência, foram feitas algumas correções técnicas, além da introdução às fases do engrupamento e da extensão do corpo. Em uma das instruções adaptadas, foi solicitado aos alunos para que elevassem os dois pés simultaneamente em direção as folhas das árvores, visando o engrupamento e a extensão.



Figura 109: Tentativa do professor.

**Discutindo a aula 3:** Considerando a desenvolvimento histórico da prova do salto com vara, esta terceira aula poderia ter sido ocupada pelo tema do salto com vara na natureza ou do salto com vara no contexto militar, aspectos que precederam ao surgimento do encaixe e das áreas de queda mais elaboradas, conforme Doherty (1972) e VAULT... (2008). A razão para a antecipação desse tema foi a necessidade de fornecer orientações básicas para uma prática segura do salto com vara, aspecto prioritário para esta aula, bem como, para as que se seguiram, assim como é sugerido em São Paulo (2008b, p. 13). Sendo assim, os temas do encaixe e das áreas de queda tiveram uma melhor relação com os aspectos de segurança.

Observou-se que os objetivos de relacionar as atividades da aula com os fatos históricos relativos à evolução nas áreas de queda e ao surgimento do encaixe foram satisfatórios, tanto pelas respostas dadas pelos alunos durante os momentos de reflexão, quanto pelas vivências e montagem das instalações. Quanto à montagem das áreas de queda, as instalações confeccionadas pelos alunos remeteram-se a todas as fases da história da prova, logicamente que, dentro das possibilidades da escola. Na instalação confeccionada pelo Grupo Azul, no entanto, a utilização de outros materiais, como cortiças ou aparas, se fossem misturados à areia, poderiam ter dado uma melhor idéia sobre as áreas de queda como descreveu Pithan e Silva (19--). Não foi possível, todavia, disponibilizar esse material para a aula. Em relação ao encaixe, o Grupo Vermelho conseguiu construir um

dispositivo rudimentar, um buraco, assim como também sugere Pithan e Silva (19--), mas que demonstrou ser bastante eficiente.

Na instalação final, pôde-se confirmar a observação de Doherty (1972), de que o surgimento das áreas de queda acolchoadas permitiram a evolução das marcas, já que os atletas se concentravam mais em ultrapassar a barra do que com a queda. Da mesma forma, os alunos demonstraram ter mais confiança na área acolchoada, o que os motivou a saltarem mais vezes e de uma melhor forma, mesmo com a inclusão do obstáculo vertical, o elástico.

Essa foi a última aula de aplicação que pôde ser realizada na quadra esportiva. Na semana seguinte, a quadra foi interditada devido ao início das obras de reforma, somente concluídas ao final do mês de outubro.

#### **5.2.4 Aula 4**

**Tema:** O salto com vara na natureza.

**Objetivos da aula:** Apresentar e possibilitar vivências do salto com vara como uma prática utilizada historicamente para se vencer diferentes tipos de obstáculos naturais, bem como para se defender de ataques de animais ferozes; enfatizar a entrada pelo lado correto do implemento no momento do encaixe; enfatizar as fases de “engrupamento” e extensão do corpo; dar início a fase de rotação do corpo.

**Duração da aula:** 100 minutos.

**Data:** 12 de junho de 2008.

**Alunos presentes:** 30.

**Alunos ausentes:** 1 (V2)<sup>23</sup>.

**Materiais utilizados:** Coletes nas cores: preta, vermelha, cinza e azul; implementos individuais de bambu; cinco pneus; um encerado de caminhão; duas cordas.

**Local das atividades:** Jardins e pátio da escola

---

<sup>23</sup> A partir desta aula, a classe passou a ter 31 alunos, devido a transferência de “V6” para outra escola.

**Desenvolvimento:** Na abertura da quarta aula de aplicação, foram apresentadas aos alunos três figuras: a primeira era de uma cerca de pedra [figura, 12, p. 54]; a segunda, de um riacho [figura 14, p. 55]; a terceira, de um homem saltando com uma vara sobre um touro [figura 8, p. 49]. Foi explicado que, na natureza, a cerca de pedra e o riacho eram obstáculos naturais que, historicamente, puderam ser transpostos por meio do salto com vara. Enfatizou-se que, além da transposição direta, o salto com vara também poderia ser utilizado para se subir ou descer de alguns obstáculos, como, por exemplo, cercas de pedra. Já a figura de um homem saltando com uma vara sobre um touro, embora fosse proveniente de um espetáculo similar a uma tourada, e denominado na Espanha como “recorte”, também representava uma situação que ocorrida na natureza, conforme mencionam Quercetani (1964) e Gardien et al. (1972).

Após um breve aquecimento, os grupos procuraram pelos diferentes tipos de obstáculos para a realização do salto com vara, representados pelas figuras. Caso não os encontrassem, poderiam montar obstáculos com as seguintes características:

- Salto com vara descendente: ao Grupo Vermelho coube a tarefa de encontrar ou criar obstáculos onde o salto com vara fosse realizado a partir de uma posição mais elevada para outra mais baixa.

- Salto com vara ascendente: o Grupo Azul deveria encontrar obstáculos onde o salto com vara partisse de uma posição inferior para uma posição superior.

- Salto com vara em distância: o Grupo Cinza deveria encontrar ou criar obstáculos horizontais para o salto com vara.

- Salto com vara sobre obstáculo em movimento: o Grupo Preto deveria criar obstáculos que estivessem em movimento.

Inicialmente, o Grupo Vermelho propôs que todos os alunos fizessem um salto com vara descendente, isto é, a partir do degrau existente entre o jardim e o pátio da escola. Nessa atividade, enfatizou-se a entrada pelo lado correto do implemento, ou seja, pela direita para os destros e, pela esquerda para os canhotos; uma correção necessária, dado que este foi um erro frequente nas aulas anteriores.

Outro salto descendente proposto pelo Grupo Vermelho foi a partir da mesa de Ping-Pong. Como essa mesa é de concreto e, não havendo possibilidade de quebrar este equipamento, permitiu-se a realização dessa atividade, solicitando-se um maior cuidado, pois se tratava de um obstáculo mais alto.



Figura 110: Salto com vara descendente.

A proposta seguinte foi realizar esse mesmo tipo de salto a partir de uma mesa de concreto. Observou-se que a descida poderia ser perigosa, e que seria necessário providenciar algum material para amortecer o impacto do salto. A solução encontrada pelo Grupo Vermelho foi utilizar o encerado, como já havia sido feito. Antes que os alunos saltassem, o professor testou a segurança da área de queda improvisada e considerou que a sustentação oferecida era insuficiente para amortecer totalmente as quedas.



Figura 111: Salto descendente para o pátio.



Figura 112: Salto descendente no encerado.

O Grupo Azul utilizou praticamente os mesmos obstáculos que o Grupo Vermelho e propôs que fossem feitos no sentido inverso, ou seja, subindo do chão

para o degrau do jardim. Nas atividades propostas pelo Grupo Azul, solicitou-se aos alunos para que dessem maior atenção à fase do engrupamento, ou seja, que ajuntassem os pés após o encaixe, como em um salto carpado. Na finalização de cada salto deveriam ainda tentar a rotação do corpo, caindo no sentido contrário da corrida de aproximação.

O Grupo Cinza, que deveria procurar por obstáculos horizontais, preferiu criar um obstáculo feito com duas cordas estendidas no chão. A cada salto realizado, o Grupo Cinza aumentava a distância entre elas, em uma atividade semelhante à brincadeira de pular metro. Os alunos descreveram essa instalação como um tipo de rio a ser transposto pelo salto com vara.



Figura 113: A transposição do “rio”.

Por fim, o Grupo Preto deveria criar obstáculos que estivessem em movimento, relacionando essas atividades com a utilização do salto com vara como meio de defesa ao ataque de animais. Para isso, utilizaram três diferentes tipos de materiais: cordas, bambu e pneus. Com as cordas, criaram dois tipos de obstáculos, a “cobrinha” e a corda suspensa. No obstáculo descrito como “cobrinha”, pediram para que dois alunos segurassem as extremidades de uma corda estendida no chão e que a movimentassem sequencialmente de um lado para o outro, reproduzindo dessa maneira, os movimentos de uma cobra.



Figura 114: A “cobrinha”.

No obstáculo seguinte, os alunos que seguravam a corda, elevaram-na a altura do quadril e caminharam em direção ao grupo de alunos que estava com os implementos. Estes, por sua vez, iniciavam uma corrida em direção à passagem da corda e a saltavam com suas varas. Repetiram essa mesma atividade trocando a corda por um bambu, sendo que todos tiveram a oportunidade de saltar.



Figura 115: A passagem da corda.



Figura 116: A passagem do bambu.

Rolar pneus foi outro tipo de obstáculo em movimento criado pelo Grupo Preto. Formaram duas fileiras de alunos, sendo que uma delas ficava de posse dos pneus. A distância entre essas duas fileiras era de aproximadamente dez metros. Entre as duas fileiras, posicionou-se um grupo de alunos com as varas. Ao sinal, os alunos que estavam com os pneus os rolavam em direção a outra fileira. Na

passagem dos pneus, o grupo de alunos que estava com as varas saltava sobre os mesmos e, rapidamente, viravam-se para o outro lado, já que essa atividade seria feita nos dois sentidos.



Figura 117: O salto sobre os pneus.

O Grupo Preto ainda criou um obstáculo móvel que combinava três materiais: duas cordas, um bambu e os cinco pneus. Atravessaram o bambu no meio dos pneus e amarraram cada uma de suas extremidades com uma das cordas. As cordas serviam para arrastar os pneus, que seriam os obstáculos a serem transpostos pelo salto com vara.



Figura 118: Obstáculo em movimento.

Ao final da aula, foi realizado um breve momento de reflexão. Os alunos foram questionados sobre diversas situações que poderiam ser encontradas em um ambiente natural, e que poderiam ser solucionadas com o salto com vara, como, por exemplo, o que fariam para saltar sobre obstáculos mais largos ou mais fundos; qual seria a melhor técnica para vencer esses obstáculos; qual o tipo e tamanho dos implementos seria o mais adequado; entre outras questões.

**Discutindo a aula 4:** Embora houvesse nas proximidades da escola obstáculos naturais como barrancos, córrego e cercas, semelhantes aos obstáculos naturais que historicamente puderam ser transpostos pelo salto com vara (DOHERTY, 1972), optou-se por desenvolver essa aula dentro da escola, evitando-se uma nova saída com os alunos, inclusive, por questões de segurança. Sendo assim, o jardim e o pátio da escola foram os locais utilizados.

Nesse espaço, buscou-se recriar situações que remetessem às atividades nas quais o salto com vara servisse como meio de transposição sobre obstáculos naturais, como as cercas de pedra, na Grã Bretanha (Doherty, 1972), sobre os canais aquáticos nessa mesma região (MACNAB, 1975), e nos países baixos (WIKIPÉDIA. 2008d). Quanto às subidas ou descidas de diferentes obstáculos naturais, embora não tenham sido encontradas referências históricas sobre a ocorrência desse fato, chegou-se a essa conclusão dado que, alguns obstáculos encontrados, ou eram muito largos, ou eram desníveis contínuos, onde não seria possível a transposição pelo salto com vara, mas, tão-somente, subidas ou descidas dos mesmos.

Dessa maneira, as atividades elaboradas pelos alunos durante a aula, tiveram a finalidade de reconstruir uma diversidade de situações problema, que já ocorreram de forma similar ao longo da história. O aprendizado alcançado pelos alunos diante dessas situações, pôde ser verificado durante a reflexão final: Ao Grupo Vermelho, questionou-se como fariam para saltar com a vara sobre obstáculos mais largos, como rios, por exemplo. “V8” respondeu que necessitariam de “uma vara maior” ou “correr mais rápido”. Já “V3”, sugeriu que se fizesse “um encaixe para não escorregar a vara”. A sugestão de “V3” se deve ao fato de que, durante os saltos sobre as duas cordas estendidas no chão, ao aumentarem-se as distâncias, as varas acabavam escorregando no momento do encaixe. Aproveitou-se esta observação para questionar o Grupo Vermelho, sobre qual seria o melhor local para

se encaixar a vara naquele caso, se antes ou no meio do obstáculo. Neste caso, as opiniões se dividiram.

Ao Grupo Preto, questionou-se como fariam para saltar com uma vara sobre um obstáculo mais fundo. “P4” sugeriu novamente “um implemento maior”, enquanto “P6” sugeriu o uso de uma vara de fibra, “pois esta dava mais impulso”. “P4”, lembrando dos saltos descendentes, concluiu que um obstáculo fundo pode ser transposto saindo-se “parado, com uma vara maior e de um lugar mais alto”. “P4” sugeriu também a utilização da técnica americana, mencionada pela International Association of Athletics Federations (2008b), onde o salto é feito com a reversão do corpo, ao invés da técnica inglesa, onde as passagens sobre o obstáculo eram feitas na posição sentada, mencionada por autores como Doherty (1972), Ward (1962) e Jonath, Haag e Krempel (1977), pois assim, evita-se “cair de costas”.

Ao Grupo Azul, questionou-se sobre a razão de não terem conseguido saltar sobre obstáculos mais largos [o “rio”]. Segundo “A7”, era “porque as varas estavam escorregando”, ao que “A2” sugeriu um “calço”. “A1”, propôs que seria possível escalar um implemento bem alto, desde que “alguém segurasse” em sua base, tendo a idéia, possivelmente, de uma manobra semelhante ao “fierldjappen” [ver figura 15, p. 55], modalidade esportiva que, mais tarde, conheceriam por meio da apresentação de slides e vídeos.

No Grupo Cinza, “C4” foi quem saltou com maior facilidade sobre “o rio”, e observou que, à medida que as cordas eram afastadas, teve que “pegar mais na ponta da vara e correr com mais velocidade”.

Observou-se que as atividades desta aula levaram os alunos a entrar em contato às antigas práticas utilitárias do salto com vara (SALLERAS, 1971), desde os problemas propostos, até as soluções encontradas pelos alunos. Como transpor, como subir, ou, como descer, eram problemas comuns que o homem encontrou na natureza e que, por vezes, foi solucionado por meio do salto com vara, fatos que se repetiram durante essa aula.

Em relação aos materiais utilizados, no caso dos saltos com vara descendentes, onde a extremidade inferior das varas era apoiada em um plano mais baixo, as varas maiores se mostraram mais úteis. As varas mais curtas ficavam abaixo da linha do ombro dos alunos, não oferecendo um apoio adequado para as “descidas”. No caso da utilização do encerado como área de queda, este não

demonstrou ser tão eficaz, possivelmente devido a seu grande tamanho. Uma lona menor, de 4 x 4 metros, aproximadamente, talvez servisse melhor para esse fim.

### 5.2.5 Aula 5

**Tema:** O salto com vara no contexto militar.

**Objetivos da aula:** Proporcionar vivências que se relacionem com os relatos históricos sobre a utilização do salto com vara como parte do treinamento para a guerra.

**Duração da aula:** 100 minutos.

**Data:** 19 de junho de 2008.

**Alunos presentes:** 31 (todos).

**Materiais utilizados:** Coletes nas cores: preta, vermelha, cinza e azul; implementos individuais de bambu; giz; uma corda; uma bola plástica; um saco de estopa; uma fita adesiva; cinco cones de sinalização; folha com figuras impressas.

**Local das atividades:** Ruas pouco movimentadas próximas à escola.

**Desenvolvimento:** Para esta aula, discutiu-se com os alunos a forma de utilização do tempo e do espaço necessários para as atividades. De forma conjunta, resolveu-se que as atividades seriam desenvolvidas nas ruas pouco movimentadas próximas à escola, uma vez que a quadra estava interditada e o pátio estava sendo utilizado por outra turma. Em relação ao tempo necessário para desenvolver as atividades, a maioria dos alunos optou por fazer o intervalo ao final da quarta aula, ao invés do horário normal. Dessa maneira, não seriam necessárias duas saídas da escola e dois retornos.

Enquanto eram entregues os coletes para os alunos, foi feita uma breve introdução aos relatos históricos sobre a utilização do salto com vara no campo militar, quando, muitas vezes, os soldados utilizavam a própria lança como implemento (QUERCETANI, 1964; YALOURIS, 2004).

Em seguida, os alunos pegaram seus implementos e seguiram em direção a uma rua situada a quatro quadras da escola. Nesse local, puderam ser desenvolvidas as seguintes atividades:

**Atividade 1:** Corrida de padiolas.

Essa atividade teve como objetivo utilizar as varas para formar uma padiola, um tipo de maca utilizada para transportar feridos nos campos de batalha. Serviu também como aquecimento, já que todos os alunos participaram simultaneamente da atividade.

Inicialmente, cada grupo escolheu duas varas para servirem de padiolas. Posicionaram-se em colunas, atrás de um cone que marcava a linha de partida. Nesta formação, seguraram as duas varas, uma em cada lado do corpo, pela altura da coxa, deixando um pequeno espaço entre eles a fim de acomodarem o aluno a ser transportado, ou, o “ferido”.



Figura 119: Largada da prova da corrida das padiolas.

Ao sinal, os alunos deveriam correr em direção a outro cone, contornando-o, antes de retornarem à linha de partida. O grupo vencedor seria aquele que completasse o percurso em um menor tempo, mas sem derrubar o “ferido”.



Figura 120: Padioleiros contornam o cone.



Figura 121: Chegada da corrida das padiolas.

### Atividade 2: Chute voador.

Essa atividade consistiu em um salto com vara seguido de um chute lateral em direção a um alvo suspenso. O alvo confeccionado para esta atividade era formado por uma bola, um saco de estopa, um elástico, fitas adesivas e uma vara. Uma das alunas, “V5”, encontrou uma maneira segura de sustentar o aparelho e, sem fazer muito esforço, encostou a extremidade inferior da vara na sarjeta enquanto a extremidade superior sustentava o alvo a um metro do chão. Antes que os alunos iniciassem suas tentativas, foram apresentadas algumas figuras [figura 10, p. 51 e figura 3, p. 47], sendo que, entre elas, uma ilustrava essa atividade. Foi dado um tempo para que os alunos experimentassem a atividade. A partir daí, os erros ou acertos de cada grupo foram anotados no diário de campo com a ajuda de alguns alunos.



Figura 122: “V5” segura o alvo.



Figura 123: “A3” em pleno vôo.



Figura 124: “A7” passa próxima do alvo.



Figura 125: “A2” acerta e balança o alvo.

### Atividade 3: Rei da Mesa 1 e 2.

Com a ajuda de uma corda e um giz, foi traçado no chão, um círculo com aproximadamente 5 metros de diâmetro. Esse espaço delimitava uma área de luta. Dentro do círculo, dois alunos de grupos diferentes utilizavam um implemento e lutavam das seguintes maneiras:

a) Rei da Mesa 1: Em uma regra parecida com a do Sumô, dois alunos se posicionavam próximos ao centro da área demarcada e, segurando uma mesma vara pela altura do peito, tentavam empurrar o colega para fora do círculo. Vencia a disputa o aluno que fizesse com que o colega colocasse pelo menos um dos pés para fora da área. Por segurança, foi pedido para que os alunos não erguessem as varas à altura do rosto. Para evitar também algum tipo de vantagem, cada aluno deveria manter uma mão por dentro e outra por fora na empunhadura.



Figura 126: Rei da mesa 1: "A1" x "V4".



Figura 127: Rei da mesa 1: "A5" x "V7".

b) Rei da Mesa II: Posicionados da mesma forma que na atividade anterior, o objetivo da luta agora consistia em encostar a extremidade direita da vara no chão. Observou-se nessa atividade que, além da força, foram utilizadas diferentes técnicas, especialmente, os giros.



Figura 128: "P4" coloca pressão para o lado direito.

**Atividade 4: Katá<sup>24</sup> com varas.**

Na atividade final, com o sol mais forte, os alunos indicaram um lugar, duas quadras acima, onde havia sombra. Nesse local, o professor fez a demonstração de um *katá* com o uso de uma vara. A partir dessa demonstração, foi solicitado aos grupos que criassem um *katá* original, com as seguintes características: saudação inicial e final; sincronia dos movimentos; mínimo de 12 movimentos, sendo que, dentre eles, deveria constar um salto com vara finalizado com um chute.

Ao final dessa aula os alunos retornaram rapidamente a escola, devido ao horário estar avançado.



Figura 129: Grupos Azul e Cinza treinam *seus katás*.

**Discutindo a aula 5:** A partir de referências de autores como Doherty (1972); Jonath, Haag e Krempel (1977); Quercetani (1964) e Yalouris (2004), que mencionam a utilização de lanças para a execução do salto com vara na Grécia antiga, ou ainda, da lenda celta sobre Diarmuid (WARE, 1999), que descreve uma aplicação prática do salto com vara durante uma batalha, buscou-se desenvolver nessa aula, atividades em que as varas servissem tanto como um implemento para os saltos, quanto um tipo de arma ou de outros equipamentos rudimentares em situações de ataque e defesa.

As referências consultadas sobre a utilização do salto com vara no contexto militar da Antiguidade, no entanto, deram pistas bem restritas de como isso ocorria. Quercetani (1964) descreve a utilização do salto com vara [ou com a lança] como forma de fugir dos inimigos ou “bestas ferozes”, saltando sobre cercas ou riachos. Yalouris (2004) acrescenta ainda a possibilidade de se transpor aterros e faz

<sup>24</sup> Katá: forma demonstrativa de luta, com movimentos previamente combinados de ataque e defesa.

menção ao salto com vara como parte do treinamento dos jovens. Portanto, algumas atividades desenvolvidas durante essa aula, remetem a esses dados históricos, como os treinamentos executados pelos alunos antes das atividades do chute voador e do *katá*, e o uso combinado das varas tanto como um tipo de arma [lança], quanto de implemento para os saltos. Todas as atividades, porém, avançaram a partir dessas informações: Simulando movimentos de ataque e defesa com as varas, inclusive, combinando-se com o próprio salto, buscou-se ampliar a compreensão dos alunos acerca das possibilidades de utilização das varas em antigos cenários de guerra.

Essas atividades proporcionaram ao grupo de alunos algumas reflexões interessantes, como a realizada após a apresentação das duas figuras, pouco antes da atividade 2. A primeira era de um lutador de Wushu realizando um salto com vara seguido de um chute [figura 10, p. 51], figura que serviu como exemplo para a atividade. A segunda figura era de um grego saltando sobre cavalos [figura 3, p. 47], e que suscitou a seguinte questão: Em uma guerra antiga, se um soldado a pé saltasse daquela maneira em direção a um soldado montado, poderia derrubá-lo do cavalo? Alguns alunos acharam que sim, especulando sobre uma situação que ultrapassa os breves relatos históricos sobre o assunto.

Para a realização dessa aula, as dificuldades relacionadas ao espaço e ao tempo disponíveis, também se fizeram presentes. Houve certa demora para o retorno para a escola, sobrando pouco tempo para a higiene pessoal e para o lanche dos alunos.

Alguns grupos (Vermelho, Azul e Cinza) encontraram dificuldades no momento da criação dos *katás*, uma forma tradicional de treino marcial. Buscou-se facilitar essa atividade com exemplos e, também, indicando que, a cada movimento, fizessem uma contagem simultânea. Dessa maneira, a sincronia dos movimentos melhorou significativamente.

### **5.2.6 Aula 6**

**Tema:** A evolução das técnicas e as mudanças nas regras.

**Objetivos da aula:** Vivenciar atividades que se relacionem com duas das técnicas utilizadas historicamente para se transpor a barra no salto com vara, a saber: a inglesa, onde a barra é transposta na posição “sentada” e, a americana, onde a transposição da barra é feita com o abdômen voltado para baixo; desenvolver atividades que se relacionem com a principal mudança nas regras do salto com vara, a proibição da troca de mãos no implemento durante o salto, que impossibilitou a realização da técnica inglesa de escalar o implemento; reconhecer formas ginásticas auxiliares no treinamento para o salto com vara; dar ênfase as fases de engrupamento – extensão - rotação.

**Duração da aula:** 100 minutos.

**Data:** 26 de junho de 2008.

**Alunos presentes:** 25

**Alunos ausentes:** 6 (P1, P5, V1, V8, C2 e C5).

**Materiais utilizados:** Coletes nas cores: preta, vermelha, cinza e azul; implementos individuais de bambu; uma vara de alumínio; mastro metálico [6 metros]; duas bobinas para fios elétricos; uma corda com nós; dois cones; um encerado de caminhão; sete espumas.

**Local das atividades:** Jardins da escola.

**Desenvolvimento:** O local para esta aula foi preparado com antecedência. Sobre o encerado estendido no gramado do jardim, foram realizadas as primeiras atividades, depois de um breve aquecimento.



Figura 130: Aquecimento para a aula 6.

**Atividade 1:** Parada de mão: Depois de aquecidos, comentou-se com os alunos sobre a dificuldade de se realizar a fase da extensão do corpo no salto com vara. Nessa fase, o atleta utiliza a força dos braços para colocar seu corpo em uma posição invertida em relação ao solo, ficando de “ponta-cabeça”. Para simular este movimento, propôs-se uma atividade bem conhecida pelos alunos, a parada de mão com os pés encostados na parede. Nessa posição, os alunos que pudessem, tentariam realizar a flexão de braços invertida, treino específico para a fase da extensão do corpo.



Figura 131: Parada de mão na parede.

**Atividade 2:** Estrela: Em seguida, propôs-se a realização da “estrela”. Essa atividade foi realizada aumentando-se gradativamente seu grau de dificuldade: sem rotação, com rotação e, finalmente, com a transposição de um obstáculo.



Figura 132: “P2” executa uma estrela.



Figura 133: Transposição com estrela por “C3”.

**Atividade 3:** Escalada do mastro.

Após as atividades de solo, foi proposta a escalada do mastro. Antes que houvesse tempo para explicar a razão daquela atividade, “V5”, questionou: “Mas o que isto tem a ver com o salto com vara?”. Foi esclarecido para todos os alunos que, uma das mudanças mais significativas das regras da prova do salto com vara foi a proibição da troca de mãos no implemento durante o salto, impossibilitando assim, a técnica inglesa de escalar a vara. Ainda assim, as escaladas em diferentes tipos de aparelhos, como cordas e mastros, podiam servir como treino para a prova do salto com vara.

Na escalada do mastro, a maioria dos alunos tentou fazê-lo da maneira tradicional, cruzando as pernas sobre o mesmo, assim como se faz em um “pau-de-sebo”.



Figura 134: “C6” escala o mastro.

“A2”, no entanto, encontrou outra maneira: segurou o mastro com os braços estendidos e, mantendo o corpo distante, realizou a troca de mãos ao mesmo tempo em que impulsionou o corpo com a ponta dos pés.

**Atividade 4:** A escalada na corda com nós.

Os alunos deveriam utilizar somente a força dos braços para fazer a escalada na corda com nós. Dessa maneira, puderam ter uma melhor noção sobre a força necessária para sustentar o corpo nas fases aéreas do salto com vara. Antes que iniciassem essa atividade, foram alertados para o cuidado necessário nas descidas, especialmente, para evitar que enroscassem a virilha nos nós da corda.



Figura 135: “V2” escala a corda com nós.

Uma proposta alternativa para quem não tivesse força suficiente para escalar a corda somente com a força dos braços ou, que estivessem sentindo muitas dores nas mãos, foi a escalada com a ajuda dos pés. Nesse momento, discutiu-se com os alunos, quão difícil deveria ser a técnica inglesa da escalada.



Figura 136: “A7” escala a corda com a ajuda dos pés.

### Atividade 5: Balanço do Tarzan.

Após o intervalo, utilizou-se a mesma corda suspensa para o treino das fases do engrupamento e da extensão. Por estar amarrada em uma árvore, pendendo sobre um dos corredores do jardim, a corda serviu como uma espécie de “cipó do Tarzan”. Uma bobina colocada na extremidade do corredor serviu como plataforma para os saltos, que foram feitos da seguinte maneira: os alunos subiam na bobina, seguravam na corda, saltavam e, durante o balanço, executavam as fases do engrupamento e da extensão. Inicialmente, em um balanço de ida e volta na corda, os alunos deveriam “aterrissar” sobre a mesma bobina. Em seguida, as espumas foram colocadas na extremidade oposta do corredor. Dessa maneira, a corda ficava suspensa entre a bobina e as espumas, sendo que os alunos saltavam de uma para a outra.



Figura 137: “A4” pronto para saltar com a corda.



Figura 138: “A2” “engrupa” e estende.

### Atividade 6: Salto sobre a bobina.

No mesmo local onde se realizaram as atividades com a corda, foi montada uma instalação parecida com a utilizada na prova ginástica do salto sobre a mesa: a calçada do jardim serviu como corredor para as corridas de aproximação, a bobina como mesa e as espumas como área de queda. Este exercício ginástico também teve a intenção de transmitir aos alunos a noção da força necessária para sustentar o peso do corpo no implemento. Os primeiros saltos foram feitos da seguinte maneira: corria-se pelo corredor em direção à bobina, saltava-se sobre ela com o apoio das mãos e finalizava-se caindo sentado e de costas para o corredor.



Figura 139: Entrada do salto sobre a “mesa”.



Figura 140: Momento de apoio para o salto.



Figura 141: Caindo de costas para o corredor.

Essa atividade ainda foi proposta de forma diferente: os alunos deveriam apoiar-se lateralmente sobre a mesa, como aconteceu na “estrela”, girar o corpo e cair de frente para o corredor, técnica semelhante a passagem americana por sobre a barra, em que se executa a reversão do corpo.

#### **Atividade 7: Saltos com vara.**

Na atividade final, a bobina foi retirada do corredor, dando espaço para as corridas de aproximação para os saltos com vara. Os primeiros saltos foram feitos com a técnica inglesa de transposição da barra, ou seja, na posição sentada. As correções técnicas foram feitas particularmente em relação ao engrupamento e a extensão do corpo. Em seguida, os alunos iniciaram os saltos com vara na técnica americana, com reversão do corpo. Em ambas as técnicas, não foi utilizada a barra ou o elástico, sendo que, o único obstáculo a ser transposto, foi a altura do próprio amontoado de espumas.



Figura 142: "C6" no momento do encaixe.



Figura 143: "A4" na técnica inglesa (sentada).



Figura 144: "C4" inicia reversão do corpo.



Figura 145: "C4" finaliza reversão do salto.

Ao final dessa aula, foram apresentadas duas figuras que demonstravam a passagem pela barra nas técnicas inglesa [figura 16, p. 57] e americana [figura 40, p. 73].

**Discutindo a aula 6:** Nessa sexta aula de aplicação, foram desenvolvidas algumas atividades ginásticas, assim como fazem os atletas da prova do salto com vara na atualidade. Foram dados alguns exemplos de atletas que começaram a carreira esportiva na ginástica olímpica e, posteriormente, passaram a competir na prova do salto com vara, como Fabiana Murer e Yelena Isinbayeva (CORRÊA, 2006). Da mesma maneira, foram apresentadas as questões da mudança nas técnicas e nas regras do salto com vara.

Em relação ao desenvolvimento das técnicas utilizadas ao longo da história, a maioria dos alunos conseguiu identificar e executar a técnica inglesa de passagem

sobre a barra que, de acordo com Doherty (1972), Jonath; Haag e Krempel (1977) e Ward (1962) acontecia na posição sentada. A técnica americana, onde a fase de extensão e rotação do corpo e a passagem sobre a barra acontecem com o abdômen voltado para baixo (INTERNATIONAL ASSOCIATION OF ATHLETICS FEDERATIONS, 2008a), também pôde ser identificada pelos alunos e parcialmente executada, já que essa exigia mais força e coordenação dos movimentos dos braços. Observou-se que essa dificuldade, mesmo entre as melhores execuções [A2 e C4 - ver figura 144, p. 153], teve relação com o que mencionou Hugh H. Baxter apud Doherty (1972), sobre a técnica utilizada pelos primeiros atletas americanos dessa prova, os quais faziam força apenas com a mão de cima da empunhadura, limitando-se a usar a de baixo como apoio (p. 501).

Quanto à mudança nas regras, optou-se por abordar a proibição da troca das mãos no implemento, o que inviabilizava, por sua vez, a técnica inglesa de escalar o implemento (DOHERTY, 1972). A maneira encontrada para abordar esse assunto foi desenvolver atividades relacionadas aos movimentos de escalada ou, mais precisamente, que envolvesse a troca de mãos em diferentes equipamentos. A opção por utilizar aparelhos fixos como o mastro e a corda suspensa nas atividades de escalada, levaram em conta o nível de força e habilidade dos alunos, que, mesmo assim, encontraram certa dificuldade na execução dessas atividades. Essas dificuldades, por sua vez, levaram o grupo de alunos a refletir, ao final da atividade 5, sobre a dificuldade de execução da técnica de escalar o implemento, ao mesmo tempo em que se saltava. Para se propor uma atividade envolvendo o salto com vara com escalada simultânea, no entanto, teria sido necessário um espaço mais seguro, como uma caixa de areia ou gramado, que oferecesse maior proteção para as quedas, inclusive, para possíveis oscilações laterais.

Em relação à segurança das atividades, foram necessárias algumas adaptações. Por exemplo, o mastro do espirobol, que havia sido retirado da quadra de areia no início da reforma, precisou ser instalado em outro local para a atividade da escalada no mastro. A solução encontrada foi esta: colocou-se a parte inferior do cano dentro do vão de uma das bobinas, enquanto a extremidade superior foi amarrada na forquilha de uma árvore. Como os alunos faziam a escalada com as pernas enroscadas no mastro, não foi necessário que se colocassem as espumas de proteção.

Em termos de correção do movimento, observou-se que as fases de “engrupamento” e extensão descritas por Muller e Ritzdorf (2000), melhoraram significativamente após os exercícios na corda suspensa. Isso, possivelmente, em função da segurança oferecida pelas espumas.

No que se refere ao aprendizado histórico, os alunos tiveram a oportunidade de reconhecer uma das principais mudanças nas regras do salto com vara, ou seja, a proibição da troca de mãos nos implementos, por meio das atividades 3 e 4 e das discussões que se seguiram. Puderam, também, identificar duas das técnicas utilizadas ao longo da história da prova, especialmente, no que se refere a fase de transposição da barra, por meio da apresentação das figuras e das atividades 6 e 7.

### 5.2.7 Aula 7

**Temas:** O salto com vara esportivo; o salto com vara feminino; apresentação da história do salto com vara em PowerPoint e vídeos.

**Objetivos da aula:** Avaliar o aprendizado adquirido pelos alunos por meio de uma competição da prova do salto com vara; abordar a participação das mulheres na prova do salto com vara; apresentar a história do salto com vara em slides (PowerPoint) e vídeos.

**Duração da aula:** 100 minutos.

**Data:** 3 de julho de 2008.

**Alunos presentes:** 24

**Alunos ausentes:** 7 (P1, P3, P5, V2, V8, C7 e A3)

**Materiais utilizados:** Coletes nas cores: preta, vermelha, cinza e azul; implementos individuais de bambu; uma vara de alumínio; sete espumas; um encerado de caminhão; dois suportes do salto em altura; tabela de resultados [feita no diário de campo]; arquivos eletrônicos sobre a história do salto com vara em PowerPoint e vídeos.

**Locais das atividades:** Rua e terreno em frente à escola; sala de informática.

**Desenvolvimento:** Na sala de aula e, após a chamada, foi esclarecido para os alunos que duas atividades ocorreriam em locais distintos. Na primeira aula, participariam de uma competição da prova do salto com vara, na rua, em frente ao

portão da escola. Na segunda aula, assistiriam a apresentação da história do salto com vara em *slides* (PowerPoint) e vídeos, na sala de informática.

Para a primeira atividade, os suportes, a barra e os colchões foram posicionados com antecedência, em um terreno em frente ao portão da escola. A rua, de pouco movimento, serviu como corredor para as corridas de aproximação e, a sarjeta, como encaixe da vara. Ajudaram na montagem, alguns alunos da turma de A.C.D. de atletismo que, nas duas aulas anteriores, utilizaram essa mesma instalação para o treinamento do salto em altura.



Figura 146: Área de queda montada para a prova.



Figura 147: "V1" salta na prova masculina.

No local da prova, foi informado que, assim como na história, os homens iriam competir primeiro e, as mulheres, aguardariam para competir em seguida. Essa foi a maneira encontrada para contarmos aos alunos que, há poucos anos atrás, a prova do salto com vara era disputada exclusivamente pelos homens (CORRÊA, 2006).



Figura 148: “C5” acerta a empunhadura.

Os alunos foram informados que, embora se tratasse de uma competição esportiva, o objetivo não seria estabelecer qual deles saltaria mais alto, e sim, verificar quais os fundamentos da prova que haviam aprendido. Os aspectos a serem avaliados seriam os seguintes: empunhadura; encaixe e entrada pelo lado correto da vara; transposição da barra bem sucedida; transposição da barra de acordo com a opção técnica/histórica escolhida [inglesa ou americana]. Definiu-se com os alunos uma altura para a colocação da barra, onde todos pudessem realizar pelo menos um salto. Os resultados foram anotados no diário de campo.

Alguns alunos prontificaram-se a ajudar como árbitros, enquanto outro aluno anotava os resultados. Os alunos que auxiliaram, foram os primeiros a competir, para, em seguida, chamarem os demais para a execução das tentativas individuais, um grupo de cada vez.

Antes de cada tentativa, os alunos indicavam para o anotador qual seria a técnica que realizariam: se a inglesa, onde a transposição da barra deveria ser feita na posição sentada, mencionada por Doherty (1972); Jonath, Haag e Krempel (1977) e Ward (1962) ou, a americana, com rotação do corpo e transposição da barra feita com o abdômen voltado para baixo, como é descrita em International Association of Athletics Federations (2008a).

Os resultados alcançados pelos alunos podem ser observados nas tabelas a seguir:

**Tabela 10:** Representação dos resultados individuais da avaliação/competição da prova do salto com vara masculina.

<b>PROVA MASCULINA</b>	<b>Empunhadura</b>	<b>Encaixe/Entrada</b>	<b>Transposição</b>	<b>Técnica inglesa</b>	<b>Técnica americana</b>
<b>GRUPO PRETO</b>					
P1	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente
P2	C	M	E	E	
P3	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente
P4	C	C	C	C	
P5	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente
<b>GRUPO VERMELHO</b>					
V1	C	C	C	C	
V2	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente
V3	C	C	C		C
V4	C	C	E		C
<b>GRUPO CINZA</b>					
C1	C	C	E		C
C2	NR	NR	NR	NR	NR
C3	C	C	C		C
C4	C	C	C		C
<b>GRUPO AZUL</b>					
A1	C	C	C	C	
A2	C	C	C	C	
A3	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente
A4	C	C	C		C

Tabela: C = Execução correta; M = execução parcialmente correta; E = Execução falha; NR = Não realizou tentativa.

**Tabela 11:** Representação dos resultados individuais da avaliação/competição da prova do salto com vara feminina.

<b>PROVA FEMININA</b>	<b>Empunhadura</b>	<b>Encaixe/Entrada</b>	<b>Transposição</b>	<b>Técnica inglesa</b>	<b>Técnica americana</b>
<b>GRUPO PRETO</b>					
P6	C	C	E		C
P7	C	C	C		C
P8	C	C	M		M
<b>GRUPO VERMELHO</b>					
V5	C	C	C		C
V7	M	C	C		C
V8	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente
<b>GRUPO CINZA</b>					
C5	C	C	C	C	
C6	C	C	C		C
C7	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente	Ausente
C8	NR	NR	NR	NR	NR
<b>GRUPO AZUL</b>					
A5	C	C	C		C
A6	NR	NR	NR	NR	NR
A7	C	C	C		C
A8	M	C	M		C

Tabela: C = Execução correta; M = execução parcialmente correta; E = Execução falha; NR = Não realizou tentativa.

Essa atividade ocupou todo o tempo da primeira aula, e foi necessário utilizar o intervalo para guardar os materiais e preparar a apresentação do PowerPoint e dos vídeos para a segunda aula desse dia.

Os arquivos eletrônicos continham figuras e textos que contavam a história do salto com vara desde suas origens até os dias atuais. Para a apresentação, foi utilizada uma TV de 29 polegadas conectada a um computador. Os arquivos da história do salto com vara em PowerPoint, já haviam sido utilizados para apresentações em congressos científicos. Os vídeos selecionados, de curta duração, haviam sido coletados da internet. Esses vídeos apresentavam o espetáculo chamado “recorte”, ou saltos sobre touros com ou sem a utilização de

uma vara<sup>25</sup>; o *Fierldjeppen*<sup>26</sup> ; o salto em que Yelena Isinbayeva estabeleceu o recorde mundial de 5,01 metros<sup>27</sup>; um *vídeo-clip* com diversas situações que ocorrem no salto com vara, como testes de flexão, acidentes com os implementos, saltos inusitados<sup>28</sup>, entre outros.



Figura 149: Apresentação do PowerPoint e dos vídeos.

Durante a apresentação, foram feitas intervenções para relacionar as informações que apareciam na tela com as atividades que haviam sido desenvolvidas durante as aulas de aplicação.

Também foi apresentada para os alunos a medalha de bronze conquistada por Sinibaldo Gerbasi, atleta brasileiro da prova do salto com vara nos I Jogos Pan-Americanos, ocorridos em Buenos Aires, em 1951. Conforme já foi mencionado, essa medalha foi presenteada a esse professor-pesquisador, dias antes dessa aula, durante uma entrevista com esse ex-atleta.

**Discutindo a aula 7:** Inicialmente, havia sido programado para esta aula, um outro tipo de atividade prática. Seriam disputadas duas diferentes provas do salto com vara, tal como ocorreu historicamente: o salto com vara em distância e o salto com vara em altura (DOHERTY, 1972). Em uma tabela, seriam somados os resultados individuais nas duas provas, para se obter o resultado de cada um dos

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://br.youtube.com/watch?v=sulWRFEEyzY>>. Acesso em: 30 jun. 2008.

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://br.youtube.com/watch?v=UhTMEePk6D4>>. Acesso em: 30 jun. 2008.

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://br.youtube.com/watch?v=jvg2EPtoMMQ>>. Acesso em: 30 jun. 2008.

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://br.youtube.com/watch?v=aVaQSNwf7Ls>>. Acesso em: 30 jun. 2008.

grupos. Essa aula havia sido planejada para ser desenvolvida no mesmo local onde aconteceu a aula 3, ou seja, na caixa de areia da escola, onde não haveria riscos para se realizar a prova do salto com vara em distância. Com a interdição da quadra e, sem um espaço que oferecesse as mesmas condições de segurança<sup>29</sup> nas proximidades da escola, optou-se por realizar apenas a prova do salto com vara em altura. A alternativa encontrada para relacionar essa atividade com a história da prova, foi incluir nos itens da avaliação, duas das diferentes técnicas utilizadas historicamente para a transposição da barra, a saber: a técnica inglesa [DOHERTY, 1972; JONATH, HAAG; KREMPEL, 1977; WARD, 1962] e a técnica americana [INTERNATIONAL ASSOCIATION OF ATHLETICS FEDERATIONS, 2008a]. Para tanto, foi montada uma área de queda próxima ao portão do estacionamento da escola.

A avaliação proposta, portanto, envolveu os conhecimentos procedimentais adquiridos pelos alunos nas aulas anteriores, ou seja, a aprendizagem relativa a execução do salto com vara, bem como os conceitos, no que se refere ao processo histórico de evolução técnica da transposição da barra. Lembrando que o objetivo dessa pesquisa é ensinar o salto com vara a partir de sua história, esperava-se que, ao seu final, os alunos ampliassem seus conhecimentos acerca dessa prova do atletismo.

Tomou-se o cuidado para que a aula não se tornasse uma competição com o objetivo de se estabelecer quem saltava mais alto, mas sim, quem executava o salto com vara de acordo com a técnica inglesa ou americana de transposição da barra. Para tanto, os alunos estabeleceram uma altura constante para a barra, onde todos se sentissem confortáveis para realizar ao menos uma tentativa. Para as meninas, a barra foi colocada a aproximadamente 0,90 metros de altura, enquanto que, para os meninos, a barra foi colocada a uma altura aproximada de 1,10 metros.

Como a altura da barra não se alterava, os alunos foram avaliados pela execução correta de alguns fundamentos, e pelo conhecimento de uma das duas diferentes técnicas de transposição. Foram esses os itens avaliados: empunhadura; encaixe e lado correto de entrada; transposição da barra; acerto da opção pela técnica inglesa ou pela técnica americana de transposição da barra.

Em relação à empunhadura, foram observados os seguintes itens:

---

<sup>29</sup> Além do tanque de areia, uma outra opção para se fazer uma prova do salto com vara em distância seria um terreno gramado, inexistente na E. E. Prof. Odilon Corrêa.

- se a posição das mãos estava correta na empunhadura [firmeza, distância e direção];

- se a mão direita ficava próxima à lateral do quadril [destros].

- se o cotovelo do braço esquerdo permanecia elevado, na altura da empunhadura da mão esquerda [destros].

Em relação ao lado correto de entrada e ao encaixe, foram observados os seguintes itens:

- se a entrada do salto ocorria pelo lado direito da vara [destros].

- se a ponta inferior da vara tocava a sarjeta [encaixe].

- se o impulso do salto era feito com o pé esquerdo [destros].

Em relação à transposição da barra, considerou-se apenas se os alunos ultrapassavam a barra sem derrubá-la.

Em relação à escolha da técnica, foi esclarecido aos alunos que eles teriam duas opções: realizar o salto com vara de acordo com a técnica inglesa, onde a barra deveria ser transposta na posição sentada, ou, de acordo com a técnica americana, onde a transposição da barra deveria ser feita com a rotação do corpo e com o abdômen voltado para baixo. Foram consideradas corretas, neste item, as aproximações da técnica escolhida. Observou-se, porém, que alguns alunos saltavam com uma técnica próxima ao “estilo voador”, conforme mencionado por Doherty (1972). Ou seja, passavam sobre a barra com o corpo estendido lateralmente, conforme pode ser observado na figura 27, p. 64. Embora essa técnica não houvesse sido ensinada, acabou ocorrendo naturalmente.

Três alunos não quiseram participar da competição, alegando não estarem se sentindo bem, “C2”, “C8” e “A6”. “C2” participou colaborando como árbitro, enquanto “C8” e “A6” ficaram à sombra, já que não estavam em condições de colaborar com a atividade.

Analisando as tabelas 10 e 11 [páginas 155 e 156] observa-se que os resultados foram bastante positivos, tanto no que se refere aos fundamentos técnicos, quanto ao conhecimento histórico e execução de uma das duas técnicas de transposição da barra.

Ao final da primeira aula desse dia, a barra foi elevada a 1,60 metros, altura suficiente para que poucos tentassem ultrapassá-la, mas que não oferecia riscos para quem o fizesse. “A2” destacou-se novamente, ultrapassando a barra na segunda tentativa, para a vibração de seus colegas.



Figura 150: “A2” salta 1,60 metros.

A razão para que a disputa da prova feminina acontecesse depois da prova masculina, também teve uma relação com a história do salto com vara. Assim como na história, em que a disputas oficiais dessa prova foi exclusividade masculina até o ano de 1992, quando foi ratificado o primeiro recorde feminino do salto com vara pela IAAF, as alunas também tiveram que esperar para competir nessa prova. Essa informação, transmitida pelo professor momentos antes da atividade, gerou alguns protestos por parte das alunas e risos por parte de alguns alunos.

Entretanto, para que os alunos conhecessem com mais detalhes como esse fato veio a ocorrer ao longo da história, tal particularidade da prova do salto com vara foi retomada durante a aula, após o intervalo, com base *slides* do PowerPoint e alguns vídeos.

A apresentação em PowerPoint utilizada nessa aula, já havia sido apresentada no evento “Conversas com quem gosta de atletismo – V”<sup>30</sup>. Foram apresentados também, alguns vídeos e a medalha de Sinibaldo Gerbasi. Durante a apresentação, chamou-se a atenção dos alunos para que relacionassem os fatos históricos com as atividades que haviam realizado durante as aulas. Durante essa apresentação, algumas figuras e vídeos causaram espanto entre os alunos, como a do salto com vara sobre touros<sup>31</sup> e as que mostravam acidentes ocorridos devido a quebras de implementos<sup>32</sup>.

---

<sup>30</sup> Sobre o assunto ver: Freitas (2008).

<sup>31</sup> Disponível em: <http://br.youtube.com/watch?v=sulWRFEEyzY> Acesso em: 30 jun. 2008.

<sup>32</sup> Disponível em: <http://br.youtube.com/watch?v=aVaQSNwf7Ls> Acesso em: 30 jun. 2008.

A opção de apresentar a história do salto com vara por meio dessas diferentes mídias e, somente na penúltima aula de aplicação, teve um propósito: esperava-se que os alunos pudessem ir além dos registros históricos, acrescentando idéias que enriquecessem ainda mais as possibilidades de trabalho com o salto com vara. Não esperava-se que os alunos apenas reproduzissem os acontecimentos históricos relacionados ao salto com vara, mas que refletissem sobre cada uma das circunstâncias que envolveram as transformações nessa prova e, a partir daí, pudessem vivenciar tais acontecimentos, com possibilidades de transformação e superação. Mesmo que a proposta de ensino aqui apresentada parta da história da prova, ou seja, de fatos ocorridos no passado, as possibilidades de transformação e superação aqui apresentadas estão em concordância com a concepção de Thompson (1998) acerca do papel social da história, indicando que esta deve estar ligada direta ou indiretamente com o presente, levando “[...] a ação; não para confirmar, mas para mudar o mundo” (p. 43).

### 5.2.8 Aula 8

**Tema:** Avaliação final e confraternização.

**Objetivos da aula:** Avaliar o aprendizado conceitual adquirido pelos alunos em relação à história do salto com vara, por meio de uma redação em grupo; encerrar as aulas de aplicação dessa pesquisa com uma festa de confraternização.

**Duração da aula:** 100 minutos.

**Data:** 4 de julho de 2008.

**Alunos presentes:** 26.

**Alunos ausentes:** 5 (P1, P6, V3, V7 e C7)

**Materiais utilizados:** Quatro folhas de papel almaço.

**Local das atividades:** Sala de aula.

**Desenvolvimento:** Nessa última aula de aplicação, os alunos decidiram realizar a confraternização antes da avaliação final. Arrumaram os pratos e refrigerantes sobre algumas carteiras, agradeceram e serviram-se.



Figura 151: Festa de confraternização.

Depois da confraternização, os alunos colaboraram na limpeza da classe, preparando-a para a atividade seguinte, a avaliação final dessa pesquisa. Esta seria feita nos mesmos moldes que a avaliação inicial, ou seja, cada um dos grupos iria elaborar uma redação que versasse sobre o que haviam apreendido da história do salto com vara, durante as aulas de aplicação. Com este objetivo, cada um dos grupos se reuniu em um dos cantos da sala e, depois de acomodados, receberam uma folha de papel almaço para desenvolverem suas redações.

A pedido dos alunos foram colocados no quadro negro, alguns tópicos que pudessem servir de guia na elaboração das redações, como:

- O que aprenderam sobre a história do salto com vara?
- Quais as atividades que realizaram?
- Se houve relação entre as atividades desenvolvidas nas aulas de aplicação com a história do salto com vara?
- Se houve relação do que se aprendeu nessas 8 aulas de Educação Física com outras disciplinas?
- O que gostaram e o que não gostaram de fazer?
- Se foram tomadas medidas de segurança para se realizar as aulas?
- Qual a importância de terem trabalhado em grupo?
- Qual a avaliação final dos alunos sobre a pesquisa?



Figura 152: Grupos reunidos para a avaliação final.

Seguindo essas orientações, os grupos produziram os seguintes textos<sup>33</sup>:

#### GRUPO PRETO:

*Nessas últimas semanas, aprendemos muitas coisas sobre o salto com vara. O salto com vara começou na Irlanda com os celtas. Antigamente, o salto com vara era utilizado em guerras. Os militares usavam suas lanças para saltar sobre cavalos, rios e outras coisas. Até hoje, em alguns países, as pessoas utilizam um implemento para saltar sobre o touro. Os implementos evoluíram muito nesses anos todos. Os primeiros foram os de madeira, só que, muita gente morria, pois o implemento quebrava e as pessoas caíam bem em cima da vara e, como naquela época não tinham hospitais como hoje em dia, essas pessoas morriam. Depois, veio a vara de bambu. Foi aí que inventaram o encaixe, pois, quando eram varas de madeira, usavam um grampo na ponta para fincar no chão, e como não dava para prender o grampo no bambu, eles fizeram um buraco no chão para colocar a vara. Depois, começaram a usar a vara de metal, mas não a utilizaram por muito tempo, pois depois delas, começaram a utilizar as varas de fibra de carbono, que são melhores*

<sup>33</sup> Na transcrição das redações, foram mantidos os erros ortográficos originais, apresentados pelos alunos.

*em minha opinião, pois é mais flexível e dá um impulso maior para o alto. E foi aí que começaram a usar o encaixe de metal e os colchões para abafar a queda. Juntamente com o implemento, o estilo também evoluiu. O primeiro, as pessoas tinham que escalar a vara e saltar para o outro lado. Depois, os ingleses fizeram uma regra que, depois que o atleta começa a correr, não pode mudar a mão de posição e também inventaram um novo estilo que a pessoa salta e gira o corpo no ar. Até hoje as pessoas utilizam o salto com vara como esporte e atrações. Aprender tudo isso foi muito legal e o professor teve a intenção de ensinar e nós tentamos aprender o máximo possível.*

#### GRUPO VERMELHO:

*Aprendemos que o salto com vara pode ser usado de muitas formas; ele ajuda também a ultrapassar vários obstáculos. O salto com vara foi criado há muito tempo, desde o tempo dos macacos, até o tempo de hoje. Aprendemos a fazer muitas coisas com a vara. Exemplo: fizemos movimentos do kata com a vara, lutas, encaixe. Aprendemos as técnicas mais antigas e as do dia de hoje. Durante o trabalho, contamos muito com a segurança que devemos ter com o S.V. Vimos também as diferenças das varas, vimos todos os tipos. A primeira vara foi de madeira, depois de bambu, de metal e de fibra. Vimos qual é mais resistente, a mais flexível, temos também que saber a hora de usá-las, a hora e o local. Fizemos uma corrida com varas, que tem o nome de “padiola”. Nos tempos mais antigos, eles usavam a “padiola” para levar os feridos de guerra. Uma das mudanças das regras foi a que antigamente, o homem vinha correndo e escalava na vara. Isso se tornou proibido nos dias de hoje. Essa é uma das regras do S.V. Foi muito divertido fazer as atividades, algumas foram difíceis, mas, mesmo assim, conseguimos nos divertir. Achamos que foi seguro, tinha colchões, lona. Nós preparamos obstáculos para serem ultrapassados por nós mesmos. Gostamos muito das atitudes do Professor Fernando, ele soube ser bem explicativo. Apesar de não colaborarmos às vezes, mas aprendemos bastante coisas. Aprendemos a medir as varas, usamos a matemática, para ver altura, largura dos obstáculos, etc. Adoramos ter aprendido tudo sobre o S.V., as histórias, os movimentos, os truques, as regras, as evoluções, principalmente a ajuda do professor e queremos agradecê-lo: Obrigado Prof. Fernando.*

#### GRUPO CINZA:

*Aprendemos fazer a empunhadura, fazer o encaixe do salto com vara, aprendemos a escalar na corda, ganhamos brindes do professor<sup>34</sup>, aprendemos saltar sobre pneus em movimento, aprendemos erguer mais os pés para fazer o salto com vara, trabalhar com o grupo. Aprendemos que não devemos usar varas de madeira porque quebram fácil de mais e, o bambu, e as varas de fibra são melhores por serem mais fortes. Faz quatro mil anos que os homens competem e as mulheres começaram em 1995. Tem dois tipos de salto, o salto inglês, que salta de frente e o salto americano, que gira no ar. Tivemos muita segurança. Soubemos que não podíamos colocar a vara fora da guia, porque, se não, poderíamos escorregar e sofrer um acidente. Nos ensinou a pular de uma altura que nós sabíamos que não iríamos cair. Nós tínhamos de proteção colchões, lonas e regras para saber o que devemos fazer. Se divertimos muito e foi bem seguro aprendermos a história do salto com vara. Foi bom aprendermos que poderíamos usá-las até para fazer kata de karatê. As atividades do professor foram boas e o professor não obrigou a fazer nada que os alunos não quisessem. A física<sup>35</sup> teve muita relação com a matemática, porque tem de fazer somas e números, e todo esse trabalho foi muito legal e se divertimos muito, e pode ter certeza que guardaremos na memória o que aprendemos e fizemos de legal. Isso é o que temos pra falar, o trabalho foi uma maravilha.*

#### GRUPO AZUL:

*O salto com vara é um esporte muito antigo que surgiu na Irlanda, e, com o passar dos tempos foi praticado em outros países como Inglaterra e Estados Unidos. É que quando você trabalha em grupo tem mais idéias, um ajuda o outro. Em grupo, quando um não consegue fazer, outro faz, então, trabalhar em grupo é uma união, como se fosse irmão. A importância do trabalho em grupo é também garantir a segurança e o preparo físico do atleta. Para garantir a segurança do atleta, é preciso*

---

<sup>34</sup> Os brindes a que o grupo se refere, foram algumas caixas de bombom sorteadas entre os grupos após a confraternização final.

<sup>35</sup> Física, nesse caso, não se trata da disciplina de Física, parte da grade curricular do Ensino Médio, e sim, de Educação Física. É comum entre os alunos do Ensino Fundamental a utilização dessa forma errônea de se referir à disciplina de Educação Física.

*também, que a área onde o atleta irá cair, esteja cercada com algo macio como colchões. E para a vara não escorregar e o atleta não sofrer algum acidente grave, é preciso fazer um encaixe, como um buraco no chão ou encaixe de metal. Existem alguns tipos de saltos militares, como, por exemplo: o salto inglês (que se pula com a vara e cai sentado), e o salto americano (que faz um giro no ar). E tem também alguns saltos com chutes e com kata. Algumas pessoas usavam saltos para saltar obstáculos naturais, como: touros, muros, cavalos e outros. Em jogos olímpicos, é proibida a escalada em saltos ingleses ou americana, e existem vídeos que mostram vitórias masculinas e femininas, mas os homens ganham muito mais, porque eles já competem já faz 4000 anos.*

**Discutindo a aula 8:** Com a possibilidade de haver poucos alunos para a aula marcada para o dia 10 de julho, dada as circunstâncias de reforma da escola e, também, pela proximidade do recesso do meio do ano [com início marcado para o dia 11 de julho], esta aula foi antecipada para o dia 4.

Na aula de encerramento, a frequência dos alunos foi maior que a aula do dia anterior. Os alunos estavam motivados para a “festinha” de confraternização, mesmo sendo em uma sexta-feira, na penúltima semana de aula antes do recesso. A festa de confraternização aconteceu devido à colaboração do professor-pesquisador e dos alunos.

Para a avaliação final, foram anotados no quadro negro, tópicos que pudessem servir de referência na elaboração das redações. Ainda assim, houve perguntas a respeito do que deveria ser escrito e, também, sobre algumas dúvidas referentes à história do salto com vara.

Os resultados da avaliação demonstraram que o aprendizado sobre a história do salto com vara foi bastante positivo. Pôde-se observar pelas redações que todos os grupos souberam descrever diferentes aspectos da história do salto com vara. Na tabela a seguir estão relacionados alguns desses aspectos históricos mencionados pelos grupos em suas redações, como: sua origem; como treino militar; para vencer obstáculos naturais; a evolução dos implementos; os quatro tipos de implementos; o encaixe; o grampo de ferro; questões de segurança; as técnicas; as regras; e a participação feminina.

**Tabela 12:** Aspectos históricos do salto com vara, mencionados na avaliação final.

Aspectos históricos do salto com vara	Sua origem	Como treino militar	Para vencer obstáculos naturais	A evolução dos implementos	Os quatro tipos de implementos	O encaixe	O grampo de ferro	Questões de Segurança	As técnicas	As regras	A participação feminina
Grupo Preto	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
Grupo Vermelho	X	X	X	X	X	X		X	X	X	
Grupo Cinza	X	X	X	X		X		X	X	X	X
Grupo Azul	X	X	X			X		X	X	X	X

As redações também apresentaram algumas curiosidades, como a afirmação do Grupo Vermelho de que “o salto com vara foi criado há muito tempo, desde o tempo dos macacos, até o tempo de hoje”. Embora não houvesse sido ensinado dessa maneira, esta afirmação pode estar relacionada à apresentação do PowerPoint. Em um dos *slides*, havia fotos de chimpanzés utilizando pequenas varas para pegar insetos e, também, como um tipo de brinquedo. A intenção daquele *slide* era mostrar que a utilização de varas como um tipo de ferramenta, é comum entre aqueles animais. Entre os humanos, as varas também são utilizadas como um tipo de ferramenta com diferentes utilidades, inclusive, como auxílio para saltos. Pode-se esclarecer esse mal-entendido na aula seguinte, após o retorno do recesso do mês de julho e depois serem lidas as redações.

Quanto à apreciação dessa pesquisa, os alunos relataram que as atividades foram divertidas e que puderam aprender muitas coisas acerca do salto com vara.

Em relação ao trabalho do professor, foi mencionado o empenho para o ensino e o cuidado para que as atividades fossem realizadas com segurança. Já o Grupo Vermelho relatou que o professor soube ser “... bem explicativo, apesar de não colaborarmos às vezes”. A frase dá uma idéia de alguns contratemplos ocorridos durante o desenvolvimento das aulas de aplicação, mas nada que não corresponda

a situações comuns em aulas de Educação Física, como a falta de motivação, a indisciplina e a dispersão de alguns alunos. Em relação a esses aspectos negativos, embora tenham ocorrido com pouca frequência, foram tomadas algumas medidas, como, por exemplo, conversas com os alunos sobre suas atitudes durante as aulas.

Finalmente, a afirmação do Grupo Cinza de que aprenderam a “*erguer mais os pés para fazer o salto com vara*”, referindo-se à fase do salto com vara conhecida como “engrupamento”, demonstram que, além da história, conseguiram identificar um movimento técnico, trabalhado durante as aulas de aplicação.

## 6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa pode-se constatar que foram cumpridas duas tarefas distintas, a saber: o levantamento e organização da história do salto com vara em um texto ilustrado e, a partir dessa história, o desenvolvimento e aplicação do ensino da prova do salto com vara em aulas de Educação Física. Em vista dos resultados apresentados, é possível considerar que seus objetivos, tanto o geral quanto os específicos, foram plenamente atingidos.

Com a análise dos resultados alcançados no resgate da história do salto com vara, verificou-se que o conjunto de informações reunidas e organizadas em um texto com figuras, contemplou os aspectos mais importantes de uma história que retrocede a milhares de anos. A razão para que se realizasse essa etapa da pesquisa foi que, durante o minucioso levantamento bibliográfico, não foi encontrada nenhuma referência que, sozinha, contasse toda essa história, sendo que importantes informações encontravam-se dispersas em várias obras. Ao final dessa etapa, o texto construído a partir de várias referências pôde servir como base para o desenvolvimento das aulas de aplicação, além de poder vir a subsidiar outros trabalhos relacionados à história do salto com vara.

Contudo, durante a organização do texto sobre a história do salto com vara, algumas dificuldades foram encontradas. Dentre elas, cabe destacar:

a) Importantes referências primárias sobre a história do salto com vara não estão disponíveis em bibliotecas do Brasil e, nem mesmo, são passíveis de empréstimo por parte de bibliotecas no exterior, já que são obras raras, como foi o caso do livro “Gymnastik für die Jugend”, de GutsMuths ou “*A Book of Methods*” de Basedow. Seria importante que alguma biblioteca nacional se empenhasse em adquirir cópias dessas obras que, em algumas bibliotecas do exterior<sup>36</sup>, já se encontram em microfilmes.

b) São poucas as entidades destinadas a preservar a história do esporte no país. O Centro Pró-Memória Hans Nobiling do E.C. Pinheiros é um exemplo, não somente pelo rico acervo, mas, também, por um trabalho que contempla a pesquisa, a conservação, a organização e a divulgação desse material. Para essa instituição,

---

<sup>36</sup> Como exemplo, esse material pode ser encontrado na biblioteca da Universidade do Estado de Ohio, nos Estados Unidos da América, cujo acervo pode ser acessado pelo site: <<http://library.osu.edu/>>.

“cada nova informação descoberta amplia nossa visão do passado e dimensiona melhor nosso papel no presente”<sup>37</sup>. Outras iniciativas desse tipo, principalmente se partissem das entidades que regem o atletismo nacional, ampliariam a noção de utilidade do conhecimento histórico que é gerado continuamente dentro da cultura esportiva. Muito mais que um “*Hall of Fame*”, estes centros serviriam para preservar e divulgar um conhecimento aplicável e útil para a atualidade, tal qual a intenção dessa pesquisa.

c) A entrevista com o ex-atleta da prova do salto com vara, Sinibaldo Gerbasi, somente foi possível após uma longa busca pelos atletas pioneiros dessa prova no Brasil. Seus esclarecimentos e sua história de vida foram de inestimável valor para a compreensão do contexto de uma época e trouxeram a tona fatos praticamente desconhecidos pelas gerações atuais. Uma rara felicidade de encontrar uma pessoa capaz de fornecer tais informações e que, de outra maneira, poderiam estar se perdendo. A partir dessa experiência, verificou-se a importância de se preservar a memória de pessoas que, erroneamente, julga-se já terem feito a sua parte. Outras gerações têm muito a nos ensinar.

Quanto ao objetivo de implementar o ensino do salto com vara a partir de sua história, considera-se que este também foi plenamente alcançado, mesmo diante das diversas dificuldades relatadas no desenvolvimento das aulas. Já durante sua preparação, com o volume de informações reunidas no texto sobre a história do salto com vara, uma das primeiras preocupações foi selecionar os fatos mais significativos dessa história e que pudessem ser transformados em atividades. Quando isto não foi possível, a transmissão de algumas informações históricas ocorria nos intervalos entre uma atividade e outra ou no decorrer das mesmas.

Cabe mencionar que, para a etapa de aplicação das aulas, a opção pela metodologia da pesquisa-ação demonstrou ser totalmente adequada. Verificou-se que os pressupostos que regem esse método foram atendidos, como a construção do conhecimento e da aprendizagem em conjunto, bem como a tomada de decisões (THIOLLENT, 2003). Em suma, atitudes como a cooperação e participação de todos os envolvidos nesta pesquisa resultaram em um aprendizado coletivo.

No que se refere a variedade de instrumentos de coleta utilizados, como sugere El Andaloussi (2004), quais sejam: o diário de campo, as fotos e os vídeos,

---

<sup>37</sup> Fonte: <[http://www.ecp.org.br/inst\\_promemoria.asp](http://www.ecp.org.br/inst_promemoria.asp)>. Acesso em: 21 dez. 2008.

estes demonstraram ser de muita importância para essa pesquisa, proporcionando uma análise cuidadosa e prolongada dos resultados. Considerando-se que as anotações e gravações seguiram um processo democrático e participativo, próprio da pesquisa-ação, como sugere Barbier (2004), a coleta de dados, ora realizada pelo professor, ora pelos alunos, ainda teve a vantagem de não impedir ou atrapalhar o desenvolvimento das aulas.

Verificou-se ao final das aulas de aplicação, seja pelas vivências ou avaliações realizadas pelos alunos, que o ensino da prova do salto com vara foi efetivo, tanto no que se refere à sua execução prática, quanto ao conhecimento histórico. Isto demonstra que a proposta de ensino dessa prova a partir de sua história foi não somente possível, como possibilitou aos alunos a contextualização dessa parte da cultura do movimento para além das questões técnicas e esportivas.

Como subsídio para professores de Educação Física que queiram desenvolver a prova do salto com vara em suas aulas, além dos aspectos positivos alcançados no desenvolvimento dessa pesquisa, outros pontos também podem servir como orientação para novas aplicações:

a) O conhecimento histórico ensina “o que” e “como fazer”: o conhecimento da história do salto com vara forneceu idéias que puderam ser utilizadas diretamente nas aulas ou por meio de adaptações, tanto no que se refere às atividades, como aos materiais e espaço físico. Muitas das informações reunidas no texto sobre a história do salto com vara, no entanto, ainda podem ser exploradas de forma inédita.

b) O conhecimento histórico ensina o que “não fazer”: principalmente no que se refere às questões de segurança, o conhecimento histórico foi muito importante, pois esclareceu situações de risco que ocorreram no passado, como a utilização das varas de madeira.

c) O conhecimento histórico amplia a noção do presente: a possibilidade de contextualizar uma prática que a maioria das pessoas entende apenas como uma prova esportiva serviu para mostrar que o que acontece hoje nem sempre foi assim, e que, no processo de resgate e aplicação dessas informações, muita coisa pode ser repetida, transformada, ou ainda, superada.

Por fim, é possível dizer que esta pesquisa integra agora o processo histórico estudado, um processo vivo, onde, muitas vezes, foi necessário atualizar as informações, dado as rápidas mudanças ocorridas no cenário da prova do salto com vara, na educação, na escola e nas vidas particulares de cada um dos participantes.

A luta constante por melhores condições de ensino da qual essa pesquisa faz parte e as possibilidades abertas durante seu desenvolvimento, no entanto, indicam que, assim como a história, essa experiência não terminará por aqui.

## 7- REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. C.; BALUGOLI, L. Participação e intervenção do professor de Educação Física no planejamento escolar e na seleção dos conteúdos para as aulas. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – CEUCLAR, 5. 2006, Batatais. **Pôster**. Batatais: CEUCLAR, 2006.

AMIMEX. **Anciente pole vault**. Disponível em: <<http://www.phonecardsgreece.com/AMIMEX4/index.album/amimexancientpole-vault?i=4>>. Acesso em: 13 jan. 2008.

ARQUITETOS CASTRO MELLO. **Ícaro de Castro Mello** – Nas arenas da Profissão. Disponível em: <[http://www.castromello.com.br/estudio\\_cv3.htm](http://www.castromello.com.br/estudio_cv3.htm)>. Acesso em: 02 dez. 2008.

ASSIS DE OLIVEIRA, S. **Reinventando o esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001.

ATHLETIX. **World record progression**: pole vault men. Disponível em: <<http://www.athletix.org/Statistics/wrPVmen.html>>. Acesso em: 05 mar. 2008.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber Livro, 2004.

BEIJING 2008. **Athletics photos**. Disponível em: <<http://en.beijing2008.com/40/80/article212018040.shtml>>. Acesso em: 13 jan. 2008.

BETTI, I. C. R. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 25–31, 1995.

BIBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamento. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BORGES, V. P. **O que é história**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983.

BOWDOIN. **Highlights of Bowdoin College's track & field history**. Disponível em: <<http://studorgs.bowdoin.edu/track/program/history/>>. Acesso em: 13 jan. 2008.

BRACHT, V. Esporte, história e cultura. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. F. (Org.). **Esporte**: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002. Cap. 8, p. 191-205.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Área: Educação Física; Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental.** Brasília, 1998

BRESNAHAN, G.T.; TUTTLE, W.W.; CRETZMEYER, F.X. **Track and field athletics.** Saint Louis: The C. V. Mosby Company, 1964.

CALVO, A. P. **O Atletismo como conteúdo da Educação Física escolar: Estudo realizado com universitários da UNESP – Rio Claro.** 2005. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Instituto de Biociências - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

CANTARINO FILHO, M. R. **Atletismo capixaba: memória.** Brasília, Associação Brasiliense de Corredores, 21 mar. 2004. Disponível em: <<http://www.abc.esp.br/index.php?conteudo=11&id=14>>. Acesso em: 01/01/2008.

CASTELO-REIS, M. **Saltos – Técnica – Estilos.** Barcelona: Editorial Sintet, 1970.

CENTRO PRÓ-MEMÓRIA HANS NOBILING DO ESPORTE CLUBE PINHEIROS. **Ícaro de Castro Mello, grande campeão do atletismo.** Acervo: Foto nº. 3265. Disponível em: <[http://www.ecp.org.br/enst\\_promemoria.asp](http://www.ecp.org.br/enst_promemoria.asp)>. Acesso em: 28 nov. 2008a.

CENTRO PRÓ-MEMÓRIA HANS NOBILING DO ESPORTE CLUBE PINHEIROS. **Lúcio de Castro e Sumy Ohe, campeão e recordista japonês no atletismo.** Acervo: Foto nº. 1350. Disponível em: <[http://www.ecp.org.br/enst\\_promemoria.asp](http://www.ecp.org.br/enst_promemoria.asp)> Acesso em: 28 nov. 2008b.

CENTRO PRÓ-MEMÓRIA HANS NOBILING DO ESPORTE CLUBE PINHEIROS. **Walter Rehder, benemérito do atletismo.** Acervo: Foto nº. 3609. Disponível em: <[http://www.ecp.org.br/enst\\_promemoria.asp](http://www.ecp.org.br/enst_promemoria.asp)>. Acesso em: 28 nov. 2008c.

COICEIRO, G. A. **Atletismo: 1000 exercícios e jogos.** Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **Regras oficiais de atletismo: 2005.** Rio de Janeiro: Sprint, 2005.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **Atletismo, o esporte número 1 dos Jogos Olímpicos.** Disponível em: <<http://www.cbat.org.br/acbat/historico.asp>>. Acesso em 20 fev. 2008a.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **Fabiana Murer dá 1º ouro ao atletismo do Brasil.** Disponível em: <<http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=2507>>. Acesso em: 28 jan. 2008b.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **Fábio Gomes ganha ouro no salto com vara.** Disponível em: <<http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.Asp?news=2531>>. Acesso em: 28 jan. 2008c.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **Histórico das provas – Masculino**. Disponível em: <[http://www.cbat.org.br/provas/historico\\_masculino.asp](http://www.cbat.org.br/provas/historico_masculino.asp)> Acesso em: 28 jan. 2008d.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **Milhares de pessoas vêm último dia da competição**. Disponível em: <[http://www.cbat.org.br/provas/historico\\_masculino.asp](http://www.cbat.org.br/provas/historico_masculino.asp)>. Acesso em: 04 dez. 2008e.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **Resultado Oficial – Official Result - 1ª Etapa**. Salto com vara – Masculino / Men / Final - 07/06/2007. Disponível em: <[http://www.cbat.org.br/competicoes/sul\\_adulto/resultado.asp](http://www.cbat.org.br/competicoes/sul_adulto/resultado.asp)>. Acesso em: 04 dez. 2008f.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **Resultado Oficial – Official Result - 5ª Etapa**. Salto com vara – Feminino / Women / Final - 09/06/2007. Disponível em: <[http://www.cbat.org.br/competicoes/sul\\_adulto/resultado.asp](http://www.cbat.org.br/competicoes/sul_adulto/resultado.asp)>. Acesso em: 04 dez. 2008g.

CORRÊA, R. A beleza do salto. **Veja**, São Paulo, ed.1958, p. 106-107, 2006.

CRUZ, C.; RIBEIRO, U. **Metodologia científica**, teoria e prática. 2. ed. Rio de Janeiro: Axcel Books, 2004.

D’ALESSIO, M. M. **Reflexões sobre o saber histórico**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da Educação Física na Escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola**: Implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 64-79.

DARIDO, S. C.; SANCHES NETO, L. O contexto da Educação Física na Escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola**: Implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. Cap. 1, p. 1-24.

DIEM, C. **Historia de los deportes**. Barcelona: Luis de Caralt, 1966.

DOHERTY, J. K. **Tratado moderno de pista y campo**. México: Editores Associados. S. de R.L. 1972.

EL ANDALOUSSI, K. **Pesquisas-ações**: ciências, desenvolvimento, democracia. São Carlos: EdUFSCar, 2004.

EL CLUB DIGITAL. **No es un deporte pero son fotos de acción...** Disponível em: <<http://www.elclubdigital.com/foro/showthread.php?t=12795>>. Acesso em 05 de mar. 2008.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA – On Line. **Bob Richards**. Disponível em: <<http://www.britannica.com/eb/art-88052/Bob-Richards-raising-his-arms-in-triumph-after-his-record?articleTypeld=1>>. Acesso em: 13 jan. 2008.

FAGANELLO, F.R. Análise dos livros de atletismo como subsídio para o seu ensino no campo escolar. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade Humana). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE ATLETISMO. **Histórico do Troféu Brasil de Atletismo**. São Paulo: [s.n.], 1983.

FERNANDES, J. L. **Atletismo: Os Saltos: Técnica**, iniciação, treinamento. São Paulo, EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

FERREIRA, G.B. Re: Salto com Vara [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <frepa66grunt@ig.com.br> em 16 mar. 2008.

FREITAS, F. P. R. **Atletismo na escola**: O ensino da prova do salto com vara em uma perspectiva de saúde, 2007. 34f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Física Escolar) – Centro Universitário Claretiano, Batatais.

FREITAS, F. P. R. **Da madeira a fibra de carbono: sobre a evolução histórica da prova do salto com vara**. In: CONVERSAS COM QUEM GOSTA DE ATLETISMO, 5, 2008, Rio Claro. 45 slides: color, slides gerados a partir do software PowerPoint.

FREITAS, F. P. R. et al. O salto com vara na escola: abordando a prevenção dos problemas da coluna vertebral por meio do ensino da prova **Anais...** Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 117, 2007.

GARDIEN, A. et al. **L'Atlétisme**. Paris : Presses Universitaires de France, 1972.

GBRATHLETICS. The best historical British athletics stats site. **BRAZILIAN CHAMPIONSHIPS**. Disponível em: <<http://www.gbrathletics.com/nc/bra.htm>>. Acesso em: 27 out. 2008a.

GBRATHLETICS. The best historical British athletics stats site. **SOUTH AMERICAN CHAMPIONSHIPS (MEN)**. Disponível em: <<http://www.gbrathletics.com/ic/sac.htm>>. Acesso em: 27 out. 2008b.

GBRATHLETICS. The best historical British athletics stats site. **SOUTH AMERICAN CHAMPIONSHIPS (WOMEN)**. Disponível em: <<http://www.gbrathletics.com/ic/sacw.htm>>. Acesso em: 27 out. 2008c.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOELLNER, S. V. **Mulher e esporte em perspectiva**. Disponível em: <[http://scholar.google.com/scholar?hl=ptBR&lr=&q=cache:DW26an1tkx0J:www.esporte.gov.br/arquivos/mulher\\_esporte/esporte\\_mulher.pdf+salto+com+vara+na+escola](http://scholar.google.com/scholar?hl=ptBR&lr=&q=cache:DW26an1tkx0J:www.esporte.gov.br/arquivos/mulher_esporte/esporte_mulher.pdf+salto+com+vara+na+escola)>. Acesso em: 30 mar. 2008.

GREENBERG, S. **The 1948 London Olympics Gallery**. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/history/british/modern/olympics\\_1948\\_gallery\\_09.shtml](http://www.bbc.co.uk/history/british/modern/olympics_1948_gallery_09.shtml)>. Acesso em: 13 jan. 2008.

HADEN, S. **Dry Stone Walls England**. Disponível em: <<http://www.pbase.com/shaden008/image/53188777>>. Acesso em: 26 nov. 2008.

HAGUETE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

HERRINGSHAW, G. **Mike Bull – Great Britain**. Disponível em: <<http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=780>>. Acesso em: 13 jan. 2008a.

HERRINGSHAW, G. **Sergey Bubka – U.S.S.R**. Disponível em: <<http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=1453>>. Acesso em: 13 jan. 2008b.

HERRINGSHAW, G. **Yelena Isinbayeva – Rússia**. Disponível em: <<http://www.sporting-heroes.net/athletics-heroes/displayhero.asp?HeroID=3215>>. Acesso em: 13 jan. 2008c.

HOBBSAWN, E. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOGANSTAND. **Pairc an Chrocaigh – before 1959**. Disponível em: <<http://www.hoganstand.com/general/ground/articles/0328033.htm>>. Acesso em 15 jan. 2008.

HOU CH'UAN BAAT KUN. **Monkey King Long Pole (8' staff)**. Disponível em: <<http://kungfukc.com/weapons.html>>. Acesso em 28 jan. 2008.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUVION, M.; PROST, R.; PEYLOZ, H. R. **Tratado de atletismo – saltos: Triple, longitud, altura, pertiga**. Barcelona: Hispano Europea, 1986.

HOWSTUFFWORKS. **History of pole vaulting**. Disponível em: <<http://entertainment.howstuffworks.com/pole-vault1.htm>>. Acesso em: 29/01/2008.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF ATHLETICS FEDERATIONS. **Pole Vault – Women Landmarks**. Disponível em: <<http://www.iaaf.org/community/athletics/trackfield/newsid=9451.html>>. Acesso em: 26 fev. 2008a.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF ATHLETICS FEDERATIONS. **What is athletics**. Disponível em: <<http://www.iaaf.org/theSport/whatisathletics/TrackandField/disc=pv/index.htm>>. Acesso em: 28 jan. 2008b.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Robert Richards** – The vaulting vicar. Disponível em: <[http://www.olympic.org/uk/athletes/profiles/bio\\_uk.asp?PAR\\_I\\_ID=4885](http://www.olympic.org/uk/athletes/profiles/bio_uk.asp?PAR_I_ID=4885)>. Acesso em: 13 jan. 2008.

JAMD. **Pole vault medallists**. Disponível em: <<http://www.jamd.com/image/g/51145162>>. Acesso em: 02 dez. 2008.

JONATH, U.; HAAG, E.; KREMPEL, R. **Atletismo 1** - corrida e salto: Treino, técnica, tática. Lisboa: Casa do Livro, 1977.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LANCELLOTTI, S. **Olimpíada 100 Anos**, História completa dos Jogos. São Paulo: Círculo do Livro, Nova Cultural, 1996a.

LANCELLOTTI, S. **Olimpíada 100 Anos**, Jogos de Atlanta. São Paulo: Círculo do Livro, Nova Cultural, 1996b.

LAWSON, G. **World Record Breakers in Track & Field Athletics**. USA: Human Kinetics, 1997.

LENORD, D. **Physics and the olympics**. University of Alaska Fairbanks. Disponível em: <[http://fden-2.phys.uaf.edu/211\\_fall2002.web.dir/Daniel\\_Lenord/vault.html](http://fden-2.phys.uaf.edu/211_fall2002.web.dir/Daniel_Lenord/vault.html)>. Acesso em: 18 fev. 2008.

LES-SPORTS. **Jeux Olympiques : présentation et palmarès**. Saut à la perche femmes. Disponível em: <<http://www.les-sports.info/athletisme-jeux-olympiques-presentation-palmares-saut-a-la-perche-femmes-s5-c0-b0-g73-t828-v0-l23.html>>. Acesso em: 27 out. 2008a.

LES-SPORTS. **Jeux Olympiques : présentation et palmarès**. Saut à la perche hommes. Disponível em: <<http://www.les-sports.info/athletisme-jeux-olympiques-presentation-palmares-saut-a-la-perche-hommes-s5-c0-b0-g73-t828-v1-l23.html>>. Acesso em: 27 out. 2008b.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MATTHIESEN, S. Q. **Atletismo**. teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.

MATTHIESEN, S. Q. (Org.). **Atletismo se aprende na escola**. Jundiaí: Fontoura, 2005.

McNAB, T. **Athletics – Field Events**. Leicester: Knight Books, 1975.

MÜLLER, H.; RITZDORF, W. **Corre! Salta! Lança!** Santa Fé: Imprensa Ciscato, 2000.

NOSAMAMOSATLETISMO. **Conhecendo o esporte?** Disponível em: <[http://www.nosamamosatletismo.net/i\\_modalidade.asp](http://www.nosamamosatletismo.net/i_modalidade.asp)>. Acesso em: 05 mar. 2008.

OFFICIAL WEBSITE OF THE OLYMPIC MOVEMENT. **Athletics Olympic Record Progression Men Pole Vault.** Disponível em: <[http://multimedia.olympic.org/pdf/en\\_report\\_416.pdf](http://multimedia.olympic.org/pdf/en_report_416.pdf)>. Acesso em: 26 fev. 2008a.

OFFICIAL WEBSITE OF THE OLYMPIC MOVEMENT. **Athletics Olympic Record Progression Women Pole Vault.** Disponível em: <[http://multimedia.olympic.org/pdf/en\\_report\\_448.pdf](http://multimedia.olympic.org/pdf/en_report_448.pdf)>. Acesso em: 26 fev. 2008b.

OLYMPIQUE DE PARIS, 1900. Disponível em: <<http://www.cartage.org.lb/fr/themes/Loisir/Olympique/1900/1900.html>>. Acesso em: 13 jan. 2008.

ON TRACK. **Ron Morris clears 16”.** Disponível em: <<http://www.ontrackandfield.com/main/catalog/2008/index.html>> Acesso em: 28 jan. 2008.

OYAMA, T. A vara sumiu. **Veja**, São Paulo, ed.2075, 2008.

PARIS 1900. **Saut à la perche.** Disponível em: <<http://home.nordnet.fr/~scharlet/JO/Paris.htm>> Acesso em 13 jan. 2008.

PENNS GROVE HISTORY – Sports Hall of Fame. Disponível em: <[www.pennsgrovehistory.com/sportshalloffame.html](http://www.pennsgrovehistory.com/sportshalloffame.html)>. Acesso em: 13 jan. 2008.

PILATTI, L. A. Guttmann e o tipo ideal do esporte moderno. In PRONI, M.W.; LUCENA R.F. (Org.) **Esporte, história e sociedade.** Campinas: Autores associados, 2002.

PITHAN E SILVA, N. **Atletismo.** 3. ed. São Paulo: Cia. Brasil, [19--].

POLE VAULT SPORT DAY CANISTOTA. Disponível em: <<http://www.rootsweb.com/~usgenweb/sd/mccook/postcards/ppcs-mccook.html>>. Acesso em: 13 jan. 2008.

POLSSTOKBOND HOLLAND. **Holland first division** – Photos: Overview of the Jaarsveld venue. Disponível em: <<http://www.pbholland.com/foto.php?historie=Ja&nr=12&lang=en&context=PBH1>>. Acesso em: 13 jan. 2008a.

POLSSTOKBOND HOLLAND. **Holland first division** - Photos: Late 19th century: a farmer in fronte of his house with jumping pole. Disponível em: <<http://www.pbholland.com/foto.php?historie=Ja&nr=17&lang=en&context=PBH1>>. Acesso em: 13 jan. 2008b.

POLSSTOKBOND HOLLAND. **Holland first division** – Photos: This is how it all started and sometimes still user. *Algemeen Dagblad* August 1<sup>st</sup> 2002. Disponível em: <<http://www.pbholland.com/foto.php?historie=Ja&nr=19&lang=en&context=PBH1>>. Acesso em: 13 jan. 2008c.

PUBLIC RECORD OFFICE VICTORIA. **1956 Melbourne Olympic photographs.** Disponível em: <<http://www.prov.vic.gov.au/olympics/A352.asp>>. Acesso em: 13 jan. 2008.

QUERCETANI, R. L. **A world history of track and field athletics: 1864 – 1964.** London: Oxford University Press, 1964.

RESULTADOS DOS ATLETAS DO CLUBE DE ATLETISMO BM&F NO TROFÉU BRASIL CAIXA DE ATLETISMO 2006. **BM&F** – Clube de Atletismo. Disponível em: <<http://www.bmf.com.br/portal/pages/Clubeatletismo1/noticias/noticias.asp?ano=2mes=3>>. Acesso em: 04 dez. 2008.

ROCK ISLAND SCHOOL DISTRICT ATHLETICS. **Facilities.** Disponível em: <<http://home.risd41.org/sites/athletics/facilities.html>> Acesso em 13 jan. 2008.

RÜBELT, L. **Robert Richards.** Helsinki: 1952. Disponível em: <<http://beijing2008.cn/spirit/pastgames/halloffame/r/n214046394.shtml>>. Acesso em: 25 fev. 2008

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

SALLERAS, C. P. **Salto com Pertiga.** Barcelona: Editorial Sintes, 1971.

SÃO PAULO. Secretaria Estadual de Educação. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Educação Física.** Caderno do Professor – Ensino Fundamental, 6ª série, 1º bimestre. São Paulo: SEE, 2008a.

SÃO PAULO. Secretaria Estadual de Educação. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Educação Física.** Caderno do Professor – Ensino Fundamental, 7ª série, 1º bimestre. São Paulo: SEE, 2008b.

SÃO PAULO. Secretaria Estadual de Educação. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Educação Física.** Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio, São Paulo: SEE, 2008c.

SCHMOLINSKY, G. **Atletismo.** Lisboa: Estampa, 1982.

SHAW, J. **The unexpected olympians.** Disponível em: <<http://harvardmagazine.com/1996/07/olympian.html>>. Acesso em: 13 jan. 2008.

SILVA, A.C.L. **O atletismo em aulas de Educação Física:** pesquisa com professores da Rede Pública de Rio Claro. 2005. 67f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

SILVA PEDROSA, S. A. M.; PALAFOX, G. H. M. Atividade Física e Qualidade de Vida: Projeto Mova-se. **Revista Especial de Educação Física – Edição Digital,** Uberlândia, n. 2, 2004. Disponível em: <[http://www.nepecc.faefi.ufu.br/arquivos/simp\\_2004/4.exer\\_lazer\\_qualid/4.3\\_ativ\\_fis\\_qualidade\\_vida.pdf](http://www.nepecc.faefi.ufu.br/arquivos/simp_2004/4.exer_lazer_qualid/4.3_ativ_fis_qualidade_vida.pdf)>. Acesso em: 31 jan. 2008.

SOARES, C.L. et al. (Coletivo de Autores) **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo : Cortez, 1992.

SVANTLOG. **Ouch! That's gotta hurt!** 16 abr. 2004. Disponível em: <<http://www.swepett.pp.se/moveabletype/archives/2004/04/>>. Acesso em: 09 mar. 2008

THE BAY AREA SPORTS HALL OF FAME. **Cornelius "Dutch" Warmerdam**. Disponível em: <<http://www.bashof.org/inducteebios/cwarmerdam.htm>>. Acesso em: 25 fev. 2008.

THIOLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. História oral. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TOPFOTO. **Japan, Tokyo Olympic Games**. Disponível em: <<http://www.topfoto.co.uk/fotoweb/Preview.fwx?position=52&archiveType=ImageFolder&sorting=ModifiedTimeAsc&search=pole%20vault&fileId=37D47650838CC38D45944787427ED43BAA16554EB12788617C9FAB683DBE9F469A4F57634C585DFCA76F9F19589698937721F24268199BEE4A4D9F110CE59422B24E099716143782120B0AC6DB4677A1A8AD4A0CD9C1FA428AD9BB863C1F17F0909F3BCEA2AEC590>>. Acesso em: 28 jan. 2008.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ULMANN J. **De la gymnastique aux sports modernes**. Histoire des doctrines de l'Education Physique. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1977.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Faculdade de Educação. **Atletismo I**. Disponível em: <<http://www2.faced.ufba.br/departamentos/Departamentoeducacao fisica/subitens/disciplina/edc223>>. Acesso em: 20 fev. 2008.

UNIVERSITY OF NOTRE DAME. **Archives photographs**. Disponível em: <<http://archives.nd.edu/bagby/45g0525.jpg>>. Acesso em: 13 jan. 2008.

UOL OLIMPÍADAS 2004. **Seguindo os passos de Bubka**. Disponível em: <[http://esporte.uol.com.br/olimpiadas/modalidades/atletismo/especial\\_saltos.jhtm](http://esporte.uol.com.br/olimpiadas/modalidades/atletismo/especial_saltos.jhtm)>. Acesso em: 30/03/2008.

VAULT TECHNIQUES. **Track and Field – Pole Vault – History**. Disponível em: <<http://www.vaulttechniques.com/>> Acesso em 15 jan. 2008.

VAULTWORLD. **Don Gordon inventor of the first foam pit - History Pictures**. Disponível em: <[http://polevault.com/polevault\\_picturegallery/History/polevault\\_picturegallery2.html](http://polevault.com/polevault_picturegallery/History/polevault_picturegallery2.html)>. Acesso em: 13 jan. 2008a.

VAULTWORLD. **Eddie Seese** (In his younger days). Disponível em: <[http://polevault.com/polevault\\_picturegallery/History/polevault\\_picturegallery3.html](http://polevault.com/polevault_picturegallery/History/polevault_picturegallery3.html)> Acesso em: 13 jan. 2008b.

VEYNE, P. **Como se escreve a história**. Lisboa: Edições 70, 1971.

VIGARELLO, G. **Techniques d'hier... et d'aujourd' hui**. Paris: Robert Laffont, 1988.

WAKEFIELD, J. H. **Preparing the track for the high-jump and pole-vault, ca. 1910**. Disponível em: <[http://contentdm.lib.byu.edu/cdm4/item\\_viewer.php?CISO\\_ROOT=/BYUPhotos&CISOPTR=268&CISOBOX=1&REC=18](http://contentdm.lib.byu.edu/cdm4/item_viewer.php?CISO_ROOT=/BYUPhotos&CISOPTR=268&CISOBOX=1&REC=18)>. Acesso em: 27 jan. 2008.

WARD, I. **Pole vaulting** – Amateur Athletic Association. Londres: Sussex Printers Limited, 1962.

WARE, S. Technological Progress and the Olympic Games. **Journal of Olympic History**. n. 3, set. 1999. Disponível em: <<http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/JOH/JOHv7n3/JOHv7n3n.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2008.

WASEDA WEEKLY. **Medal of friendship**. Disponível em: <<http://www.waseda.jp/student/weekly/english/2007/e138b.html>>. Acesso em: 15 jan. 2008.

WIKIMEDIA COMMONS. **Image: knossos bull. jpg**. Disponível em: <[http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:Knossos\\_bull.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/Image:Knossos_bull.jpg)>. Acesso em: 04 dez. 2008.

WIKIPÉDIA. **Celtas**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Celtas>>. Acesso em: 04 dez. 2008a.

WIKIPÉDIA. **Dutch Warmerdam**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Dutch\\_warmerdam.JPG](http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Dutch_warmerdam.JPG)>. Acesso em: 13 jan. 2008b.

WIKIPÉDIA. **Fabiana Murer**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Fabiana\\_Murer](http://en.wikipedia.org/wiki/Fabiana_Murer)>. Acesso em: 03 dez. 2008c.

WIKIPÉDIA. **Johann Bernhard Basedow**. Disponível em: <[http://de.wikipedia.org/wiki/Johann\\_Bernhard\\_Basedow](http://de.wikipedia.org/wiki/Johann_Bernhard_Basedow)>. Acesso em: 13 jan. 2008d.

WIKIPÉDIA. **Johann Christoph Friedrich GutsMuths**. Disponível em: <<http://de.wikipedia.org/wiki/GutsMuths>>. Acesso em: 13 jan. 2008e.

WIKIPÉDIA. **Pole Vault**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Pole\\_Vaulting](http://en.wikipedia.org/wiki/Pole_Vaulting)>. Acesso em: 13 jan. 2008f.

WIKIPÉDIA. **Tailteann Games**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Tailteann\\_Games](http://en.wikipedia.org/wiki/Tailteann_Games)>. Acesso em: 15 jan. 2008g.

WIKIPÉDIA. **World record progression pole vault women**. Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/World\\_Record\\_progression\\_Pole\\_Vault\\_women](http://en.wikipedia.org/wiki/World_Record_progression_Pole_Vault_women)>.

Acesso em 14 dez. 2008h.

XXVII TROFÉU BRASIL CAIXA 2008. Notícia. **Elisângela e Maíla nos Jogos Olímpicos**. Disponível em: < <http://www.atletismo-trofeubrasil.com.br/competicoes/trofeubrasil/noticia.asp?news=2938&back=S>>. Acesso em 14 dez. 2008a.

XXVII TROFÉU BRASIL CAIXA 2008. Notícia. **Emoção e recordes no encerramento do TB Caixa 2008**. Disponível em: <<http://www.atletismo-trofeubrasil.com.br/competicoes/trofeubrasil/noticia.asp?news=2950&back=S>>. Acesso em 14 dez. 2008b.

YALOURIS, N. **Os Jogos Olímpicos na Grécia antiga**. São Paulo: Odysseus, 2004.

## 8- ANEXOS

### 8.1 ANEXO A – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido entregue aos alunos participantes da pesquisa.

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96).



Eu, Fernando Paulo Rosa de Freitas, aluno do Curso de Pós-graduação em Ciências da Motricidade Humana, da Universidade Estadual Paulista, venho por meio deste, convidar seu (sua) filho (a) a participar de um estudo de pesquisa, a se realizar na E.E. Prof. Odilon Corrêa. O título desta pesquisa é: "O SALTO COM VARA NA ESCOLA: SUBSÍDIOS PARA O SEU ENSINO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA".

Este projeto de pesquisa tem como objetivo analisar as possibilidades de ensino de um conteúdo esportivo, o salto com vara, a partir de sua história, e tem uma duração prevista de dois meses, acontecendo sempre durante as aulas regulares de Educação Física, das quais, este pesquisador, é também, o professor responsável.

A participação de seu (sua) filho (a) envolverá atividades intelectuais e físicas leves, relacionadas ao salto com vara, onde os riscos de qualquer acidente serão os mesmos de qualquer aula normal de Educação Física, tais como: cansaço e possibilidade de quedas leves. Para tanto, serão tomadas providências pelo pesquisador a fim de garantir a segurança de todos os participantes desta pesquisa. Além disso, os alunos aprenderão quais os cuidados necessários para a realização desta prova esportiva, tais como necessidade de utilização de colchões na área de queda; varas de bambu em perfeito estado de conservação e empunhadura correta, de modo a poderem praticá-la com o máximo de segurança. Vale salientar que o objetivo desta pesquisa não é identificar ou, nem mesmo, incentivar qualquer aluno a executar esta prova acima de um limite seguro.

Entre os benefícios que seu (sua) filho (a) poderá ter com a participação nesta pesquisa, está a oportunidade de conhecer a história de uma atividade física muito antiga, podendo praticá-la de diversas formas, sempre com segurança. Vale observar que, para a participação do (a) aluno (a), nesta pesquisa, não cabe nenhum tipo de remuneração, sendo que esta autorização poderá ser cancelada, se necessário for, durante a fase de aplicação das aulas.

Os resultados desta pesquisa poderão ser publicados, sendo que o nome, bem como a imagem dos participantes, serão sempre mantidos em sigilo. Para manter o sigilo destas informações, cada participante será designado por um código, sendo que as possíveis fotos das atividades, quando divulgadas, ocultarão o rosto do aluno participante.

Informamos, também, que quaisquer dúvidas a respeito desta pesquisa, bem como sobre a participação do (a) aluno (a), serão respondidas por este pesquisador, no próprio local da pesquisa, ou pelos telefones: residencial: 35321340, celular: 9232-1763.

Venho, portanto, pedir a autorização para que seu (sua) filho (a) participe desta pesquisa. Sua contribuição será muito importante para que possamos melhorar nossas aulas e construir uma proposta de ensino mais abrangente para o atletismo no campo escolar.

Desde já, agradecemos a sua atenção e disponibilidade.

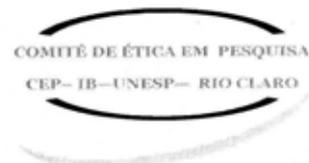


**8.2 ANEXO B – Cópia do Ofício de aprovação do Comitê de Ética em pesquisa  
– CEP – IB – UNESP – Rio Claro.**

**unesp**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
Câmpus de Rio Claro



Rio Claro, 18 de março de 2008.

Ofício CEP 024/2008

Prezada Senhora,

Informamos que em reunião realizada em **18.03.2008**, o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências, UNESP, Campus de Rio Claro (CEP-IB-UNESP), aprovou as alterações no projeto de pesquisa intitulado **“O salto com vara na escola: subsídios para o seu ensino a partir de uma perspectiva histórica”**, sob sua responsabilidade, protocolo 939, datado de *18/02/2008*, tendo como orientadora a Profa. Dra. Sara Quenzer Matthiesen.

Atenciosamente,

Profa. Dra. **Rosa Maria Feiteiro Cavalari**  
Coordenadora do Comitê

Ilmo. Sr.  
**FERNANDO PAULO ROSA DE FREITAS**  
Avenida 24-A, 1515  
Depto. De Educação Física